

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

IURIY MAKOHIM KOZELINSKI

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA DITADURA MILITAR:
O CASO DO DOCUMENTÁRIO 1964: ENTRE ARMAS E LIVROS (2019)**

**CAMPO MOURÃO – PR
2026**

IURIY MAKOHIM KOZELINSKI

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA DITADURA MILITAR:
O CASO DO DOCUMENTÁRIO 1964: ENTRE ARMAS E LIVROS (2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes e Linguagens

Área de Concentração: História Pública

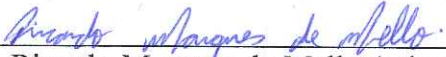
Orientador: Dr. Ricardo Marques de Mello

**CAMPO MOURÃO – PR
2026**

IURIY MAKOHIM KOZELINSKI

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA DITADURA MILITAR:
O CASO DO DOCUMENTÁRIO “1964: ENTRE ARMAS E LIVROS” (2019)**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Ricardo Marques de Mello (orientador) – Programa de Pós-Graduação em História Pública (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)



Dr. Marcos Eduardo Meinerz (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)



Dr. Paulo César Gomes Bezerra (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)

Data de Aprovação

31/03/26

Campo Mourão – PR

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Makohim Kozelinski, Iuriy

A construção histórica da Ditadura Militar: o caso do documentário 1964: Entre Armas e Livros (2019) / Iuriy Makohim Kozelinski. -- Campo Mourão-PR, 2026.
128 f.

Orientador: Ricardo Marques de Mello.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2026.

1. Brasil Paralelo. 2. Ditadura Militar. 3. Nova Direita. 4. História Pública. 5. Documentário. I - Marques de Mello, Ricardo (orient). II - Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ana e Samoel, pelo apoio incondicional, pela compreensão ao longo de todo o percurso e por terem sido a base que sustentou cada etapa desta trajetória. Sem vocês, a conclusão deste trabalho não seria possível.

Aos meus professores e às minhas professoras, pelos ensinamentos, pelas discussões e pela formação intelectual que tornaram possível a realização desta pesquisa. Em especial, ao meu orientador, Ricardo Marques de Mello, pela orientação atenta, pelas leituras rigorosas, pelas críticas precisas e pela confiança depositada neste trabalho. Sua contribuição foi fundamental para o amadurecimento desta dissertação.

Aos membros da banca examinadora, os doutores Marcos Eduardo Meinerz e Paulo César Gomes Bezerra, pela disponibilidade em avaliar este estudo e pelas contribuições que o enriqueceram.

Aos meus amigos e à minha amiga, Daniel Ferreira da Silva, Eliana Barros Pedroza, Maurício Biscaia Veiga e Juscelino Barros da Silva Filho, que estiveram presentes durante todo o percurso, oferecendo apoio, escuta, incentivo e companheirismo nos momentos mais desafiadores.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná, pela estrutura, pelo ambiente acadêmico e pelas condições institucionais que possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

KOZELINSKI, Iuriy Makohim. **A Construção Histórica da Ditadura Militar**: o caso do documentário 1964: Entre Armas e Livros (2019). 126f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Campo Mourão. Campo Mourão, 2026.

A presente pesquisa analisa a construção histórica da Ditadura Militar brasileira feita pelo documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), produzido pela empresa Brasil Paralelo. A pesquisa parte da relação entre a Nova Direita e a Extrema Direita e sua reinterpretação do período ditatorial brasileiro, muitas vezes dissociada da historiografia acadêmica. O estudo está fundamentado em três eixos principais de análise: produção, narrativa e recepção da obra, seguindo a metodologia de análise filmográfica proposta por Douglas Kellner. A dissertação também se apoia no conceito de Cultura Histórica, desenvolvido por Jörn Rüsen, que permite observar como o passado é interpretado por diferentes públicos por meio de cinco dimensões: estética, cognitiva, política, moral e religiosa. O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, “A Produção”, investigamos a trajetória da Brasil Paralelo, desde sua criação, em 2016, até o lançamento do documentário em 2019, destacando como a empresa constrói uma imagem pública de independência, neutralidade e excelência técnica, enquanto estabelece conexões com figuras e discursos da Nova Direita. Essa análise é realizada com base em entrevistas, materiais institucionais e reportagens. No segundo capítulo, “O Documentário”, estudamos a narrativa da obra à luz das dimensões da Cultura Histórica, apresentando como o documentário adota uma perspectiva de reescrita da história da Ditadura sob uma ótica conservadora, anticomunista e que relativiza os crimes cometidos pelo regime. O terceiro capítulo, “Os Comentários”, foca na recepção da obra por meio da análise dos comentários publicados na página do *YouTube* do documentário. A partir de um *corpus* de mais de 76 mil interações, que equivale ao período de 2019 até 2022, investigamos como os espectadores interpretam e reagem à narrativa apresentada. Por fim, pretendemos evidenciar como o documentário da Brasil Paralelo funciona como uma ferramenta de construção histórica no ambiente digital, disputando interpretações sobre o passado e moldando a percepção pública da Ditadura Militar no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; Ditadura Militar; Nova Direita; História Pública; Documentário.

ABSTRACT

This research analyzes the historical construction of the Brazilian Military Dictatorship as presented in the documentary *1964: Entre Armas e Livros* (2019), produced by the company Brasil Paralelo. The study begins by examining the relationship between the New Right and the Far Right and their reinterpretation of the Brazilian dictatorial period, often dissociated from academic historiography. The research is grounded in three main axes of analysis: the production, narrative, and reception of the work, following the film analysis methodology proposed by Douglas Kellner. The dissertation also draws upon the concept of Historical Culture, developed by Jörn Rüsen, which allows for an examination of how the past is interpreted by different audiences through five dimensions: aesthetic, cognitive, political, moral, and religious. The work is structured into three chapters. In the first, "Production," we investigate the trajectory of Brasil Paralelo, from its founding in 2016 to the release of the documentary in 2019, highlighting how the company constructs a public image of independence, neutrality, and technical excellence, while establishing connections with figures and discourses associated with the New Right. This analysis is based on interviews, institutional materials, and news reports. In the second chapter, "The Documentary," we analyze the film's narrative in light of the dimensions of Historical Culture, demonstrating how the documentary adopts a perspective that seeks to rewrite the history of the Dictatorship from a conservative and anti-communist standpoint, while relativizing the crimes committed by the regime. The third chapter, "The Comments," focuses on the reception of the work through an analysis of comments published on the documentary's YouTube page. Based on a corpus of more than 76 thousands interactions, which corresponds to the period from 2019 to 2022, we aim to investigate how viewers interpret and respond to the narrative presented. Finally, the study seeks to demonstrate how Brasil Paralelo's documentary operates as a tool of historical construction within the digital environment, disputing interpretations of the past and shaping public perceptions of the Military Dictatorship in contemporary Brazil.

Keywords: Brasil Paralelo; Military Dictatorship; New Right; Public History; Documentary.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1- Entrevistados	59
--------------------------------------	----

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Organização dos comentários	88
Tabela 2 - Organização dos comentários (2019 - 2022).....	92
Tabela 3 - Divisão da categoria Discussão Histórica por ano (2019-2022).....	94

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B.P. - Brasil Paralelo

COF - Curso Online de Filosofia

CH - Cultura Histórica

CQC - Custe o Que Custar

CNV - Comissão Nacional da Verdade

HP - História Pública

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

StB - Státní bezpečnost ou Štátna bezpečnosť

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	24
A PRODUÇÃO	24
1.1. A Brasil Paralelo em perspectiva histórica	25
1.2. Brasil Paralelo pela Brasil Paralelo	36
1.3. O Documentário e seus entornos	42
CAPÍTULO 2	50
O DOCUMENTÁRIO	50
2.1. Cultura Histórica	50
2.2. Uma breve descrição	53
2.2.1. <i>Dimensão Estética</i>	54
2.2.2. <i>Dimensão Cognitiva</i>	57
2.2.3. <i>Dimensão Política</i>	64
2.2.4. <i>Dimensão Moral</i>	68
2.2.5. <i>Dimensão Religiosa</i>	73
2.3. A narrativa do Documentário	76
CAPÍTULO 3	79
OS COMENTÁRIOS	79
3.1. Metodologia	81
3.1.1. <i>Questões Quantitativas</i>	88
3.1.2. <i>Questões Qualitativas</i>	90
3.2. Análise dos comentários	92
3.2.1. <i>Dimensão Cognitiva</i>	95
3.2.2. <i>Dimensão Política</i>	98
3.2.3. <i>Dimensão Religiosa</i>	105
3.2.4. <i>Dimensão Estética</i>	107
3.2.5. <i>Dimensão Moral</i>	111
3.3. Um Balanço possível	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
FONTES	122
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

Pensar a história é também refletir sobre os eventos traumáticos que perpassam a todos, não por terem parte neles, mas por viverem em um país, grupo, comunidade ou sociedade, afinal esses eventos constituem a história das sociedades. No Brasil, na América Latina e, de maneira mais ampla, no mundo, observa-se um crescente interesse pelo debate acerca dessa temática. Nesse sentido, podemos apontar, no Brasil, eventos como a escravidão, os genocídios dos povos originários e a Ditadura Militar. Essa última adquiriu um papel significativo na mídia brasileira, sobretudo a partir da segunda metade da década de 2010.

Este trabalho, portanto, parte de uma inquietação sobre a Ditadura Militar brasileira. Tal questionamento teve início com uma reportagem exibida pelo programa humorístico *Custe o Que Custar* (CQC), transmitido entre os anos de 2008 e 2015. Em 2012, o programa exibiu uma notícia sobre uma comemoração do regime militar. Na ocasião, mostrava-se que, do lado de fora do Clube Militar, no Rio de Janeiro, ocorria um protesto organizado por grupos de esquerda, enquanto, no recinto, os militares, em sua maioria de cabelos brancos, celebravam o golpe. A indagação era: como alguém poderia rememorar de forma elogiosa o governo militar?

Essa inquietação foi esquecida durante algum tempo. Naquele momento, a importância para o Brasil, ainda mais para um adolescente, não era refletir sobre o problemático regime ditatorial que marcou o país entre os anos de 1960 e 1980. A atenção estava voltada para as próximas eleições e para a Copa do Mundo de 2014.

Esse afastamento durou até os anos de 2015 e 2016, quando o país enfrentou uma crise política que culminou no *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff¹. Com a queda de sua popularidade, diversos grupos ao longo do espectro político expressaram indignação, tanto com o processo, chamando-o de “golpe de estado” ou questionando sua legalidade, quanto com a presidenta. Esse segundo grupo tem uma relevância maior para o contexto desse trabalho, dentre suas manifestações, algumas

¹ Optamos pelo uso do termo *impeachment* em vez de Golpe de Estado, por diferentes motivos, como os que foram apontados por Marcos Napolitano (2019): 1) a distância temporal do acontecimento; 2) a variedade de significados do conceito “golpe de Estado”; 3) a disputa narrativa e política do evento; 4) o caráter jurídico e político do processo de *impeachment*, o que diferencia o episódio ocorrido em 2016 dos demais golpes de Estado realizados no Brasil.

chegaram a pedir, clamar e até suplicar por uma nova intervenção das Forças Armadas na política nacional².

Além desses protestos, a exaltação ao regime militar também ocorreu no âmbito parlamentar. Durante a votação do processo de *impeachment*, o então deputado Jair Messias Bolsonaro e seu filho utilizaram seus discursos para rememorar a ditadura e o golpe de 1964, além do torturador de Dilma³. Anos depois, Bolsonaro disputaria a presidência da República, realizando, por diversas vezes, declarações extremistas e pró-ditadura – mesmo assim, ele ganha o pleito.

Dessa forma, a inquietação retorna agora a partir de uma nova perspectiva: que versão da Ditadura Militar leva a esses pedidos, a uma visão positiva do período e das Forças Armadas? Em 2019, um ano após a eleição de Jair Bolsonaro, a empresa Brasil Paralelo (doravante, B.P.), conhecida por trabalhos com figuras do espectro político da direita, lançou um documentário sobre o governo militar brasileiro. Em seus *trailers*, há uma linguagem muito parecida àquela dos militares entrevistados em 2012 pelo programa CQC, assim como de figuras e políticos associados ao que seria chamado de Nova Direita⁴ e Extrema Direita.

Essa empresa tem seu início em 2016 com seu primeiro trabalho, *Congresso Brasil Paralelo* (2016), sobre o cenário político da época e seu grande evento: o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, com a participação de figuras como: Olavo de Carvalho (autointitulado filósofo e professor), o ex-presidente, à época deputado, Jair Messias Bolsonaro, Luís Felipe Pondé, Luiz Philippe de Orleans e Bragança e outros. Sua atuação inicial se dá no ambiente virtual, com documentários, *podcasts* e vídeos, postados principalmente no *YouTube* e em sua plataforma própria, paga.

Já em 2017, a empresa entrou de cabeça no mercado de documentários históricos, com a estreia da série *Brasil - A Última Cruzada* (2017 a 2019). A temática

²Como é possível observar a partir do minuto 4:25 na seguinte reportagem da Folha de São Paulo “Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas” (<https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ&t>) ou no seguinte vídeo “Intervenção Militar ou Impeachment? Manifestantes não sabem o que querem” (<https://www.youtube.com/watch?v=Ylt-p1lcq78>).

³Como podemos ver na seguinte notícia: Elogio à tortura, dupla moral e enrolados na Justiça em nove votos na Câmara de André de Oliveira para o *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/19/politica/1461019293_721277.html>. Acesso em: 16 abril. 2025.

⁴A Nova Direita é compreendida, neste trabalho, como um grupo político que surge entre o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, no Brasil, com uma ideologia “liberal-conservadora”. Esse grupo se destaca por duas particularidades em relação à direita tradicional, a primeira sendo sua incubação pela internet até o ano de 2013, quando, junto às Jornadas de Junho, vão às ruas; a segunda seria a sua oposição às ideias da constituição de 1988 (Rocha, 2018).

dessa série de filmes é a história do Brasil, com o foco nos períodos pré-republicanos e nas condições que levaram à criação do Brasil e sua cultura. Posteriormente, em 2018, foram lançados outros documentários históricos e políticos como: *Era Vargas – O Crepúsculo de um ídolo*, *O teatro das tesouras* e *O dia depois da eleição*. Por fim, para o trabalho em questão, em 2019 houve o lançamento do documentário *1964: Entre Armas e Livros*. Essa obra surge devido à crescente procura por uma forma fácil e rápida de se acessar a história, aliada à popularização da internet e dos *smartphones* no Brasil, bem como o interesse sobre a história da Ditadura Militar brasileira, ocasionado pela Comissão Nacional da Verdade (CNV) e pela campanha eleitoral de 2018.

Também em meio a esse contexto, podemos observar uma expansão de audiências, que buscam nas mídias digitais uma forma de obter o conhecimento histórico. Essa procura vai além do conhecimento acadêmico ou da produção técnica, ela ocupa um espaço de interesse, entretenimento e curiosidade, na televisão, cinema, jornais, séries, literatura, história em quadrinhos, jogos e o meio digital. Podemos mencionar a criação dos museus digitais, novelas como *Novo Mundo* e *Amor e Revolução*, o canal *Nerdologia*, no *YouTube*, e a série de jogos *Assassin's Creed* como alguns exemplos dessa expansão.

O presente trabalho, portanto, surge da articulação entre essas inquietações, “coincidências” e ideias, com o objetivo de refletir e analisar a construção histórica da Ditadura Militar brasileira na contemporaneidade, a partir do documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), produzido pela Brasil Paralelo. Dessa forma, a pesquisa não tem como objetivo a produção de uma nova obra, mas sim a análise de um objeto específico, buscando compreender como se relaciona com seu ambiente de recepção e, de forma mais direta, como o público interage com ela e interpreta a narrativa que lhe é apresentada.

Uma das primeiras reflexões é entendermos como essa empresa é notada no meio acadêmico. Nos estudos que abordam os trabalhos da produtora, há um consenso: são uma peça de propaganda política e ideológica, conforme podemos observar nos seguintes autores:

Antes de qualquer outro posicionamento, enfatizamos mais uma vez que a série *Brasil – A Última Cruzada* trata-se de propaganda que vende o *ticket conservador-liberal*. Seus conteúdos e propostas sobre o passado não podem ser considerados História e nem mesmo revisionismo por não possuírem embasamento científico (Carvalho, 2019, p. 133).

Em nossa premissa inicial, o que Brasil Paralelo faz em seu revisionismo histórico é instrumentalizar um conhecimento ‘histórico’ por uma prática social, por uma ideologia, por uma visão de mundo deformada da História como conhecimento verdadeiro e cientificamente elaborado. [...] supostamente em defesa da ‘liberdade’, da ‘pátria’ e dos ‘valores cristãos’, com uma visão ultraconservadora, nacionalista (Santos, 2021, p. 131).

É nesse contexto que nasce e cresce o projeto da Brasil Paralelo, [...] como uma proposta de oferecer uma análise do cenário que levou ao impeachment e àquele quadro político. Um registro histórico e documental daquele momento que apresenta a narrativa da própria nova direita sobre o processo que se vivia, na forma de um produto midiático. Já no ano seguinte, o lançamento da série Brasil: Última Cruzada marcava a entrada definitiva da BP enquanto projeto de revisionismo histórico vinculado aos grupos da direita em ascensão (Araujo, 2023, p. 275).

No entanto, essa perspectiva negligencia outras características e a relevância dessa obra para a historiografia. Por conta disso, propomos abordar o documentário específico sob a perspectiva da História Pública (HP).

Este trabalho parte do entendimento de que a HP é algo que assume características próprias em cada país. Nos Estados Unidos, ela surge na década de 1970, inicialmente como uma prática profissional voltada à atuação de historiadores fora da academia, e evolui posteriormente para uma abordagem mais estruturada e acadêmica (Kelley, 1978). Conforme Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Juniele Rabêlo de Almeida, identifica-se uma diferença paradigmática na forma como a HP é concebida:

a reflexão nos Estados Unidos passou a ser sobre o uso público da história e não exatamente sobre a história pública ligada a políticas públicas. O caráter militante não foi de todo abandonado, mas novas preocupações apareceram, de acordo com as demandas sociais e tecnológicas: pensar o conhecimento acadêmico na arena pública; lidar com um público diverso e com as mídias; refletir sobre os sujeitos fora do ambiente acadêmico, com suas vontades e discursos múltiplos. A pergunta era: afinal, o que é fazer história pública? (Almeida; Rovai, 2013, p. 2)

No Brasil, a HP ganha espaço no início da década de 2010, embora ainda apresente certas indefinições conceituais – como uma atuação voltada à educação, à divulgação científica e a uma visão mais abrangente – há algo que torna mais concreta essa ideia do “o que é fazer história pública”, como propõe Ricardo Santhiago, ao apresentar uma “tipologia” da História Pública:

a história feita para o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita com o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de "autoridade compartilhada" é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e história e público (que abarcaria a reflexividade e a autorreflexividade do campo) (Santhiago, 2016, p. 28).

Dessa forma, a HP apresenta-se como um dos caminhos viáveis para a discussão de temas sensíveis, sobretudo quando consideramos que, como expõe Reinhart Koselleck, a experiência é um passado que permanece presente. Nesse sentido, ela também contribui para o lembrar, ao trazer de volta aquilo que foi silenciado e potencializar o que busca ser ouvido. Especialmente quando lembramos que a HP tem como um de seus principais fatores inserir o debate histórico no espaço público, que pode ser apropriado por diferentes sujeitos, como pode ser visto no debate sobre temas sensíveis em que “Actores y militantes hacen uso del pasado, colocando en la esfera pública del debate sus lecturas e interpretaciones, en función de sus compromisos emocionales y políticos con el pasado y con el futuro” (Jelin, 2017, p. 12).

Na esfera da HP, isso ocorre especialmente por meio de materiais midiáticos e iniciativas fora do ambiente acadêmico, ou seja, por aqueles que não são especialistas. Diante disso, a reflexão da HP, neste trabalho, articula-se à ideia de distribuição da história, ampliação de seu público e do uso do passado por diferentes agentes sociais. Essa perspectiva é apresentada a partir da leitura de Borges e Ogassawara sobre os trabalhos de Liddington:

a prática da história pública corresponde à apresentação popular do passado para um leque de audiências, por intermédio de museus e patrimônios, filmes e ficções. Entretanto, como assinala a autora, a simplicidade da definição oculta a complexidade e desafios de um estudo que está intimamente relacionado à questão de como adquirimos nosso senso de passado, mediante memória e arquivos e, certamente, do modo como esses passados são apresentados publicamente – isto é, como é mediado nosso sentido de passado. Logo, trata-se não apenas de pensar na ampliação do público, mas também de ponderar a respeito daqueles que estão fazendo uso do passado e da maneira como este está sendo construído no presente. Assim, a história pública seria um movimento de difusão histórica e, ao mesmo tempo, de reflexão a respeito dessa difusão. (Ogassawara; Borges, 2019, p. 41).

Portanto, é preciso ir além da disseminação da história e de identificar quem a faz, é necessário atentar para o processo da construção dessa representação (Ogassawara; Borges, 2019). Diante disso, procura-se refletir sobre essa “difusão” a partir da obra da B.P., porém, sem limitar-se ao documentário, mas procurando compreender como a obra influencia na construção da cultura histórica.

Além disso, esta pesquisa parte da análise de uma produção cinematográfica realizada por uma empresa voltada à criação de vídeos e documentários, que tem como um de seus objetivos produzir conteúdos educativos e de entretenimento (históricos ou não) direcionados ao público em geral, fora do meio acadêmico. Nesse sentido, este trabalho também busca refletir sobre uma história produzida “pelo público”.

Diante disso, é preciso compreender o que significa o “pelo público”. Conforme Santhiago, trata-se de um trabalho realizado por um público não acadêmico, que sente a necessidade de consumir a história e fazer eles mesmos seus trabalhos, segundo suas próprias visões e valores, produzido por seus intelectuais e especialistas (ainda que não historiadores), além de que, em geral, busquem se distanciar da academia, recorrendo a ela apenas quando desejam obter legitimidade. É nesse contexto que a Brasil Paralelo surge, ocupando um espaço relevante no meio digital e cinematográfico.

Dentre as abordagens relativas à análise de obras cinematográficas, destacamos a proposta de Douglas Kellner, apresentada em *A Cultura da Mídia* (2001). De acordo com o autor, analisar um filme exige observar a sua produção, narrativa e distribuição, elementos que tornam possível identificar o sentido ou a ideologia⁵ da obra. Essa perspectiva nos permite compreender a “cultura da mídia”, que, segundo Kellner, promove os interesses das classes dominantes, responsáveis pelos conglomerados de mídias, e evidencia as disputas existentes entre esses grupos.

Assim, Kellner fundamenta sua proposta de análise no entendimento de que os acontecimentos globais, nacionais e locais também são articulados pelos meios de comunicação em:

uma arena de lutas que os grupos sociais rivais tentam usar com fim de promover seus próprios programas e ideologias, e ela mesma reproduz discursos políticos conflitantes, muitas vezes de maneira contraditória. Não exatamente o noticiário e a informação, mas sim o entretenimento e a ficção articulam conflitos, temores, esperança e sonhos de indivíduos e grupos (Kellner, 2001, p. 32).

Um exemplo de como esse autor faz a análise de um filme aparece no capítulo dois de seu livro *A Cultura da Mídia* (2001), em que ele elabora as questões presentes nos dois primeiros filmes da trilogia Rambo.

Primeiramente, o autor traz ao texto uma breve sinopse dos filmes, em que situa o personagem principal, John Rambo, como um veterano de guerra que luta contra o sistema – no primeiro filme – e um super-herói que resgata soldados ainda presos no Vietnã – no segundo filme. Conforme Kellner, essas caracterizações sintetizam o ciclo vivido pelos EUA no período após a guerra do Vietnã: o “retorno ao Vietnã” e o retorno

⁵ Para Kellner, ideologia é algo que integra um sistema de dominação que legitima a força e as instituições responsáveis por oprimir e reprimir. No cinema, esse sistema está disposto por meio de lutas de poder encontradas nos discursos e sentidos de uma obra. Assim, dentro dessa mídia, tudo é essencialmente político e ideológico, culminando em uma “luta cultural” pelas narrativas, culturas e normas sociais.

dos veteranos desajustados, magoados e confusos, como heróis ou guerreiros. Trata-se, portanto, de uma obra cinematográfica voltada à superação do fracasso estadunidense. Por outro lado, Kellner também aponta que esses filmes são sintomáticos da juventude da classe trabalhadora ressentida com sua sociedade, pela sua desvalorização e empurrada a uma vida militar.

Em um segundo momento, o autor apresenta uma leitura política desses filmes, observando o contexto em que se insere. Kellner argumenta que essas obras se apropriam de elementos da contracultura em favor da direita, de uma ideologia conservadora. Essas películas incorporam imagens e discursos contrários ao Estado, às suas tecnologias, aos seus regulamentos e às suas políticas, valorizando o individualismo e o heroísmo empreendedor associado a Ronald Reagan. Além disso, recorrem a estereótipos dos inimigos da Segunda Guerra Mundial – os alemães e japoneses – projetados na figura dos vietnamitas e dos russos. Contudo, esse “homem natural” contraditoriamente utiliza da violência e da tecnologia militar. Rambo se torna uma espécie de “super-arma” que confunde o homem e seu armamento, transformando-se numa extensão da máquina de guerra (Kellner, 2001).

Assim, filmes como os de “Rambo” pertencem a uma época e mídia que tenta refazer um espírito americano que “embora não tenham obtido vitória no Vietnã, os Estados Unidos tentaram obtê-la na cultura da mídia” (Kellner, 2001, p. 95). Por outro lado, na parte em que o autor analisa a recepção, Kellner dá outros recortes para o filme a partir da sociedade americana. O autor faz questão de apontar que essa série de filmes foi uma das mais populares à época, tendo em sua estreia uma quebra de recordes, sendo comentado em diversos *talk shows*, além da produção de um desenho animado e brinquedos (Kellner, 2001). Essa popularidade cria outros efeitos na sociedade, o primeiro deles é uma positividade em relação às intervenções militares dos EUA; o segundo é uma mania de violência e guerra nas crianças, que se torna aparente nas ações violentas nos subúrbios americanos e de outros cantos do mundo; também à associação da figura de Rambo como o macho, patriota e durão, até mesmo na política com Reagan utilizando termos como “*ramboing*” para sinalizar um debate mais agressivo (Kellner, 2001).

Entretanto, não somente essa imagem masculina, de virilidade e violência, o filme e o personagem adquiriram. Kellner aponta que, durante o período de auge dos filmes, houve protestos de veteranos contra as deformidades sobre a Guerra do Vietnã e da imagem dos próprios veteranos, que a narrativa causava. Ademais, o termo “rambo”

também ganhou uma conotação negativa em meio a grupos feministas – que usavam o termo para zombar de comportamentos machistas – e políticos liberais – que o utilizavam para atacar o *establishment* conservador. Assim, “‘Rambo’ é um construto cultural polissêmico que pode ser adotado por lados opostos do debate e na luta política” (Kellner, 2001, p. 103).

Por fim, para conseguir fazer uma leitura total sobre o filme, o autor, nesse mesmo capítulo, faz uma comparação com o filme *Ases Indomáveis*, de 1986, para apresentar a centralidade da cultura da mídia, isto é, o sentido desses filmes, chegando à conclusão de que:

Juntos, esses filmes preparavam o país para a Guerra do Golfo ao celebrarem as virtudes do armamento high-tech e do heroísmo militar, criando um inimigo árabe para substituir o arquiinimigo soviético e fazendo propaganda da política externa de Reagan e Bush. Portanto, assim como filmes hollywoodianos do fim dos anos 1970 preparavam o país para a hegemonia conservadora dos anos 1980 e início dos anos 1990, também os filmes da era Reagan e Bush produziam atitudes que dariam apoio à política conservadora e militaristas dos republicanos hegemônicos (Kellner, 2001, p. 115).

Dessa forma, seguiremos o processo de análise de uma produção fílmica, razão pela qual este trabalho está dividido em três capítulos, cada um correspondente a um propósito específico dentro da análise geral da obra.

O primeiro capítulo, intitulado “A Produção”, tem como objetivo apresentar quem é a Brasil Paralelo e analisar sua trajetória até o ano de 2019, além de investigar o processo de produção do documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019). Para isso, utilizamos como base para a análise entrevistas, reportagens, sites e documentos tornados públicos pela própria empresa.

O segundo capítulo, “O Documentário”, tem como finalidade explorar a narrativa do filme, bem como observar como a obra aborda as suas questões históricas. Para isso, recorreremos ao conceito de Cultura Histórica (CH) de Jörn Rüsen, que se refere, de maneira geral, à forma como interagimos com o passado, o presente e o futuro, de formas sociais e individuais, de caráter intelectual e prático. Para compreendermos essa noção, é importante destacar que a ideia de cultura usada por Rüsen está relacionada à maneira de se fazer algo – neste caso, à forma como agimos, percebemos e concebemos a História.

No entanto, para poder ser observada, o autor divide a CH em cinco dimensões: estética (que diz respeito à forma como a narrativa histórica é apresentada à audiência), cognitiva (determina padrões argumentativos da trama, em outras palavras, o que

fornece verossimilhança à análise), política (uma tomada de posicionamento em relação ao objeto histórico e sua inserção social, tanto no passado quanto no presente, conferindo legitimidade à narrativa), moral (uma asserção moral e ética sobre o objeto, fato ou evento histórico) e religiosa (uma visão “transcendental” da narrativa, normalmente marcada pela ideia de salvação mediada por uma figura ou acontecimento histórico). Dessa forma, realizamos a análise da narrativa do documentário com o objetivo de observar as dimensões que compõem a Cultura Histórica, a fim de compreendermos, posteriormente, a construção histórica elaborada sobre a Ditadura Militar.

O terceiro capítulo, “Os Comentários”, objetiva investigar as reações ao filme *1964: Entre Armas e Livros* (2019) na sua recepção. A intenção dessa análise é notar como o público interpreta e traduz a narrativa e os elementos históricos apresentados pela obra. Assim, outro ponto fundamental deste trabalho é a atenção ao ambiente de recepção.

Nesta pesquisa, compreendemos a recepção por meio da ideia de Stuart Hall, isto é, como o momento em que a mensagem é recebida e decodificada pelo receptor, gerando múltiplos sentidos a partir dos diferentes contextos dos indivíduos que a consomem — como classe, gênero, grupo social, idade, entre outros (Hall, 1980).

No entanto, devido à natureza virtual da atuação da Brasil Paralelo, uma abordagem direta se tornaria limitada e não daria conta dos problemas que esta pesquisa pretende explorar. Por esse motivo, optamos por não seguir o modelo tradicional dos estudos de recepção, que geralmente utiliza questionários ou entrevistas. Em vez disso, utilizaremos o ambiente virtual por meio do qual a empresa distribui seus conteúdos: o *YouTube*.

Desse modo, pretendemos analisar os comentários encontrados na página do *YouTube* do documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019). Para isso, realizamos um recorte de comentários que datam do dia da estreia do filme (2 de abril de 2019) até o ano de 2022. À época, o vídeo contava com 76.767 interações, sendo 54.578 comentários principais (*top comments*) e 22.189 respostas (*replies*), o que indica um volume significativo de engajamento do público.

Assim, essa análise busca observar as interpretações presentes nesses comentários, investigando as dimensões da Cultura Histórica, conforme desenvolvido no capítulo anterior. Com isso, será possível realizar comparações entre as percepções

do público e a narrativa apresentada pela obra, permitindo, ao final, uma reflexão sobre a construção histórica da Ditadura Militar.

CAPÍTULO 1 A PRODUÇÃO

Para compreendermos um filme, surgem algumas interrogações cruciais. Por exemplo: quem o criou? Quem fez o roteiro, a produção e a direção? Onde foi feito? Quem distribuiu? Quem participou? Ao tentar respondê-las, teremos condições mais apuradas para entender as visões e perspectivas presentes na obra, as estratégias utilizadas para alcançar o público, bem como esses fatores influenciam a interpretação e recepção da produção audiovisual.

É partindo dessas indagações e à luz de conceitos e ideias de Douglas Kellner e Bill Nichols sobre produção e autoria de documentários que investigaremos o filme *1964: Entre Armas e Livros* (2019), da produtora Brasil Paralelo (B.P.), responsável pela sua criação, produção e distribuição.

De acordo com Douglas Kellner em *A cultura da mídia* (2001), o sentido e significado de uma obra cinematográfica se dá somente quando consideramos o processo de produção, criação e distribuição. Isto é, quando nos interessamos não apenas pelo que o longa-metragem expressa, mas, sobretudo, pelo que está ao seu redor, seus contextos, processos latentes e manifestos, é provável que tenhamos uma interpretação mais precisa de uma mídia.

De modo complementar, Bill Nichols (2005) argumenta que o documentário, antes de seu conteúdo, tema e mensagem, é uma manifestação, criação e produção de seu autor. Isso não implica em manipulação por parte do criador sobre o objeto que será tratado, mas sim na expressão de sua visão, ideias e abordagens por meio dos temas próprios a cada produto.

Por isso, neste capítulo, abordaremos os contextos da película *1964: Entre Armas e Livros* (2019) e os de seus criadores. Compreender a jornada da B.P. até a estreia de sua obra em 2019 nos permitirá levantar novas questões sobre o papel da instituição na construção da narrativa, do produto em si, das explicações dos processos históricos e de outros aspectos que envolvem o seu público.

Dessa forma, poderemos contextualizar o filme e a empresa em relação a eventos marcantes que ocorreram no Brasil e impulsionam-na, ampliando a sua influência, tais como as Jornadas de Junho, em 2013, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e a ascensão da Nova Direita no Brasil.

Para compreendermos o referido documentário e sua produtora, este capítulo apresentará a B.P. em uma perspectiva histórica – a partir de sua criação e contexto – e em sua própria autorrepresentação – como ela se enxerga e deseja ser vista no mercado em que atua. Por fim, observamos o longa-metragem em seu contexto de produção.

1.1. A Brasil Paralelo em perspectiva histórica

Para analisarmos a Brasil Paralelo em uma perspectiva histórica, voltaremos ao ano de 2016 e à sua primeira série de documentários, *Congresso Brasil Paralelo* (2016). Como ponto de partida, iniciaremos na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foi lá e nesse ano que um grupo de estudantes universitários, ao observar a conjuntura política do país, encontrou uma insatisfação disseminada socialmente com o governo e suas medidas, de modo que perceberam uma oportunidade para produzir vídeos-documentários sobre a política brasileira, inspirados pelo complexo processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff.

O processo de *impeachment* contra a primeira presidenta mulher, de um partido de esquerda e de uma ex-guerrilheira, teve, dentre suas motivações, acusações de crime de responsabilidade fiscal e denúncias de corrupção. Esse evento, entretanto, não ocorreu dentro de um vácuo, nem sequer para a B.P., mas é sim a conclusão de um processo iniciado em 2013 com manifestações populares, que se intensificaram após as eleições de 2014 (Silva, 2021) e ganharam caráter de direita em 2015:

Iniciadas em março de 2015, e ampliadas em abril, agosto e dezembro do mesmo ano, as manifestações de rua da direita explodiram em março de 2016, revelando ao país uma organização sólida de grupos conservadores, com destaque para movimentos articulados nas redes sociais, que, com grande desenvoltura, tomaram os céus de assalto, não para defender a revolução, porém, todo o oposto, para derrubar o único partido de esquerda que chegou à presidência do Brasil (Rocha, 2021, p.34).

Assim, inspirados no contexto político da época, três estudantes universitários da Escola Superior de Publicidade e Marketing (ESPM) de Porto Alegre, Henrique Viana (ex-estudante de Engenharia Eletrônica e de Administração com ênfase em Marketing pela ESPM, as quais não terminou), Filipe Valerim (Publicidade na ESPM, que não concluiu) e Lucas Ferrugem (Administração na ESPM, que não finalizou também)⁶, resolveram produzir um congresso virtual assíncrono chamado *Congresso Brasil*

⁶ Henrique Viana (Brasil Paralelo) - LíderCast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Paralelo. Nesse percurso, fundaram a produtora de mídia audiovisual chamada LHT HIGGS LTDA (que tem como nome fantasia “Brasil Paralelo”) – juntamente a outros dois colegas que não se mantiveram na empresa⁷. Esse projeto seria então baseado a partir de palestras organizadas por Henrique Viana, com a ajuda de empresários e herdeiros de Porto Alegre, onde discutiam a nomeada guerra cultural no Brasil⁸.

Dessa forma, primeiramente, temos que definir o que é essa suposta guerra cultural. Esse termo vem do arcabouço utilizado pelo autointitulado filósofo Olavo de Carvalho⁹, de quem os sócios ou eram alunos do Curso Online de Filosofia (COF), ou consumiam seus produtos e, dessa forma, o viam com grande respeito. Essa figura participou da maioria dos documentários até 2021, quando o escritor contraiu COVID-19 e morreu de complicações decorrentes da doença, em janeiro de 2022¹⁰.

Conforme Carvalho, a “guerra cultural” seria uma luta incessante da esquerda marxista para subverter o capitalismo por dentro, utilizando a cultura como ferramenta, de forma similar ao que, supostamente, Marx previu (Carvalho, 2008). Nessa visão, a esquerda comunista, por meio do “marxismo cultural”¹¹, buscaria dominar o mundo e destruir o capitalismo mediante produções culturais, havendo, dessa forma, a necessidade de um embate a ser travado contra os comunistas pelos conservadores, capitalistas e ocidentais.

Assim, guiados por essas ideias, o grupo irá criar a série *Congresso Brasil Paralelo* (2016). O propósito desta obra é apresentar um diagnóstico do Brasil recente, focando no cenário político, cultural e econômico, a partir de entrevistas com pessoas que estariam nos bastidores dos grandes eventos da época, ligando, dessa forma, a

⁷ Ibidem. Não foi encontrado quem seriam esses dois colegas que teriam ajudado inicialmente a B.P.

⁸ Fala de Henrique Viana (Brasil Paralelo) – no podcast LíderCast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ>. Acesso em: 29 mar. 2024.

⁹ Olavo de Carvalho (1947 - 2022) foi jornalista, escritor e ex-astrólogo que se autodenominava filósofo, sendo apontado por diversos meios de comunicação como “guru da extrema direita”, inclusive para o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Tornou-se uma figura influente no pensamento conservador brasileiro desde o fim dos anos 90, obtendo espaço, à época, em jornais de grande circulação, como *O Globo*. Foi nesse período que criou também o seu curso de filosofia, o COF. Considerado professor por diversas figuras da Nova Direita e da Extrema Direita, algumas de suas “teses” são propagadas por seus alunos e utilizadas pela B.P. até os dias de hoje.

¹⁰ Segundo afirmado pela matéria de título “Morre Olavo de Carvalho: guru do bolsonarismo disse que covid era ‘historinha de terror’”. Matéria realizada pela **BBC News Brasil**, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60124170>. Acesso em: 18 maio 2024.

¹¹ O “marxismo cultural” é uma teoria da conspiração que parte da ideia de uma articulação comunista para manipular a cultura, com o objetivo de dominar a população. Assim, aqueles que acreditam nessa teoria, são convencidos de que a mídia e a cultura são controladas pelos marxistas, cujo o propósito seria destruir as bases da cultura ocidental e o capitalismo (Meteoro Brasil, 2019).

empresa e seus eventos com os anos de 2013 e 2014, especificamente com dois fatos políticos destes anos.

O primeiro desses fatos seria as Jornadas de Junho de 2013. Essa jornada se constituía em um conjunto de marchas e protestos que se iniciaram em São Paulo, com o Movimento Passe Livre, que, rapidamente, foram cooptadas por movimentos antipetistas e conservadores. Já o segundo é a reeleição da então presidenta Dilma Rousseff e a crise político-econômica que se derivou dela (Santos, 2021).

Conforme Mayara Santos (2021), os fundadores da B.P., em meio a essas crises, procuraram pessoas e grupos que pudessem ajudá-los a entender a realidade do Brasil, encontrando, assim, figuras como Olavo de Carvalho e Hélio Beltrão¹². Esses indivíduos ajudaram a espalhar pelo Brasil uma tendência política que ficou conhecida por ser “liberal-conservadora”, posteriormente chamada de Nova Direita, que entre 2013 e 2018 ganhou um grande impulso.

A série *Congresso Brasil Paralelo* (2016) também está ligada aos movimentos pelo *impeachment* da presidenta em 2016 e à proferida Guerra Cultural. Essas ligações ideológicas abriram portas para a empresa enquanto uma espécie de *networking*, tanto pelas conexões criadas por meio das entrevistas, quanto pela popularidade em certa esfera política, afinal, conseguiram entrevistar para os seus documentários figuras já populares no Brasil da época, como: Luiz Felipe Pondé, Gilmar Mendes e até ministros do governo, como José Mendonça Bezerra Filho.

Tal popularidade foi ainda mais perceptível com a realização de uma exibição no Cinemark Metrô Santa Cruz, na cidade de São Paulo, no dia 21 de março de 2017, do quinto episódio da série de título *Impeachment: do apogeu à queda* (2017). Essa estreia contou com a participação de: Luiz Phillippe de Orleans e Bragança (descrito como “príncipe”, membro da família real brasileira e advogado¹³), Hélio Beltrão (apresentado como criador do Instituto Mises Brasil¹⁴), Joice Hasselmann (apresentada como jornalista¹⁵), os jornalistas Felipe Moura Brasil, Diego Casagrande e Guilherme

¹² Hélio Coutinho Beltrão é empresário, filho do ex-ministro da época da Ditadura Militar, Hélio Beltrão Filho. Foi presidente de diversos institutos (*think tanks*) no Brasil, sendo o principal o Instituto Mises Brasil. Além disso, foi um dos realizadores do Fórum da Liberdade, em 2006, e participou de outras organizações e institutos.

¹³ Informação retirada do site do evento: Pré-estreia do episódio Impeachment: do apogeu à queda - São Paulo em São Paulo - Sympla. Disponível em: <https://www.sympla.com.br/evento/pre-estreia-do-episodio-impeachment-do-apogeu-a-queda-sao-paulo/124213?fbclid=IwAR0niK0g3rR2a0SPs5RMCxC0X0RydE9YJjnY6H-DqPJPFTJt6umBi8CPZf4>. Acesso em: 30 mar. 2024.

¹⁴ Ibidem;

¹⁵ Ibidem;

Macalossi¹⁶, além de pessoas da B.P., como alguns de seus sócios e funcionários. É importante frisar que, no ano de 2018, Luiz Phillippe e Joice Hasselmann se tornaram deputados, e que alguns dos entrevistados eram políticos ou iniciaram sua carreira política na mesma época.

O filme também contou com entrevistas de Jair Messias Bolsonaro e seu filho Eduardo Bolsonaro (à época, deputados vinculados ao Partido Social Cristão), Olavo de Carvalho, Janaina Paschoal, Luiz Felipe Pondé, João Luiz Woerdenbag Filho (cantor e compositor de alcunha Lobão), além daqueles já citados no parágrafo anterior, bem como outras figuras como advogados, jornalistas, sociólogos e cientistas políticos. Vários desses convidados iriam participar de outras produções da B.P.

Desses encontros e entrevistas, a empresa criou sua linha editorial. Suas produções seriam fundamentadas a partir das ideias e conceitos que já vigoravam em sua primeira produção, em que se apresentavam as concepções de política, economia e liberdade que seguem até hoje. Essas percepções foram calcadas pelos pensamentos de duas figuras emblemáticas para a B.P. e seus fundadores: Olavo de Carvalho e Hélio Beltrão (Santos, 2021).

Por conta disso, há uma direta conexão entre a B.P. e essa perspectiva política. Para além dos já citados, muitos dos seus convidados podem ser circunscritos como Nova Direita ou de Extrema Direita, o que se torna mais evidente quando a produtora e seus sócios tecem conexões com indivíduos como Leandro Ruschel, bem como com presidentes e participantes de institutos e *think tanks*¹⁷, com parcerias em documentários, participando de eventos em conjunto, palestras, trabalhando dentro da B.P. e outras formas ainda mais pessoais.

Assim, com essas conexões demonstradas, devemos compreender o que é essa Nova Direita. De acordo com Camila Rocha: “[...] a nova direita é nova em comparação com a direita atuante desde a época da redemocratização, pautada pelos marcos do pacto

¹⁶ Informação contida em post promocional do evento: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=503742456682097&set=a.311764282546583>. Acesso em: 30 mar. 2024.

¹⁷ Os *Think Tanks* são organizações independentes de partido, governo ou instituição. Elas têm como objetivo produzir conteúdo de relevância política (Haass, 2002). Essa definição é amplamente utilizada no contexto estadunidense de *think tanks*. No Brasil, Rocha (2021) afirma que essas organizações têm como finalidade informar e influenciar políticas públicas, governos e a opinião pública, por meio de pesquisas e análises. Além disso, conforme Roldão Pires Carvalho, no Brasil, há duas distinções dessas organizações civis privadas: ativismo político e profissionalismo desinteressado. Segundo o autor, as primeiras utilizam-se de propagandas para disseminar suas ideias, buscando influenciar políticos e meios de comunicação, para criar um pensamento hegemônico; o segundo, busca soluções e propostas de políticas públicas, sem se pautar por diretrizes políticas rígidas ou partidárias.

de 1988” (Rocha, 2021, p. 9). E a sua novidade em relação à direita tradicional seria “[...] justamente sinalizar uma ruptura com o pacto de 1988, e, para tanto, a nova direita emergente passou a apostar na substituição de seu substrato progressista por um novo amálgama de ideias: o ultraliberalismo-conservador” (Rocha, 2021, p. 9).

Nesse mesmo sentido, Santos (2021) apresenta a Nova Direita como um grupo jovem e reacionário, composto por ideais que circundam o liberal-conservadorismo, o anticomunismo e um cristianismo conservador. Mais especificamente, esse grupo tem um pensamento econômico e ideológico ultraliberal¹⁸ e neoliberal¹⁹ – seguindo os pensamentos econômicos de autores como Hayek e Mises, bem como a Escola Austríaca e a Escola de Chicago, principais referências de uma teoria econômica pró livre mercado²⁰, juntamente a um pensamento moral ligado às ideias de Olavo de Carvalho²¹.

Esse grupo também se apropria de uma proposta de “cultura neoliberal”, exposta por Mark Fisher no seu livro *Realismo Capitalista* (2019). Nele, o autor defende um certo individualismo, um atomismo enquanto indivíduo e ser social, na busca do *self made man*, como uma cultura neoliberal. Essa perspectiva se insere numa concepção de capitalismo e sociedade que, ao mesmo tempo que celebra a competição, o triunfo individual e a meritocracia, procura um encerramento do social, do público e do novo, em busca de um eterno *status quo*, no qual “não há alternativa”. Em conjunto à ideia de

¹⁸ O termo ultraliberal terá como referência uma ideologia política que deriva do libertarianismo e neoconservadorismo americano (Lacerda, 2023). A diferença em especial é que apresenta uma radicalidade na ideia de livre-mercado e utiliza uma argumentação na base de uma superioridade moral (Rocha, 2019). Além disso, esses ultraliberais originalmente acreditam em pautas liberais, também no contexto social, mas sem a existência ou regulamentação estatal.

¹⁹ De uma forma geral, o neoliberalismo tem como principal ideia a defesa do livre-mercado. Assim, como as outras tendências aqui evidenciadas. Sua diferença não se encontra na radicalidade, afinal de contas ainda é um ideal absoluto pró-mercado, mas sim em sua argumentação técnica, como aponta Rocha (2019, p.5): “a principal diferença [...] recai na forma de justificar a adoção de políticas públicas liberalizantes no debate público. [...] a defesa de suas pautas é feita com base em argumentos de eficiência econômica e amparados em conhecimento técnico-científico”.

²⁰ Esses autores e as escolas teóricas a que pertencem são responsáveis por reimaginar o *laissez-faire* e popularizá-lo para o século XX e XXI enquanto neoliberalismo. Como apresentado por Ludwig von Mises (1979), essa tendência seria uma defesa da economia livre e capitalista, enquanto um “sistema em que a cooperação dos indivíduos na divisão social do trabalho se realiza pelo mercado” (Mises, 1979, p. 22). Esse mercado é quem garante todas as liberdades sociais, culturais e econômicas. Essas definições também serão tomadas pelos ultraliberais, com a diferença de apresentarem argumentos morais e emotivos (Rocha, 2019).

²¹ Para além do que já foi apresentado, Olavo de Carvalho, se denomina como um pensador e filósofo conservador brasileiro. Conforme João Cezar de Castro Rocha (2021), o escritor se apropria de uma “retórica do ódio”, em que há um discurso cheio de “advérbio de negação”, juntamente com “O uso obsessivo e francamente monótono de palavras desempenha o mesmo papel de desqualificação completa do adversário, transformado em inimigo, cuja destruição é favorecida pelo tratamento prévio” (Rocha, 2021, p. 36). Essa se interessava por ideias como: “guerra cultural”, “marxismo cultural”, globalismo, “gramscismo”, anticomunismo, educação e outras. Baseando-se em teorias da conspiração, filósofos e autores conservadores estadunidenses e europeus.

“fim da história”, gera uma impossibilidade de alternativas viáveis ao sistema capitalista, e reforça a ideia de que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2019, p. 08).

Além disso, essa Nova Direita, no início dos anos 2000, era um movimento quase exclusivo da internet. Destaca Rocha que ele existia principalmente em fóruns e sites, aparecendo principalmente nas redes sociais como o Orkut. Desse lugar é que ganharam popularidade figuras como Olavo de Carvalho, Hélio Coutinho Beltrão, Rodrigo Constantino, Joel Pinheiro da Fonseca, entre outros (Rocha, 2021).

Os meios digitais foram refúgio para esses grupos e o lugar de encontro de indivíduos de direita, antipetistas e aqueles que não se identificavam com a esfera política tradicional. Dessa forma, esses indivíduos entenderam o meio digital como “a possibilidade de encontrar outros com quem pudessem trocar ideias e se solidarizar por meio da interação em fóruns, blogs, sites e comunidades digitais” (Rocha, 2021, p. 60).

Contudo, esse movimento político somente terá sua ascensão na esfera pública e política após 2013, com as Jornadas de Junho, juntamente com a intensificação de protestos contra a presidenta em 2015, conforme João Cezar de Castro Rocha, e a uma crise política que acabou no *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (Santos, 2021). A Nova Direita passaria, assim, de um grupo marginalizado na política brasileira para um novo movimento jovem representado por grupos que saíram da internet para sacudir o mundo real.

Além disso, esse movimento é muito presente em um outro ambiente, não só virtual, mas também real, os institutos e *think tanks* – como o Instituto Mises Brasil, Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Liberta e outros. Santos (2021) conclui que a Nova Direita procura ocupar um espaço diferente da esquerda e da direita tradicional, preocupando-se mais com formação e instrução para a sua filiação:

No âmbito intelectual, indivíduos liberais na economia e conservadores nos costumes passaram a se organizar e atuar com maior vigor em várias frentes de formação e direção política através de uma “teia” de APHs (Aparelhos Privados de Hegemonia) empresariais, de cunho ideológico. A partir dessa ampliação os APHs produzem consenso em torno de temas ligados à ideologia de gênero, comunismo, ditadura, feminismo e afins; criando uma verdade totalmente aceita, isto é, ancorada em projetos que refletem os interesses de disputa por hegemonia de classes dominantes. [...] De acordo com a historiadora Virgínia Fontes, ‘os aparelhos privados de hegemonia assumiram uma nova centralidade, de maneira a estabelecer pontos de luta precoces em diferentes áreas da atuação e organização popular, para impedi-la, modificá-la e corrompê-la’ (Santos, 2021, p. 37).

O maior exemplo dessa prática é o Fórum da Liberdade, criado em 1988, que foi um “evento organizado anualmente pelo IEE em Porto Alegre e que se tornou o grande ponto de encontro de neoliberais, ultraliberais e liberais conservadores” (Rocha, 2021, p. 52). Esse evento, principalmente após os anos 2000, trouxe pensadores e articuladores de um discurso pró-mercado, com o objetivo de moldar uma ideologia que afeta principalmente empresários, *think tanks*, jornalistas, políticos, burocratas e jovens – com os quais os fundadores da B.P. também estiveram envolvidos²².

Dessa mistura de aspectos surge a produtora Brasil Paralelo. Inicialmente, o entusiasmo dos fundadores por uma erudição econômica, social e política, e o compartilhamento desses conhecimentos mediante a obras audiovisuais, fez com que figuras públicas, políticas e intelectuais, dos mais diversos espectros políticos da direita, ganhassem interesse pela empresa. Assim, mesmo que não houvesse uma ligação institucional com esses grupos, é evidente a afinidade ideológica.

Olavo de Carvalho, por exemplo, se destaca como um dos pilares do pensamento defendido pela B.P. Por diversas vezes, sócios, moderadores de páginas e funcionários da produtora enaltecem o filósofo, situando-o como a figura mais proeminente para se entender a realidade brasileira. Essa admiração se fez presente na produção, que buscou constantemente se embasar nas propostas de Olavo para montar seus documentários, ou de pessoas, ou pensadores próximos a ele.

Hélio Beltrão, de modo similar, também foi um dos grandes influenciadores no trabalho dos fundadores²³. Beltrão conheceu os criadores da B.P. em uma palestra dada na ESPM e, posteriormente, suas ideias fundamentaram a base do grupo de estudo que os sócios criaram²⁴. Conforme Santos (2021), Beltrão será responsável por influenciar duas áreas no grupo: a forma em que se organizam e na ideologia ultraliberal-conservadora.

Outra questão que esclarece esses elos políticos é a atuação da B.P. em prol do movimento Escola sem Partido. Esse movimento apresenta a defesa de uma educação neutra, não ideológica e que não doutrine as crianças, bem como respeite uma educação

²² Um dos exemplos foi o trigésimo Fórum da Liberdade em 2017 como parte do Unconference. *In*. BRASIL PARALELO. O Brasil Paralelo estará no Fórum da Liberdade! Disponível em: https://www.facebook.com/brasilparalelo/posts/o-brasil-paralelo-estar%C3%A1-no-f%C3%B3rum-da-liberdadehoje-inicia-o-maior-f%C3%B3rum-de-ideia/520691271653882/?locale=pt_BR. Acesso em: 4 maio. 2024).

²³ Como apresenta Viana, a partir de Hélio Beltrão em uma palestra pela ESPM, que descobriram a Escola Austríaca e outras questões relacionadas à ideologia ultraliberal. Como salientado por Henrique Viana (Brasil Paralelo) no podcast LíderCast disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ>.

²⁴ *Ibidem*.

moral provinda e aprovada pelos progenitores. Um certo discurso e ideais que a empresa tem muito interesse e compartilha.

Em conjunto, a B.P. divulgava esse movimento promovendo entrevistas com os organizadores e políticos favoráveis, fazendo novas obras e se ligando mesmo que somente imagetivamente ao movimento. Publicaram em 2020 uma série de documentários — intitulado *Pátria Educadora* (2020) — em que diversas pessoas ligadas ao movimento participaram, além de divulgar textos e artigos em seu site. Dessa forma, a B.P. criou conteúdos que depois seriam propagados em suas diversas redes em meio a uma vastidão de outros produtos da produtora, ligando as duas marcas, por assim dizer.

Entretanto, não somente dessas alianças políticas que a B.P. vai sobreviver. Retornando para o ano de 2016, juntamente com o desenvolvimento do documentário *Congresso Brasil Paralelo*, a empresa apresentou o seu sistema de assinatura como forma de captação de recursos para a manutenção e profissionalização. Então, o grupo inicia a venda de palestras e entrevistas, como apresenta Diego Martins Dória Paulo pelo Diplomatique Brasil:

Em 2016, ano de seu lançamento, o site da produtora anuncia a venda de 68 palestras por R\$ 360 à vista ou 12x de R\$ 36,14. Dentre os luminares da República que deveriam fazer o público literalmente pagar para ver estavam o então ministro da Educação Mendonça Filho, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, o clã Bolsonaro, além, claro, de Olavo de Carvalho. Deixando de lado juízo de valores sobre o gosto peculiar da audiência, há de se reconhecer a capacidade de alcançar figuras importantes, como deputados, senadores e três ministros – personalidades pouco acessíveis a pessoas comuns (Paulo, 2020).

No ano seguinte, derivado do sucesso de público e de financiamento, a B.P. lançou a série de documentários sob o título “*Brasil: a Última Cruzada*”, que estreou em 20 de setembro de 2017. A série foi composta originalmente por cinco capítulos que abordavam a história do Brasil do período Colonial à República. A produção explorava a ligação entre a Colônia e Portugal, bem como a herança europeia e monárquica do país.

Como apresentado por Santos, essa série teve uma narrativa de concepção conservadora, se não aristocrática, fazendo uma história vista de “cima para baixo” e com uma ideologia “hierarquizante, eurocêntrica e patriarcal” (Santos, 2021, p. 117).

Os cinco primeiros episódios da série alcançaram, no início desta pesquisa (2023), mais de 10 milhões de visualizações no *YouTube*²⁵. A quinta parte, intitulada “*O Último Reinado*”, foi lançada em 22 de março de 2018. Posteriormente, foram adicionadas mais duas obras à série: *Era Vargas: O crepúsculo de um ídolo* (2018) e *1964: Brasil Entre Armas e Livros* (2019).

Simultaneamente ao lançamento gradual da série documental, a produtora diversificou sua atuação. Ela iniciou o desenvolvimento de vídeos focados para *YouTube*, incluindo cortes de documentários com explicações de eventos históricos e ações políticas, análises e outros conteúdos, além de criar *podcasts* – atualmente o “Conversa Paralela” e outros que estão em sua plataforma de membros – essa diversidade de produtos pode ser verificada na própria página do *YouTube* da B.P. Esses projetos complementam o carro-chefe da empresa: o conteúdo pago.

Nesse período de expansão, em 2018, a B.P. deu início a dois projetos: *O Dia Depois da Eleição* e *O Teatro das Tesouras*. Ambos mergulham em distintas análises da política brasileira. O primeiro busca entender os problemas que o novo presidente enfrentaria, enquanto o segundo examina os mecanismos para a manutenção do poder no cenário nacional. É importante salientar que 2018 foi um ano eleitoral e ambas as películas, conforme seus autores, visavam auxiliar o eleitorado brasileiro a compreender os problemas e possíveis soluções para o Brasil.

Assim, o documentário *O Dia Depois da Eleição* (2018), composto por 5 episódios, propõe uma análise da relação entre a política e a economia brasileira. O objetivo é demonstrar as qualidades, valores e estratégias que o novo líder do Brasil precisa ter para lidar com os desafios econômicos e políticos a partir de 2018 (Lacerda, 2023). A produção também demonstra interesse pelas mudanças das políticas governamentais, ao mesmo tempo em que apresenta o mercado de ações como uma oportunidade, oferecendo dicas sobre como se manter nesse mercado em meio a esse período econômico complicado – a suposta crise econômica desencadeada a partir de 2016. Desse modo, o filme ressalta o papel das eleições nas crises econômicas e em suas recuperações, traçando uma linha que chega aos dias atuais.

Para aprofundar essa análise, o longa-metragem contou com a participação de especialistas de *think tanks*, como o Liberta – o qual teve como um de seus fundadores

²⁵ Brasil - A Última Cruzada | Episódios - Série de documentários da BRASIL PARALELO. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>. Acesso em: 25 abr. 2024.

Leandro Ruschel – e de pessoas ligadas a empresas do mercado de ações ou de investimentos. Tais indivíduos ofereceram diferentes perspectivas sobre os desafios do futuro, tanto do ponto de vista político quanto social, ainda que o foco tenha residido em questões econômicas e financeiras.

O segundo documentário, *O Teatro das Tesouras* (2018), dividido em sete episódios, visou analisar as eleições brasileiras, atentando-se para aquelas que, conforme a película, “mudaram o rumo do Brasil”. Essa análise se baseou na ideia de que existiria uma falsa ruptura no ambiente político brasileiro, entre um grupo político moderado e outro mais radical, como comentou Lacerda:

Os narradores afirmam que vivenciamos uma grande farsa eleitoreira, dado que a cada quatro anos temos que optar por uma das faces da mesma moeda. Nessa perspectiva, o sistema político estaria infectado pelo vírus da ideologia da esquerda, minando a recente democracia no Brasil, a partir da Constituição de 1988 (Lacerda, 2023, p. 91).

Essas obras da B.P. nos permitem entender como ela compreende o país e quais são seus objetivos para o Brasil contemporâneo, além das principais problemáticas para o desenvolvimento da nação, a partir de duas áreas: a política institucional brasileira e a economia. Esses pontos seriam os temas centrais a serem discutidos pelos documentários, feitos para “auxiliar” o eleitor no debate público e a escolher seu candidato.

O próximo trabalho produzido foi *Era Vargas: O crepúsculo de um ídolo*, que estreou no final de 2018. Essa produção foi incorporada à série *Brasil: A Última Cruzada*, porém, como o título sugere, concentra-se nos governos Vargas (1930-1945 e 1950-1954), abrangendo também o período do governo Dutra, porém sem aprofundá-lo. Curiosamente, uma considerável parte da narrativa é dedicada à figura de Carlos Lacerda, desviando o foco da proposta original.

Para além desses filmes, o ano de 2018 foi marcado pelo sucesso da B.P., especialmente em razão do sistema de assinaturas, que, entre outros fatores, esteve associado à mudança da sede para São Paulo. Ademais, vale salientar que o poder capital da produtora não se demonstra somente pelos seus bens, ele também é utilizado para um *marketing* agressivo. Segundo José Fucs para o Estadão, “a empresa teria amealhado R\$ 1,5 milhão em seis meses” para o ano de 2017 (e conforme Valerim, em entrevista para o Boletim da Liberdade em 2018, a arrecadação seria ainda maior). Parte razoável do capital da B.P. seria investido nessa tática de *marketing*, de acordo com Luigi Mazza, em matéria da revista Piauí.

Só as propagandas da Brasil Paralelo etiquetadas como políticas superaram as de todos os candidatos da eleição de 2020 que patrocinaram posts no Facebook. Com 3 milhões de reais gastos em mais de 24 mil anúncios, a produtora ocupa o primeiro lugar do ranking (Mazza, 2021, n.p.).

Esse valor refere-se a apenas uma das plataformas em que o grupo investe: o *Facebook*. Entretanto, o poder de capital é tamanho que seu investimento para publicidade é diversificado em outras redes. Na plataforma *Google AdSense* (plataforma que permite apresentar propagandas pagas em sites afiliados), se calcula um gasto de 300 mil reais em 2022, em que as propagandas da B.P. foram classificadas como propaganda política:

O Google qualificou como ‘propaganda política’ os anúncios da produtora Brasil Paralelo em seu serviço de publicidade, o *Google Ads*. As informações constam no relatório de transparência de campanhas políticas, divulgado pela empresa norte-americana na semana passada. [...] Entre novembro do ano passado e junho deste ano, a Brasil Paralelo investiu mais de R\$ 300 mil no *Google Ads* (Redação Oeste, 2022, n.p.).

Os custos da B.P. com marketing nessas plataformas ultrapassam os valores das campanhas de políticos e partidos no período eleitoral de 2020. Esses valores não incluem o gasto com o impulsionamento em outras plataformas, a compra de palavras-chave no *Google* e *YouTube*, por exemplo. Esse investimento serve para impulsionar os produtos do grupo, fazendo com que apareçam primeiro na pesquisa em relação a outros vídeos, documentários e páginas da internet²⁶.

Já em 2022, a produtora anunciou um faturamento recorde de 150 milhões de reais e aproximadamente 500 mil assinantes em suas diversas plataformas, e procura dobrar esse número para os próximos anos²⁷, reforçando, como de costume, que a arrecadação é feita exclusivamente pelas assinaturas. Ademais, é possível debater sobre como essas propagandas são feitas para atingir assuntos-chave, relacionados ao grupo, “comprando” palavras e assuntos para que seu conteúdo seja recomendado antes de outros. Conforme Granjeia e Almeida, essa prática faz com que as pessoas que não conhecem a empresa deem preferência ao seu material.

²⁶ Assim como é salientado por Granjeia, J. e Almeida, R. na sua matéria “Por dentro da máquina do Brasil Paralelo para dominar as buscas no Google”. Disponibilizada pelo Núcleo Jornalismo em 31 jan. 2023. Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

²⁷ Como é reforçado pela matéria da Exame “Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser ‘a Disney brasileira’”. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>.

Com essas questões relacionadas à B.P. expostas, chegamos ao documentário *1964: Brasil Entre Armas e Livros* (2019), nosso objeto de interesse que será analisado adiante. Por ora, é importante ressaltar que, em todos esses casos e nos demais, a Brasil Paralelo se apresenta como produtora de verdades históricas, aciona determinados entrevistados — que, em sua grande maioria, compartilham de ideais ultraliberais e conservadores — e suas respectivas ideias e reafirma sua independência de financiamento público. Essa combinação de ações parece funcionar como estratégia da B.P. para construir uma imagem e uma autoimagem que objetiva transmitir credibilidade e, sobretudo, manter e angariar novos membros. Trata-se, aparentemente, de uma construção minuciosa, reiterada e bem dirigida, que posiciona a empresa no mercado e lhe garante sustentação ideológica e material. Por isso, é indispensável compreendê-la.

1.2. Brasil Paralelo pela Brasil Paralelo

Para entendermos a B.P., devemos investigar como a empresa e seus sócios querem que ela seja percebida. Para isso, usaremos a ideia de representação, por meio da “autodescrição” da própria produtora. O conceito de representação utilizado neste trabalho se simplifica em uma imagem que se cria de um objeto.

Dessa forma, fundamentamo-nos nas ideias de Roger Chartier, em que a representação seria uma imagem que existe para substituir o objeto, na memória e no discurso público. O que significa a criação de uma identidade social baseada em símbolos e signos, feitos para representar de maneira pública algo ou alguém, gerando um *status* simbólico que se torna palco de disputas e lutas de poder pela sua representação (Chartier, 2011).

Para compreendermos a imagem que a B.P. constrói de si mesma, na memória e no discurso público, analisaremos entrevistas dos sócios e parceiros, descrições criadas pelo grupo em diferentes plataformas e suas respostas jurídicas. A partir do contexto apresentado anteriormente, a B.P. propõe uma origem humilde, como exposto no seu próprio site:

Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem fundam a Brasil Paralelo em Porto Alegre. Os recursos eram escassos, a sala era pequena e as câmeras emprestadas. Aos poucos e com a ajuda de quem acreditava no projeto, foram conseguindo entrevistas de quem poderia explicar o cenário brasileiro

naquele momento. Assim nasceu a primeira produção, o Congresso Brasil Paralelo²⁸.

Essa descrição é a ideia básica sobre a criação da B.P., uma narrativa de simplicidade e humildade, moldada por desafios e dificuldades, que faz a trajetória do empreendedor de sucesso. Ela também se aproxima da descrição que fez de si na rede social voltada para negócios e situações profissionais *LinkedIN*:

A Brasil Paralelo é uma empresa brasileira fundada em 2016 por jovens em Porto Alegre. A nossa missão é resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros. Produzimos documentários, filmes, séries, trilogias, cursos e podcasts. O foco do conteúdo é informativo e relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Toda a produção é feita de forma independente, apartidária e isenta, cujo objetivo principal é oferecer ao público um conteúdo baseado em um grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas. As produções cinematográficas tratam de política, história, filosofia, economia, educação, arte e atualidades. Trata-se de uma empresa de comunicação cujos materiais são de caráter documental e historiográfico²⁹.

Dessa forma, a produtora narra sua história a partir do ano de 2016. Quando os três sócios resolveram produzir um congresso virtual, *Congresso Brasil Paralelo*, composto por seis episódios, com 4 horas de conteúdo e, somente no *YouTube*, mais de 10 milhões de visualizações³⁰. O propósito dessa obra, conforme Douglas da Silva Araujo (2023), era apresentar um diagnóstico da crise do Brasil recente, focando no cenário político, cultural e da segurança pública. Conforme Viana, a série se originou de uma palestra, que era organizada por ele e mais um companheiro, de nome “Tiago”, juntamente com a “elite econômica” de Porto Alegre, e tinha como um dos objetivos alertar sobre a guerra cultural (Viana, 2021). Essas palestras, graças ao seu público, se desdobraram em uma oportunidade de negócio, a Brasil Paralelo, encabeçada pelos três sócios (Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem) e empurrada por Leandro Ruschel³¹, empresário do ramo de investimento (Viana, 2021).

A missão inicial da B.P. era a criação de material educacional independente, guiada por princípios próprios, dentre os quais destacava Felipe Valerim para o Boletim

²⁸ Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo? Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm_medium=%2Fartigos%2Feducacao-no-brasil. Acesso em: 29 mar. 2024.

²⁹ Brasil Paralelo Sobre Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/brasil-paralelo/about/>. Acesso em: 04 maio. 2024

³⁰ BRASIL PARALELO, Congresso Brasil Paralelo | Episódios. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 4 maio. 2024.

³¹ Leandro Ruschel é um amigo dos sócios da B.P. e empresário gaúcho do ramo do mercado financeiro, criador da Liberta Investimento e outras empresas da mesma área. Também é membro conselheiro da Brasil Paralelo desde 2016, tendo essa vaga pela ajuda na criação da produtora, conforme Henrique Viana em entrevista ao Lídercast em 2021.

da Liberdade em 2018, “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”, que também são os mesmos apresentados no *LinkedIn*, mostrando-se parte integral da identidade da empresa, bem como são os mesmos apresentados no seu documento de *Código de Conduta Ética e Compliance*³². Esse documento, feito pela equipe de *compliance* da produtora, tem como um dos seus objetivos “[...] assegurar que todos os conteúdos atendam às normas dos órgãos reguladores e da legislação em vigor, com gestão certificada (CPC-A)”³³, de forma que os trabalhos do grupo estejam na lei.

Nesse mesmo documento também se apresenta o objetivo/visão da B.P.: “Ser o ecossistema de maior influência cultural do Brasil” (*Código de Conduta Ética e Compliance*, 2022, p. 04). Isto é, o grupo tem como objetivo ser um “ecossistema”, uma plataforma onde as pessoas que consomem os seus produtos não precisem sair dela, fidelizando-os a fim de que continuem assistindo seus documentários, programas e filmes, feitos pelo grupo ou por ele aprovados. Também temos uma lista neste documento sobre os seus valores:

Verdade: Nosso propósito é enriquecer a sociedade por meio da comunicação eficiente da verdade. A verdade não é relativa, é o bem maior e uma meta inesgotável.

Liberdade: Os indivíduos são diferentes na hora de escolher, agir e colher resultados (bons ou ruins), e tolher sua liberdade é abuso de poder. Incentivamos o desenvolvimento da consciência de ser responsável pelos resultados, e valorizamos quem consegue se automotivar para trabalhar e aprender com autonomia.

Arte: Tudo que não for possível assimilar pela linguagem racional, será comunicado e sentido pela arte bem feita. Vemos na criação audiovisual uma oportunidade de encontro entre tecnologia e arte. Acreditamos que o uso de ferramentas inovadoras, aliado à busca constante pela beleza, é o norte que nos guia em nossa missão.

Ambição: Quem almeja a máxima perfeição em suas conquistas, por mais que nunca a alcance, sempre dará o seu melhor. Estamos aqui para construir produtos que virem referência e sejam tudo que possam ser.

Meritocracia: Todos nós queremos o melhor da vida e o melhor do mundo, e a única forma legítima de conquistarmos isso é com o mérito. Toda a conquista sem mérito é instável e passageira. Por isso, fazemos o esforço deliberado de recompensar melhor os que fazem melhor em vez de aceitar uma equidade que primeiro desanima alguns para depois se espalhar aos demais.

União: Somos todos diferentes por aqui, não apenas fisicamente, mas em ideias e perspectivas. É preciso saber a hora de preterir nossas diferenças e preferir nosso objetivo em comum, pois juntos podemos fazer o que sozinho seria impossível. É uma questão de sobrevivência nos unir, e é uma questão de responsabilidade pela nossa missão sobreviver.

³² Documento de Agosto de 2022 disponível em sua página “Sobre Nós” que coloca: “**Missão:** Resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros” (*Código de Conduta Ética e Compliance*, 2022, p. 4).

³³ **Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo?** Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm_medium=%2Fartigos%2Feducacao-no-brasil>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Diplomacia: Ser diplomático é ser humilde. Respeitar as pessoas é lembrar que não somos donos da verdade, e de que sozinhos não somos capazes de construir o mundo em que vivemos. Ser diplomático não é ser falso, pelo contrário, é se entrosar no mundo em vez de separar-se dele (Código de Conduta Ética e *Compliance*, 2022, p. 5-6).

Para além do já citado, continuando a descrição feita em seu site, a B.P. se apresenta como uma “Empresa de mídia independente/ Não recebemos nenhum tipo de financiamento de partidos, políticos, movimentos, leis etc. Desde a fundação da empresa, nunca recebemos e nunca receberemos nem mesmo um real do dinheiro público”³⁴.

A Brasil Paralelo se define como uma “[...] empresa multimídia/ Parte do nosso conteúdo é transmitido gratuitamente para todos os públicos”³⁵, e como a “Segunda maior organização pró-sociedade-livre do mundo”, segundo a Forbes³⁶. Também procura traduzir ideias e questões mais complexas para as pessoas comuns.

De acordo com um dos fundadores, a B.P. foi pensada de maneira que “a marca é a conexão com uma realidade paralela. No caso, paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na grande mídia” (Valerim, 2018). Enquanto Viana, em entrevista para o podcast *Lidercast*, classifica o trabalho da produtora como um produto que parece com o “*establishment*, mas no fundo é um conteúdo *underground*” (Viana, 2021). Assim, o grupo propõe apresentar, por vezes, uma visão contra hegemônica de suas temáticas, além de buscar uma narrativa independente que está sob demanda.

Essas descrições também acompanham as questões jurídicas da instituição, que se vale do *compliance* para responder aos diversos pedidos feitos à B.P. nas mais diferentes mídias. Nesses pedidos, a B.P. também cria uma imagem que permeia as características já ditas anteriormente, em que ela é descrita como independente, apartidária e imparcial, com o objetivo de oferecer um conteúdo essencialmente neutro sobre os temas tratados, com base em acervos analisados por especialistas³⁷.

³⁴Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo? Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm_medium=%2Fartigos%2Feducacao-no-brasil. Acesso em: 29 mar. 2024.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Nesse caso, em seu site na seção “Sobre Nós”, a empresa cita uma reportagem da Forbes em que a Brasil Paralelo se entende como a segunda maior organização pró-sociedade-livre, mas a reportagem coloca “a Brazilian platform that I would describe as a pro-free-society Netflix or History channel”, que dessas plataformas pró livre mercado na área de educação está atrás em crescimento da *PragerU*, uma empresa/produtora estadunidense que exhibe um modelo de trabalho parecido com a B.P.

³⁷ Alguns desses direitos de resposta feitos pela equipe jurídica são: *Direito de resposta da Brasil Paralelo*, em que a B.P. é definida como: “uma empresa de comunicação, que tem como foco de atuação a produção de conteúdo informativo relacionados ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, cujo objetivo principal é oferecer ao público um conteúdo essencialmente imparcial com relação aos temas tratados, sempre com base em grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas”; outro foi a resposta no livro

Essas declarações são feitas principalmente pelos seus fundadores em entrevistas e materiais por eles elaborados, e, frequentemente, são acompanhadas de uma referência à agitação política nacional anterior (provinda de 2013 e 2014)³⁸, uma coligação entre outros companheiros e até a influência de mentores³⁹. Nesse contexto, a B.P. criou seu primeiro documentário que, posteriormente, possibilitou uma carreira na área do audiovisual.

Após o sucesso de seu primeiro trabalho, a produtora consolidou sua abordagem centrando-se em documentários baseados em entrevistas com especialistas. Combinado a isso, o modelo de negócio da empresa baseia-se em “ser financiada pelas milhares de pessoas que nos assistiriam” (Valerim, 2018), isto é, um formato:

‘freemium’: disponibilizamos as séries de documentários gratuitamente na Internet e comercializamos o acesso a um conteúdo exclusivo de aprofundamento nos temas das séries em uma plataforma de membros (Valerim, 2018, n.p.).

Então, esse modelo tinha como pretensão profissionalizar a empresa na produção de conteúdo. Logo em 2017, a B.P. lançou sua plataforma paga, atualmente chamada de *BP Direct*, que oferece acesso ao material privado composto pelas entrevistas⁴⁰, cursos⁴¹ e outras obras (livros, vídeos, análises e outros), além do acesso a

“NOVA DIREITA, BOLSONARISMO E FASCISMO”: “A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação, que tem como foco de atuação a produção de conteúdo informativo relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público produções embasadas em grande acervo documental analisado por dezenas de especialistas”; também tivemos na reportagem: *Filho de Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura*: “A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação, que tem como foco de atuação a produção de conteúdos informativos relacionados ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, e que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público conteúdos essencialmente informativos com relação aos temas tratados, sempre com base em grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas”. Como pode ser observado, a produtora é tratada de maneira similar, procurando pontuar sempre as características de neutralidade, independência e o material revisado por especialistas, os quais nunca são definidos nas respostas.

³⁸ “A história começou com um grupo de jovens empreendedores, hoje sócios do projeto, que entendiam que o país estava passando por um momento novo. Diante do cenário político de 2014, com a reeleição de Dilma Rousseff, um despertar de consciência política ganhava cada vez mais força a partir do sentimento de revolta da maioria da população”. Fala de Filipe Valerim para o Boletim da Liberdade, 2018.

³⁹ Enunciam em diversas entrevistas que receberam pedidos de “algo mais” por parte de amigos e empreendedores conhecidos, além de terem participado de projetos anteriores em grupos maiores. Afirmam que Leandro Ruschel (um empresário gaúcho, amigo do trio e conselheiro na B.P.) comentou que as palestras realizadas por Henrique Viana, eram um excelente negócio para transmitir informação e conhecimento às pessoas. Também mencionam a influência de Olavo de Carvalho no desenvolvimento do primeiro projeto, entre outros fatores.

⁴⁰ Essas entrevistas foram realizadas pela produtora com especialistas e personalidades relevantes, podendo ou não ser complementares aos trabalhos da B.P. Também inclui aquelas que fazem parte dos documentários, contendo seu conteúdo de forma integral, e outras exclusivas para a plataforma.

um grupo fechado para apoiadores. Mais recentemente, a B.P. inaugurou o *BP Select*, um sistema de *streaming*, que também é chamado de “*netflix conservadora*” ou “*netflix de direita*” por diversos meios de comunicação⁴², mas com foco em conteúdo próprio, como documentários, entrevistas e cursos, além de filmes selecionados por supostamente serem apropriados para toda a família. A plataforma também oferece análises desse conteúdo feitas por especialistas da própria empresa.

Esse sucesso da produtora em 2017, possibilitou a mudança da sede de Porto Alegre para São Paulo, capital paulista, em 2018. A B.P. se instalou em um edifício na Avenida Paulista, onde se encontra até hoje. De acordo com Filipe Valerim:

O que posso dizer é que a arrecadação foi suficiente para cobrir os custos de produção, estruturar a empresa com questões de infraestrutura e produzir a série “Brasil: A Última Cruzada” que foi ao ar no ano de 2017 e também já bateu a casa das 5 milhões de pessoas que assistiram a algum dos episódios⁴³.

Assim, até mesmo a mudança de localidade da B.P. é mobilizada para construir uma imagem pública cuidadosamente elaborada mediante diversos signos e símbolos, apresentando-se, reiteradamente, como neutra e apartidária, com forte apelo popular. De forma similar, ela destaca uma trajetória de êxito, tanto no âmbito institucional quanto no financeiro. Ao mesmo tempo, ela demonstra preocupação com questões sociais por meio de políticas internas, como a “Brasil Social”, uma ação da instituição que distribui bolsas e materiais didáticos para pessoas em alta vulnerabilidade social, bem como incita ações de voluntarismo e caridade.

Para além disso, as ações que visam lucro se alinham com a missão do grupo: distribuir a verdade e apresentar os bons valores que foram perdidos pela sociedade brasileira, por meio de uma plataforma paga que tem como objetivo fidelizar assinantes.

Assim, destacamos que a “Brasil Paralelo” se apresenta como uma empresa preocupada em demonstrar a veracidade em seus trabalhos a partir de uma neutralidade que lhe permite investigar os dois lados, trazendo de forma exata a realidade e os fatos. De acordo com ela mesma, a qualidade de seus produtos é prioridade, com investimento

⁴¹ Cursos de temas variados, podendo ou não expandir os assuntos abordados pelos diferentes trabalhos da empresa, como ciência política, história, filosofia, edição e produção de vídeos e documentários.

⁴² Alguns meios de comunicação que citam isso são: UOL na notícia ‘*Netflix da direita*’ atrai milhares de assinantes no Brasil e visa mercado internacional, Folha de São Paulo na notícia *Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser ‘Netflix da direita’* e *Elizangela deixou filme inédito ‘Oficina do Diabo’, que estreia em maio de 2024*, a Rádio França Internacional na notícia *Le ‘Netflix’ réac brésilien fait le plein*, dentre outras.

⁴³ Fala retirada de entrevista dada ao Boletim da Liberdade em 2018, REDAÇÃO BOLETIM. Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>.

em tecnologia de ponta, estética apurada e colaboração de especialistas que investigam aquilo que foi citado nas obras da produtora, apresentando-se, ainda, como legalista, contando com assessoria em *compliance* para garantir o cumprimento das leis e normas e, com isso, cumprindo o desígnio de um grupo unido, diplomático e meritocrático, que prioriza o bem da missão acima dos interesses individuais.

Diante disso, como essas representações influenciam a construção do documentário? Para aprofundarmos nosso entendimento sobre as questões que permearam sua criação, é crucial realizarmos uma análise que vá além da imagem aparentemente nítida que a empresa projeta de si mesma. Desse modo, é necessário compreender o cenário em que o objeto aqui analisado foi concebido, considerando todo o processo de produção ocorrido entre 2018 e 2019.

1.3. O Documentário e seus entornos

Por fim, chegamos a 2019 e no documentário *1964: Brasil Entre Armas e Livros*, cuja pré-estreia foi no dia 31 de março, data em que os militares evocam a “revolução”. A estreia ocorreu no dia 2 de abril de 2019, um dia após o aniversário de 55 anos do golpe de 1964. A obra tem 127 minutos de duração, com 11 milhões de visualizações no *YouTube* (até o momento), com mais de 77 mil comentários⁴⁴ e sendo divulgada como o maior documentário sobre a Ditadura Militar brasileira⁴⁵.

De acordo com os créditos da película, ele foi produzido por Henrique Zingano e dirigido por Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Porém, curiosamente, em diversos outros espaços, esse trabalho foi apresentado como produzido e dirigido pelos sócios da empresa: Henrique Viana, Felipe Valerim e Lucas Ferrugem, como no site *Wikipedia*, por exemplo⁴⁶, excluindo Zingano do papel de produtor.

Em entrevista realizada ao programa de televisão *The Noite*, de Danilo Gentili, em 2019, no canal SBT, os sócios revelaram que não queriam fazer um filme sobre a ditadura militar. Eles entendiam que, por ser um período polêmico da história do Brasil,

⁴⁴ O documentário está intitulado no *YouTube* “1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)”. No canal da Brasil Paralelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 4 maio. 2024.

⁴⁵ “O maior documentário já produzido no país sobre o período do Regime Militar brasileiro. Reunimos as maiores autoridades no assunto para chegar a verdade sobre o tema mais controverso de nossa história”, parte da sinopse original do filme encontrada no site da Universidade Federal de Uberlândia sobre uma exibição do filme em 2019.

⁴⁶ Informações presentes na *Wikipedia* alegando que “1964 foi produzido e idealizado por Filipe Valerim, Lucas Ferrugem e Henrique Viana, fundadores da Brasil Paralelo, uma empresa e produtora de Porto Alegre, Brasil”(Wikipedia, 2019).

não era o momento certo para uma obra dessa temática, mesmo com a pressão de apoiadores e fãs que desejavam alguma coisa a respeito da ditadura, desde o início da B.P. Entre as circunstâncias desfavoráveis, os sócios mencionaram a polarização do mundo da Guerra Fria, pois as narrativas do período estavam “contaminadas”⁴⁷, o que dificultaria distinguir a verdade da mentira, ou seja, aquilo que é fato e o que era propaganda das potências capitalistas e comunistas.

Todavia, Zingano, que trabalhava na empresa e já participava na construção de roteiro para outros vídeos e documentários, convence-os, pois tinha parte da pesquisa preparada. Esse estudo, aos olhos dos sócios, apresentava fatos interessantes para serem investigados e transformados em um novo produto.

A produção do longa-metragem ocorreu durante o período de 2018 a 2019, com o nome provisório de *1964 a Revolução*⁴⁸. A base argumentativa do filme parte do livro *1964: O Elo Perdido* (2017), de Mauro "Abranches" Kraenski e Vladimir Petrilak (que também foram entrevistados). O objetivo do livro é expor documentos da *Státní bezpečnost* ou *Štátna bezpečnosť* (StB), a agência de inteligência e polícia secreta da antiga Tchecoslováquia, e as ações do bloco comunista no Brasil. Sendo essa a “novidade” que permitiria a B.P. fazer o trabalho sobre o período.

No caso específico deste documentário, há um total de 24 entrevistados, de diferentes países, como a Chéquia, a Polônia e os Estados Unidos. Dentre elas, temos “testemunhas” (pessoas que viveram o período) e “especialistas” (pessoas que estudam ou conhecem o serviço de inteligência tchecoslovaco, a Guerra Fria, o comunismo e a Ditadura Militar).

Além disso, a produção de *1964: Brasil Entre Armas e Livros* coincide com as eleições de 2018. Nessa disputa, é eleito como presidente Jair Messias Bolsonaro, que apresentava um discurso que enaltecia a sua figura enquanto militar e integrante da ditadura. Bolsonaro se colocava como um participante de um movimento global de cunho conservador e liberal. Ele também se demonstrou um ávido defensor de um governo de direita, contrário à corrupção, bem como à atual situação social, cultural e política do Brasil, com um discurso “anti-establishment” e “antiesquerdista”, pois o sistema e as lideranças nele estabelecidas eram o problema.

⁴⁷ Em entrevista para o programa *The Noite* de Danilo Gentili;

⁴⁸ Essa informação aparece no making off do documentário que se encontra na plataforma de membros da Brasil Paralelo.

Outra questão importante relacionada ao presidente é que o documentário teve o seu apoio e de seus apoiadores, o que é apresentado por Rodrigues:

Para traçar uma nova versão da história, a produção, que é independente e tem apoio de conservadores e do presidente Jair Bolsonaro (PSL), ouviu filósofos, pesquisadores, jornalistas e historiadores, como Olavo de Carvalho, William Waack e Luiz Felipe Pondé (Rodrigues, 2019, n.p.).

Um dos filhos de Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, demonstrou publicamente apoio à obra na rede social *Twitter* (atualmente *X*) com a seguinte fala: “1964, O FILME! Uma produção Brasil Paralelo @brasilparalelo que estreia nos cinemas dia 31 de março falando verdades nunca antes contadas - muito menos pelo seu professor de história!”⁴⁹.

Com essas questões apresentadas, é importante salientar que o documentário *1964: Entre Armas e Livros* foi alvo de uma polêmica em relação ao seu posicionamento sobre a Ditadura Militar brasileira. Apesar da intenção de neutralidade, a presença no filme de figuras próximas a um candidato que se projetou nacionalmente por ser um militar, com diversas falas positivas sobre a época e o regime ditatorial, bem como uma visão favorável de Carlos Alberto Brilhante Ustra (fazendo uma homenagem a ele durante o voto de *impeachment* da presidenta que foi torturada pelo mesmo), moldou uma percepção de alinhamento ideológico. Essas relações geraram forte reação por parte de empresas, jornalistas, professores e outros grupos, que repudiam a Ditadura Militar e um discurso favorável a ela, levando à mobilização de pessoas que pediam o cancelamento de sua exibição no *Cinemark*.

Um caso ilustrativo das primeiras divergências ocorre da pretensão de realizar uma pré-estreia da película na rede de cinemas *Cinemark*. Esse evento estava agendado para os dias 31 de março (em sessões fechadas) e 1 de abril de 2019. Entretanto, em decorrência de uma grande inflamação contra a produção (pois teria um cunho político, favorável ou apologista à Ditadura Militar)⁵⁰, a rede de cinema resolveu então cancelar

⁴⁹ Comentário de Eduardo Bolsonaro no *Twitter*. Disponível em: https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1092846576299622402?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Eetweembed%7Ctwterm%5E1092846576299622402%7Ctwgr%5E145918b3c0553ab357a6a328ba54499814ae9882%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.poder360.com.br%2Fcongresso%2Feduardo-bolsonaro-divulga-documentario-pro-ditadura-militar%2F. Acesso em: 29 mar. 2024.

⁵⁰ Assim como afirmado por J. Boll em sua matéria com título “Usuários criam campanha contra rede de cinemas após salas exibirem “1964, o Brasil entre Armas e Livros””. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2019/04/usuarios-criam-campanha-contra-rede-de-cinemas-apos-salas-exibirem-1964-o-brasil-entre-armas-e-livros-cjtyuwrbg02do01pn32t2xmkc.html>. Acesso em: 29 mar. 2024.

o evento, já que seria contrária à apresentação de uma obra política em suas salas⁵¹. Porém, ainda houve exibições fechadas para convidados em 7 diferentes capitais brasileiras no dia 31⁵².

Em sua nota de esclarecimento, a rede de cinema aponta que o longa-metragem seria “político-partidário” e que as exibições que ocorreram teriam sido um “erro de procedimento em função do desconhecimento prévio do tema do evento”⁵³, pois a rede não aceita eventos dessa natureza.

Obviamente, essa ação da rede de cinema gerou posicionamentos favoráveis e contrários. Os favoráveis ao cancelamento foram também os responsáveis pela *Cinemark* ter se atentado ao documentário⁵⁴ e, de certa forma, comemoraram a decisão. Já aqueles que foram contrários, ergueram a *hashtag* “#BoicoteCinemark” com diversos questionamentos, apontando contradições com a nota e as ações da empresa, como foi apresentado no jornal GaúchaZh:

As pessoas questionaram sobre o fato de a rede ter exibido, no passado, a produção *Lula - O Filho do Brasil* e de agora ter se negado a receber as sessões de 1964, *o Brasil entre Armas e Livros*. O termo ficou entre os Trending Topics do Twitter, na tarde desta segunda-feira (Boll, 2019, n.p.).

A referida situação com a *Cinemark* interferiu no próprio filme. Os diretores adicionaram uma cena introdutória na qual se colocam enquanto vítimas de perseguição e censura, por não terem a possibilidade de exibir a película nas salas da rede, em universidades e em escolas⁵⁵.

Toda essa polêmica foi tributária do tom “negacionista” da obra apresentada em seus *trailers*, ainda que, de acordo com os próprios sócios, tivesse a suposta pretensão de “tirar o panfleto político, a carga ideológica do período”⁵⁶, fornecendo, assim, uma

⁵¹Nota do Cinemark que emite esclarecimento após exibição de filme sobre 1964. Matéria do Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/02/interna-brasil,746968/cinemark-emite-nota-de-esclarecimento-apos-exibicao-de-filme-sobre-196.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2024.

⁵² “Na manhã de domingo, 31 de março, houve pré-estreias de *1964: O Brasil entre Armas e Livros*, em sessões fechadas para convidados, nos cinemas do circuito Cinemark em sete estados.” (Escorel, 2019)

⁵³ Nota do Cinemark que emite esclarecimento após exibição de filme sobre 1964. Matéria do Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/02/interna-brasil,746968/cinemark-emite-nota-de-esclarecimento-apos-exibicao-de-filme-sobre-196.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2024.

⁵⁴ J. Boll relembra em sua matéria com título *Usuários criam campanha contra rede de cinemas após salas exibirem “1964, o Brasil entre Armas e Livros”*. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2019/04/usuarios-criam-campanha-contra-rede-de-cinemas-apos-salas-exibirem-1964-o-brasil-entre-armas-e-livros-cjtyuwrbg02do01pn32t2xmkc.html>. Acesso em: 29 mar. 2024.

⁵⁵ Essa cena introdutória ocorre do início do documentário até o minuto 02:10.

⁵⁶ Dito proferido em entrevista para o *The Noite de Danilo Gentile*. Entrevista com produtores de “1964: o Brasil entre armas e livros” | *The Noite* em 05 de abril 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/>

nova versão, diferente daquelas que circulavam nos meios universitários, cuja contaminação ideológica era evidente.

Essa ideia de um “novo olhar” para a Ditadura Militar brasileira não é algo inovador. Carlos Fico (2004) aponta a busca no Brasil, ao longo dos anos 2000, por uma nova compreensão sobre a Ditadura Militar dentre os jovens, tanto na academia, quanto fora dela. De modo similar, Demian Bezerra Melo (2014) demonstra uma tentativa de reescrever a memória da ditadura no mesmo período pela imprensa, bem como por familiares e figuras ligadas institucional ou ideologicamente a esse regime. Além disso, 40 anos após o golpe militar, ainda há grupos de militares e civis que comemoram esse evento⁵⁷.

Todo esse conjunto de posições foi intensificado pelos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Criada em 2011 pela Lei 12.528, foi instalada em 2012 e teve seu fim em 2014. De acordo com Rosa Maria Cardoso da Cunha:

Comissões da verdade são instituições que garantem às vítimas de graves violações de direitos, em geral crimes de lesa-humanidade (tortura, assassinatos, desaparecimentos forçados, ocultação de cadáveres etc.), o direito de vocalizar e tornar públicas as atrocidades que sofreram, com a especificação de circunstâncias de tempo, local, forma de execução e identificação dos algozes. São concreções do exercício do direito à verdade, que têm um reconhecimento no direito costumeiro e no direito humanitário, anterior à própria criação das comissões (Cunha, 2021, p. 104).

Essa Comissão tinha como objetivo:

[...] examinar e esclarecer o quadro de graves violações de direitos humanos praticadas entre 1946 e 1988, a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional (Relatório Comissão Nacional da Verdade, 2014, p. 15).

Dessa forma, a CNV acaba por mexer com diversos grupos de formas mais diferentes possíveis, causando um choque nos militares e em seus representantes políticos, fazendo com que eles se pronunciassem⁵⁸. Afinal de contas, como aponta

cbyRJnZExk>. Acesso em: 30 mar. 2024.

⁵⁷ Como possível de ver em: Reportagem da Agência Grita SP intitulada “Ditadura militar - Repórter do CQC em evento dos militares em 2012”. Disponível em: https://youtu.be/_q7Wwdr0F7s. Acesso em: 30 mar. 2024.

⁵⁸ Alguns dos diversos exemplos foram:

Pronunciamento de Bolsonaro no Palavra Aberta (2012). Disponível em: www.camara.leg.br/tv/370317-dep-jair-bolsonaro-pp-rj-comissao-da-verdade/. Acesso em: 30 mar. 2024.

A carta de militares da reserva convocados a depor – Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2014/09/nao-colaboro-com-o-inimigo-diz-militar-convocado-pela-comissao-da-verdade;>

A formação de “comissões paralelas”. Matéria da BBC Brasil- https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120515_comissao_verdade_pc; Dentro diversas outras

Silvia Brandão, essa comissão mexia (minimamente) com o *status quo* que era a anistia e as vantagens concedidas por ela.

Além disso, a Comissão trouxe para o debate público, por meio estatal, a memória de sobreviventes e algozes, juntamente aos documentos da época, para apurar as denúncias de violações de Direitos Humanos, o que para as vítimas do regime ditatorial era uma forma de compartilhar suas feridas e talvez ter um desfecho, já para os perpetradores representava o perigo de pagar pelas suas infrações. A percepção era clara, como expõe Brandão:

Nas máquinas de memória democráticas a percepção da necessidade de uma ação estatal para a reconciliação e a perpetuação da paz social não está ausente. Contudo, o toque essencial foi sobre codificado. Se na ditadura, dentre outras formas, ele vinha da imagem do comunista-terrorista exterminado em falsos tiroteios, nas máquinas de memória democráticas a vítima ocupa a centralidade (Brandão, 2021, p. 62).

Assim, em 2014, a CNV reconheceu os crimes cometidos pela Ditadura como violações dos direitos humanos e crimes contra a humanidade, que não seriam passíveis de anistia e prescrição. Dessa pesquisa e debate, a Comissão produziu 29 recomendações, dentre elas punições aos militares e prevenções para que ações dessa natureza não ocorram novamente⁵⁹.

No entanto, vários militares criticam o relatório da CNV, “afirmando que continha um conjunto de mentiras, visando destruir o pacto da anistia selado pela Lei 6.683/79 e levar as Forças Armadas ao banco dos réus.” (Cunha, 2021, p. 107). Primeiramente, por definirem a autoria e os autores das violações dos Direitos Humanos e por “à responsabilização civil, militar e administrativa dos autores de graves violações e o pedido de não aplicação aos mesmos dos dispositivos concessivos da anistia previstos na Lei 6.683/79” (Cunha, 2021, p. 108). Conforme Cunha, vários dos depoentes militares, como o caso de Brilhante Ustra, apontaram que somente cumpriam a missão, na preservação da democracia, contra o comunismo e de combater os terroristas (Cunha, 2021).

Para além de militares, houve também retaliação de grupos civis provindos do processo das Jornadas de Junho de 2013, nascido de um sentimento antipetista e

que foram enunciadas no livro “Espectro da Ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo” de Edson Teles e Renan Quinaha.

⁵⁹ Comissão da Verdade: Conheça as 29 recomendações do relatório. BBC News Brasil, 10 dez. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_recomendacoes_comissao_1k. Acesso em: 30 mar. 2024.

anticorrupção. Durante o período de 2014 a 2016, surgiram protestos pedindo uma intervenção militar no Brasil, com o intuito de retirar do governo a então presidenta Dilma Rousseff⁶⁰.

A partir do *impeachment* da então presidenta e com a posse do vice-presidente Michel Temer, se iniciou o desmonte das políticas oriundas da CNV. Fato que teve como pá de cal a eleição do presidente Jair Bolsonaro, sedimentando no período de 2019 o cenário sobre a Ditadura Militar no Brasil contemporâneo.

Nesse panorama, saiu o primeiro *trailer* do documentário intitulado *1964: O Brasil Entre Armas e Livros | Trailer Oficial* logo no início de fevereiro de 2019. Nele são expostas imagens da CNV e a ideia de diversas narrativas por trás do Regime Militar – forma como é chamado o período nesse trecho de 1 minuto e 45 segundos. O *trailer* também evoca uma contradição entre a ideia de golpe, contragolpe e revolução, equiparando-as, pois se busca a verdade. Além disso, ele insinua que o filme procurava averiguar o período “pelos arquivos do golpe comunista” e trata as pessoas que lutaram contra o regime como terroristas. Dessa forma, é possível notar um alinhamento com os discursos militares e oficiais sobre a Ditadura Militar. O terceiro e último *trailer* apresentou de forma majoritária uma visão anticomunista e de um perigo iminente remanescente da Guerra Fria⁶¹.

Todos esses exemplos fazem com que o longa-metragem seja percebido com parcialidade, como uma peça não só pró-ditadura, mas como um trabalho de propaganda do regime no Brasil. Essa percepção é alimentada por diversos elementos, como entrevistados que tinham um viés político bem definido e até mesmo positivo em algum aspecto da ditadura, o uso nos *trailers* de um linguajar que relembra o discurso militar sobre o assunto e a ideia de que existe mais de uma versão sobre o período.

Por fim, tão relevante quanto situar o documentário em seu contexto social e político é analisá-lo em suas estratégias discursivas menos visíveis. Por isso, no próximo capítulo, faremos uma análise da produção, buscando destrinchar suas narrativas e identificar suas ideologias. Realizaremos isso por meio dos conceitos de Cultura Histórica e de Consciência Histórica, ambos apresentados por Jörn Rüsen, o que nos permitirá reconhecer as dimensões cognitiva, estética, política, moral e religiosa de *1964: Entre Armas e Livros*.

⁶⁰Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ&t=515s>. Acesso em: 30 mar. 2024.

⁶¹ São observados somente o conteúdo desses dois *trailers*, uma vez que não foram encontrados outros.

CAPÍTULO 2 O DOCUMENTÁRIO

O processo de significado de uma mídia é constituído por três diferentes fases: a produção, a obra e a recepção. Assim, para analisarmos o documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), buscamos no capítulo anterior entender a produção, a produtora e os contextos relevantes. Neste capítulo, destacamos a obra, observando suas características narrativas e estéticas.

O primeiro ponto a ser sublinhado diz respeito à ligação da B.P. com a Nova Direita brasileira. No capítulo anterior, apresentamos as interações entre a empresa e os grupos políticos que representam a ideologia ultraliberal e conservadora. Agora, focaremos na criação da narrativa sobre a Ditadura Militar, especialmente na forma como as entrevistas com representantes desse campo político, apresentados pela longametragem como especialistas, contribuem para essa construção.

Desse modo, é esperado que os produtos da empresa apropriem os valores e princípios dessa corrente ideológica, ou seja, uma retórica conservadora e ultraliberal. Em nossa análise do filme, buscaremos observar se essa perspectiva se confirma. Para isso, realizaremos a análise da obra, suas narrativas e ideologias, a partir do conceito de Cultura Histórica, elaborado por Jörn Rüsen. Dessa forma, se torna primordial entendermos o conceito e suas características.

2.1. Cultura Histórica

Neste trabalho, partimos da ideia de Cultura Histórica (CH) para decupar as narrativas do documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019). Em especial, evocamos a conceituação de Jörn Rüsen que expressa:

Cultura histórica é o suprassumo dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana. Ela abrange as práticas culturais de orientação do sofrer e do agir humanos no tempo. A cultura histórica situa os homens nas mudanças temporais nas quais têm de sofrer e agir, mudanças que — por sua vez — são (co)determinadas e efetivadas pelo próprio agir e sofrer humanos. A cultura histórica é capaz de orientar quando viabiliza que as experiências com o passado humano sejam interpretadas de modo que se possa, por meio delas, entender as circunstâncias da vida atual e, com base nelas, elaborar perspectivas de futuro (Rüsen, 2015, p. 217, grifos do autor).

Portanto, a CH seria o “uso pragmático” dos conhecimentos sobre história, como nos relacionamos com o passado e como o utilizamos em nosso cotidiano, mesmo que

de forma inconsciente. Em outras palavras, o indivíduo usa esse conhecimento para se orientar no mundo, nas questões sociais, pessoais, educacionais, políticas e tantos outros desafios que encontra no seu dia a dia, dando sentido ao passado, presente e futuro. Assim, a CH é sobre a ação de um indivíduo com a sua vivência, como Maria Auxiliadora Schimidt aponta:

[...] a cultura histórica é a própria memória histórica, exercida na e pela consciência histórica, a qual dá ao sujeito uma orientação temporal para a sua práxis vital, oferecendo uma direção para a atuação e autocompreensão de si mesmo (Schimidt, 2014, p. 2).

Dessa forma, a CH é formada pelas experiências dos indivíduos com a história, que se molda pelo enfrentamento de problemas (sofrimento) e a construção de sentido. Contudo, a CH também é social, se baseando em ideias socialmente constituídas nas mídias, pelas vivências coletivas, das diversas instituições e narrativas históricas.

Para entendermos a Cultura Histórica no documentário, é necessário observarmos os elementos que a criam. Teremos como base, então, a ideia de que ela é formada por diferentes dimensões: a cognitiva, política, estética, moral e religiosa (Rüsen, 2015). Rüsen dá a cada uma delas definições, funções e tipos. Por exemplo, a ciência histórica é formada pelas dimensões cognitiva (que discerne a verdade, os fatos e métodos), estética (a criação da narrativa) e política (legitimação da narrativa). Mas, a CH, principalmente fora dos meios da academia, contém todas as dimensões.

Desse modo, devemos definir as dimensões históricas e suas funções para, depois, compreendermos como elas atuam no filme. A primeira dimensão é a *Cognitiva*, a qual lida com a verdade e, por consequência, com o entendimento do processo de análise e compreensão da história, como Rüsen aponta:

A dimensão *cognitiva* da cultura histórica se caracteriza pelo saber e pelo conhecimento sobre o passado humano. Seu critério decisivo de sentido é a *verdade*, isto é, a capacidade de fundamentar todas as sentenças sobre o passado humano com respeito a seu teor empírico, teórico e normativo. Sem essa pretensão cognitiva de verdade, a cultura histórica não pode ser pensada, nem mesmo enquanto não tenha chegado à forma da cientificidade (moderna) (Rüsen, 2015, p. 231, grifo do autor).

A segunda dimensão é a *Estética*, que lida com a comunicação da história, isto é, todo processo de conversão dos elementos do passado em uma narrativa que tenha sentido e significado no presente:

A dimensão *estética* da cultura histórica é própria à percepção das apresentações do passado (nos diversos **meios de** comunicação). Tradicionalmente, o critério decisivo de sentido é, aqui, chamado de *'beleza'*.

Pensa-se aqui na capacidade de tal apresentação de falar ao espírito e à sensibilidade de seus destinatários. Estes, por intermédio da forma apresentada, adotam as representações e as inserem no quadro de orientação da vida prática. E decisivo, para a qualidade dessa forma, a propriedade da consistência. Com respeito a seu caráter narrativo, próprio a todo saber histórico, pode-se falar de *coerência narrativa* na forma da apresentação do saber ou do conhecimento histórico (Rüsen, 2015, p. 231, grifos do autor).

A terceira dimensão é a *Política*, a qual é responsável por conferir o teor de legitimidade às narrativas históricas e expressar relações de poder entre os componentes que integram o objeto em questão. Conforme o autor:

A dimensão *política* da cultura histórica lida com o papel desempenhado pelo pensamento histórico nas lutas pelo poder, em meio às quais os seres humanos, nas relações entre si e consigo mesmos, têm de viver. [...] Essa convicção da *legitimidade* das relações de poder e dominação, sob as quais os seres humanos têm de viver, caracteriza o teor de sentido de sua relação política entre si, na qual se dá todo o jogo político (Rüsen, 2015, p. 232).

A quarta dimensão é a *Moral*, que envolve um julgamento de valores contemporâneos ao passado. Essa dimensão é caracterizada pela necessidade de passar pelo filtro da ética e da moral, aplicando critérios de “certo e errado”, de “bom e mau”, na interpretação dos acontecimentos históricos. Como o autor expressa:

A dimensão moral da cultura histórica trata da valorização do acontecimento do passado de acordo com normas éticas e morais válidas na cultura atual. É decisivo aqui *o critério de sentido da distinção entre o bem e o mal*. [...] Essa posição também sempre está determinada por uma relação ao sistema de normas e valores, no contexto do pensamento histórico (Rüsen, 2015, p. 233, grifo do autor).

Já a quinta e última dimensão é a *Religiosa*, que é apresentada na discussão de Rüsen ligada à ideia de uma interferência transcendental ao passado, da presença da salvação ou de uma figura garantidora dela:

Esse critério se torna uma determinação dimensional do pensamento histórico quando essa salvação, essa intervenção da transcendência, instituidora e garantidora de sentido, é pensada como uma intercorrência nesse acontecimento. Nesse acontecer, a figura histórica de um salvador desempenha um papel decisivo. É possível também, todavia, projetar o acontecer temporal do mundo humano numa tela de significação transcendente, na qual seu todo ganhe a profundidade salvífica de sentido (Rüsen, 2015, p. 234).

Essas dimensões, em conjunto, integram a CH histórica de um indivíduo. Evidentemente, a própria CH pode e com frequência é modificada, isso ocorre, por exemplo, quando uma pessoa, com sua CH, entra em contato com um conhecimento novo que, por sua vez, resultará em novas formas de ação. Isso significa que a CH é

tanto produto quanto origem das relações que um indivíduo estabelece consigo e com o meio que o cerca.

Além disso, como expõe Rösen,

As diversas dimensões da cultura histórica deveriam estar interconectadas, de modo que a humanidade do ser humano se realize plenamente. Como se dá isso? Os respectivos critérios de sentido têm de ser estabelecidos (1) com relativa autonomia e (2) com reconhecimento e efetivação nos resultados interpretativos da consciência histórica. Esses critérios têm de exercer (3) sua função de orientação na realidade social. (4) Dentro de tal contexto produtivo, os critérios de sentido limitam seu próprio alcance e (5) criticam as incursões instrumentalizadoras nos campos uns dos outros. Com essas cinco perspectivas, as cinco dimensões podem ser articuladas em uma unidade complexa e coerente (Rösen, 2015, p. 239).

Dessa perspectiva, o ser humano apresenta a capacidade de construir sentido a partir de si mesmo, por meio das diversas dimensões da sua cultura histórica. Essa síntese, conforme Rösen, faz com que surjam novas regras, novas formas, que alteram as medidas das dimensões históricas e o conhecimento histórico.

É com base nessa reflexão, portanto, que analisaremos o documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), identificando e descrevendo como a obra aciona uma ou outra dimensão para alcançar os seus propósitos.

2.2. Uma breve descrição

O documentário *1964: Entre Armas e Livros* teve seu lançamento em 2019, e a sua sinopse o apresenta como:

O maior documentário já produzido no país sobre o período do Regime Militar brasileiro. Reunimos as maiores autoridades no assunto para chegar a verdade sobre o tema mais controverso de nossa história. Nossa equipe viajou até o Leste Europeu para buscar nos documentos, até então, secretos, do serviço de inteligência da extinta Tchecoslováquia os fatos que nos esconderam. Pela primeira vez eles irão ao público em forma de documentário. Prepare-se, sua visão sobre 1964 jamais será a mesma⁶².

A temática de *1964: Entre Armas e Livros* (2019) gira em torno da Ditadura Militar, sendo o impulsionador da narrativa o golpe militar. Assim, a história é dividida em duas partes: o pré-golpe — que apresenta as ideias citadas nas sinopses, além do contexto nacional e internacional da Guerra Fria — e o pós-golpe — que aborda a Ditadura, sua história e os conflitos entre os comunistas brasileiros (terroristas e

⁶²Um dos exemplos dessa sinopse oficial da B.P. da época foi uma apresentação do documentário na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) - <https://eventos.ufu.br/incis/1964-o-brasil-entre-armas-e-livros/2019/04> - o problema é que essa primeira versão não é mais distribuída pela empresa.

revolucionários, conforme o documentário) e os militares. A narrativa, portanto, transcende o golpe em si, focando nas ações e consequências desse embate para o Brasil.

Com isso em mente, precisamos observar como o filme cria essa sequência, tanto no âmbito audiovisual quanto textual. Para isso, precisamos entender como a obra articula cada uma de suas dimensões históricas e de que forma elas contribuem para a construção de sua narrativa histórica.

2.2.1. *Dimensão Estética*

Considerando que nosso objeto diz respeito a uma obra cinematográfica, Rüsen sugere um novo desafio: compreender as diferentes interações entre a dimensão cognitiva e a estética nessas “novas mídias”, já que operam de forma diferente da oralidade e da escrita, quando pensada isoladamente. Essa articulação converge, principalmente, no âmbito audiovisual, que cria uma forma específica de relacionar as narrativas e como lidamos com o passado, presente e futuro.

Então, torna-se preciso entender que o cinema e, por consequência, o documentário, exigem distinções para entendermos de outras mídias. Um filme pode ser ficcional, baseado em uma história real, ou uma mistura das duas, se distingue por conter tanto uma narrativa textual quanto visual, e até onde pode ser visto (cinema, televisão, aparelhos celulares, computadores, plataformas pagas ou gratuitas, etc.).

Assim, dizemos que é um documentário histórico, de cunho didático e explicativo, feito para uma estreia de cinema, mas com seu principal alvo sendo espectadores de internet. Acontece que a produção está presa nas convenções desse modelo, fazendo poucas inovações em comparação às produções de décadas anteriores, como os originais da década de 1920 e os televisionados na tevê a cabo (os quais a obra imita em sua estética) – como os do *History Channel* ou *British Broadcasting Corporation* (BBC).

É necessário destacar que a narrativa é uma sucessão de símbolos e signos que contêm sentidos particulares. Por isso, podemos ter uma narrativa fotográfica, ou anedótica, ou literária, ou histórica, que independem de serem móveis ou imóveis, ligadas a uma temporalidade ou não (Squire, 2014). No caso de um documentário, existem vários modos diferentes, ou subgêneros, que dão às estruturas basilares as narrativas e obras desse gênero (Nichols, 2005), podendo ser expositivo, poético,

participativo, observativo, reflexivo e outros. Esses modos expõem o funcionamento da película, mas não contemplam todos os aspectos de sua organização.

A obra analisada é predominantemente expositiva, contendo algumas das funções de um documentário participativo. A principal característica do modo expositivo, conforme Bill Nichols, é sua preocupação com o mundo histórico, o mundo “real”, e ser excessivamente didático. Isso é observável no filme por meio das críticas especializadas, como a de Pablo Villaça (crítico de cinema) em seu vídeo *1964: Brasil - Entre Armas e Livros - Comentários* (2019), que apresenta o longa-metragem como ultrapassado e amador, com uma linguagem que consiste em “cabeça falante”⁶³ e uma forte editorialização por parte do narrador (que funciona como um guia), o uso de ferramentas como o comentário “voz de Deus”⁶⁴. Esses aspectos fazem com que haja uma “inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham um papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito” (Nichols, 2005, p. 143).

Outra particularidade do modo expositivo é a impressão de neutralidade, em que a narração (onisciente) está acima das disputas e é constituída por meio de argumentos básicos e generalistas comprovados pelas imagens (Nichols, 2005). Esse tipo de documentário e de narrativa audiovisual tem como função principal transmitir informações, ou mobilizar o espectador a favor da obra, ou seja, o filme é feito para que a audiência endosse o que nele é apresentado (Nichols, 2005). Esse aspecto também está diretamente conectado à própria mídia, à própria imagem, como apresenta Flusser: “O Observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagem, mas enquanto visões do mundo” (2009, p. 16).

Mas a película não se reduz ao modo expositivo. Nela, o modo participativo complementa a narração expositiva em que os entrevistados redirecionam e até surpreendem o espectador com determinados argumentos. Esse modo, conforme Nichols, é caracterizado por uma ausência de criticidade do documentário em relação ao texto narrado e aos depoimentos coletados.

⁶³ A ‘cabeça falante’ é um efeito desse aparato (testemunhal), em um nível básico, com a cabeça, de acordo com o convencional, selecionada para enquadramento e inclusão em uma sequência ordenada ou um arquivo hipertextual. Na verdade, a ‘cabeça falante’ (em que aqueles que usam essa designação anatômica geralmente incluem um pescoço e ombros como apoio) só parece incorpórea porque o tronco, os quadris, as pernas e os pés foram deixados de fora da composição do filme. E a cabeça só parece estar sozinha (Sarkar; Walker, 2010, p. 8, tradução própria).

⁶⁴ Uma narrativa que está fora da imagem do documentário, aparentemente ‘por cima’ do mundo histórico do qual o filme abrange, ou seja, ‘o orador é ouvido, mas jamais visto’ (Nichols, 2006, p. 142).

Dessa forma, em parte, o produto cinematográfico tem como seu principal viés a narrativa textual, aquilo escrito para estruturar e falar com o espectador. Ao mesmo tempo, a história tem como base as entrevistas que não só apresentam os fatos, os explicam e organizam a fim de construir a narrativa principal. Esses aspectos são completamente visíveis da introdução à conclusão de *1964: Entre Armas e Livros* (2019), por vezes complementando um ao outro na montagem narrativa.

Além disso, a trilha sonora complementar contribui para os propósitos do longa-metragem, ditando ritmo, volume e sensações. Villaça (2019) aponta que a trilha sonora é feita com o objetivo de condicionar a visão do espectador, com uma música pesada e conspiratória (principalmente para falar da esquerda), ou mais cômica para tirar sarro de alguma figura (como Jânio Quadros), ou heroica (quando fala sobre o golpe militar).

Uma passagem ilustrativa das escolhas estéticas diz respeito à descrição da Guerra Fria. Esse momento é iniciado com a fala de Percival Puggina, seguida pelo narrador Filipe Valerim, que está ali para acrescentar informações, complementando a fala do entrevistado e contextualizando o período para o espectador. Essas apresentações sobre o período ocorrem até o minuto 24:00 e esse estilo de narração, em que um entrevistado apresenta seu ponto e é seguido pelo narrador, aumentando a explicação e guiando as conclusões das falas, será o modelo de narrativa do documentário.

A partir dessa dinâmica, a Guerra Fria é descrita como uma luta entre a União Soviética e os Estados Unidos da América⁶⁵. Para iniciar a explicação, a obra apresenta os motivos do conflito, usando a Segunda Guerra Mundial como seu marco. Durante a apresentação dessa guerra, a produção trata a Alemanha nazista e o Japão imperial com cortes bruscos e com imagens que “pulam” na tela. As figuras que as representam piscam em vermelho e um forte e estridente som que serve, em um primeiro momento, para chamar a atenção e, em um segundo, para marcar o inimigo. Ao longo do filme, esse mesmo efeito será aplicado, não mais aos inimigos da guerra, mas para representar os comunistas, representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff e outros membros da esquerda ou de movimentos opostos à Ditadura Militar. A edição estabelece, assim, uma associação sensorial entre as figuras consideradas inimigas pela narrativa.

⁶⁵ Optamos neste trabalho não confrontar os eventos, narrativa e a historiografia apresentadas pelo documentário, a não ser quando necessário para a análise ou sua discussão.

Dessa maneira, quando o longa-metragem descreve os conflitos da Guerra Fria propriamente, ilustra os principais países envolvidos com cores diferentes: os EUA em azul e a URSS em vermelho, criando uma dicotomia inicial que será reforçada pelo narrador.

O filme caracteriza de forma maniqueísta os EUA e a URSS, postura reforçada pela utilização de adjetivos e valores que atribuem um lado positivo ao primeiro e negativo ao outro. Além disso, a produção caricaturiza a União Soviética por meio de uma visão vilanesca, sugerindo que seu objetivo era dominar o mundo. Essa representação é fortificada por músicas dramáticas e imponentes, que visam demonstrar a URSS como antagonista e, por consequência, todas essas características são transpostas aos seus aliados (ou aqueles que a narrativa indica enquanto aliados).

Em suma, a análise revela que o documentário emprega uma estética marcada por contrastes para construir uma narrativa fortemente polarizada. Essa abordagem maniqueísta, que se manifesta tanto na caracterização da Guerra Fria, também aparece nas explicações sobre a Ditadura Militar. Desse modo, tendo explorado as estratégias estéticas utilizadas para moldar a percepção do público, iremos nos dedicar à dimensão cognitiva dessa narrativa.

2.2.2. Dimensão Cognitiva

A dimensão cognitiva tem como preocupação fundamentar os argumentos apresentados. Tal fundamentação pode assumir diferentes naturezas, como: bibliográfica, teórica, metodológica, empírica, lógica e linguística.

O documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), em diversos momentos, apresenta seus argumentos sem remetê-los a uma origem bibliográfica. É, por exemplo, o que ocorre quando citam a existência de uma iminente guerra civil, uma “República Sindicalista”, eleições presidenciais entre Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek, entre outros fatos e anedotas narrados pelo filme.

Dessa forma, é necessário apresentar as demais fontes às quais a produção faz alusão. As principais são o livro *1964: O elo perdido* (2017), de Mauro “Abranches” Kraenski e Vladimír Petrilák, além das entrevistas, imagens, notícias e gravações utilizadas ao longo da obra.

O documentário, em sua sinopse e em entrevistas de seus produtores (já apresentadas no primeiro capítulo), descreve a sua necessidade de existência, ou melhor,

sua originalidade, por conta de novas fontes utilizadas, mais especificamente o livro *1964: O elo perdido* (2017).

Contudo, a “originalidade” se restringe basicamente às fontes apresentadas no livro *1964: O elo perdido*, que se concentra em documentos provenientes, principalmente, da *StB* e de outros serviços de inteligência de países comunistas. Esses arquivos utilizados de base para o livro revelam a existência de uma rede de espionagem e subversão no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960. Entretanto, o objetivo do seu uso pela obra não é somente entender como essa agência de inteligência comunista agia no país, e sim confirmar a ideia de uma ameaça comunista no país.

De forma complementar, o documentário entrevista pessoas que tiveram acesso aos documentos do Arquivo das Forças de Segurança (o instituto que contém e preserva os arquivos da *StB*, de uso militar, contraespionagem e outros, do regime socialista da Tchecoslováquia) ou pessoas que teriam lido o livro *1964: O elo perdido* (2017).

Exemplos desse uso durante a película são vários, um deles é o funcionamento da *StB* no Brasil por meio de espões ligados à embaixada da Tchecoslováquia em um formato de *rezidentura* – os agentes eram treinados para serem tanto diplomatas quanto espões. O filme apresenta como objetivo desta agência o estabelecimento de uma rede de informantes, composta por políticos, jornalistas, pessoas de negócios, etc.⁶⁶. Vale destacar que Mauro Abranches afirma, no longa-metragem, que há atividade de outros serviços comunistas no país: “[...] podemos tratar esse nosso trabalho, provavelmente, como somente uma parte de atuação de serviços comunistas no Brasil, inclusive antes do golpe do ano de 1964”⁶⁷.

Além disso, toda sequência dos governos Jânio Quadros e João Goulart é construída com base no livro. Outro exemplo é como o documentário afirma que guerrilheiros brasileiros foram treinados em Cuba (com ajuda da *StB*), bem como a intensificação das atividades dessa agência a partir da transformação das Ligas Camponesas em guerrilhas armadas e, mais tarde, no MST, além da sua influência para que houvesse uma guerra civil no país⁶⁸. A película também sugere que houve interferência ou a presença de agentes no governo de João Goulart – como indicado no minuto 52:45 por Renor Oliver:

⁶⁶ Trecho retirado do documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), minuto 32:15.

⁶⁷ *Ibidem*, minuto 52:45.

⁶⁸ *Ibidem*, minutos 50:00.

Se a história até então dizia que era tudo uma teoria da conspiração dizer que não existia possibilidade nenhuma de golpe comunista e tal no Brasil, o livro relata algumas cenas que dão a entender que o Jango é muito próximo de pessoas que eram agentes da KGB, isso era grave⁶⁹.

Os casos acima ilustram uma estratégia que se repete ao longo da narrativa: supostamente fundamentar seus argumentos em um autor ou documentos, ignorando, contudo, suas ideias ou todo o conjunto de reflexões e debates historiográficos desenvolvidos desde a década de 1970. Essa remissão altamente seletiva da bibliografia e da documentação, embora tenha uma aparência de ser cientificamente embasada, expressa incorreções metodológicas, limitações bibliográficas e, sobretudo, inconsistências epistemológicas.

Além do livro citado anteriormente, outra fonte basilar para esse longa-metragem são os depoimentos de supostos especialistas. Há um total de 29 entrevistados: 24 para o filme e 5 para a plataforma paga. Entretanto, tanto as entrevistas quanto os entrevistados cumprem papéis distintos na construção da narrativa histórica e fílmica da obra.

Dessa maneira, os entrevistados foram agrupados em duas categorias diferentes: “testemunhas” (indivíduos que vivenciaram eventos) e “especialistas” (indivíduos que estudam e/ou conhecem o serviço de inteligência tchecoslovaco, a Guerra Fria, o comunismo etc.). Com alguns dos entrevistados, essa categorização se torna difusa, figuras como Olavo de Carvalho apresentam as duas funções em diferentes momentos. O Quadro 1 organiza os entrevistados de acordo com nomes, local de aparição (documentário e/ou plataforma), categoria, título atribuído no documentário e tempo de tela, apresentados em ordem decrescente do tempo de tela.

Quadro 1 - Entrevistados

Nomes	Documentário	Plataforma	Categoria	Título atribuído no documentário	Tempo de tela	Vídeo na plataforma (minutos)
Lucas Berlanza	X	X	Especialista	Jornalista e Escritor	17:34	98:00
Olavo de Carvalho	X	X	Testemunha/ Especialista	Filósofo e Escritor	09:46	49:00
Thomas Giulliano	X	X	Especialista	Historiador	07:28	66:00
Rafael Nogueira	X	X	Especialista	Historiador	07:13	67:00
Percival Puggina	X	X	Testemunha	Escritor e Jornalista	05:38	47:00
Vladimír	X	X	Testemunha/	Autor do livro "1964:	05:13	44:00

⁶⁹ Ibidem, minutos 52:55.

Petrilák			Especialista	O Elo Perdido"		
Silvio Grimaldo	X	X	Especialista	Cientista Político	04:51	65:00
Mauro "Abranches" Kraenski	X	X	Testemunha/ Especialista	Pesquisador e autor do livro "1964: O Elo Perdido"	04:00	51:00
Renor Oliver	X	X	Testemunha/ Especialista	Pesquisador - StB no Brasil	03:10	63:00
William Waack	X	X	Testemunha/ Especialista	Jornalista	02:17	61:00
Flávio Morgenstern	X	X	Especialista	Escritor	02:11	80:00
Andrzej Wojtas	X	X	Testemunha/ Especialista	Escritor e redator-chefe da revista Komandos	01:51	40:00
Petr Blažek	X	X	Especialista	Historiador Ph.D	01:40	25:00
Laudelino Lima	X	X	Testemunha	Administrador do site "A Verdade Sufocada"	01:10	40:00
Alexandre Borges	X	X	Especialista	Diretor do Instituto Liberal e Escritor	01:06	46:00
Hélio Beltrão	X	X	Especialista	Presidente do Instituto Mises Brasil	01:05	46:00
Aristóteles Drummond	X	X	Testemunha	Jornalista	00:57	82:00
Bernardo Küster	X	X	Especialista	Ensaísta e Jornalista	00:57	49:00
Luiz Felipe Pondé	X	X	Especialista	Filósofo e Escritor	00:45	18:00
Luiz Ernani Caminha Giorgis	X		Testemunha	Vice-presidente do Instituto de História e Tradições/RS	00:45	
Svetlana Ptacnikova	X	X	Testemunha	Diretora do Arquivo de Serviços de Segurança de Praga	00:31	22:00
Leszek Pawlikowicz	X	X	Especialista	Historiador e escritor	00:27	30:00
Luiz Philippe de Orleans e Bragança	X	X	Especialista	Cientista Político	00:15	70:00
Fernão Mesquita	X		Especialista	Jornalista	00:15	
Coronel Caminha		X	Testemunha	Coronel do Exército Brasileiro		72:00
Simon Schwartzman		X	Especialista	Ex-presidente do IBGE e Sociólogo		51:00
Joseita Ustra		X	Testemunha	Esposa do Coronel Alberto Brilhante Ustra		44:00
Radek Schovánek		X	Testemunha	Não explicitam		10:00

Jiří Gruntora		X	Testemunha	Não explicitam		09:00
---------------	--	---	------------	----------------	--	-------

Fonte: Quadro desenvolvido pelo autor (2025).

Como é perceptível no Quadro 1, há um número considerável de entrevistados. Apesar dessa quantidade expressiva, existem alguns fios condutores recorrentes, talvez o mais evidente e significativo seja o caráter anticomunista presente nos depoimentos: de figuras populares como Olavo de Carvalho e William Waack a indivíduos pouco conhecidos como Renor Oliver e Luiz Ernani Caminha Giorgis. Em todos eles há um esforço para demonstrar também um favoritismo à Ditadura ou ao Golpe e ao livro *1964: O elo perdido*. É o que se verifica nos seguintes trechos.

Primeiramente, o anticomunismo no depoimento de Andrzej Wojtas:

E depois da guerra foram poucos aqueles que perceberam que os soviéticos não trouxeram a liberdade, mas sim a escravidão, e os comunistas durante o período do pós-guerra tinham grande confiança por parte da sociedade e eles abusaram dessa confiança e a usaram para realizar a “Ditadura do Proletariado”, como assim era chamada, mas se tratava da ditadura de um partido político e o desrespeito a todos os direitos de cidadania⁷⁰.

Ou no depoimento de Rafael Nogueira:

Ele foi entrevistado por uma jornalista, e a jornalista pergunta para ele: ‘Só supondo, senador, se houvesse uma guerra entre Brasil e União Soviética, de qual lado o senhor ficaria?’ Ele disse: ‘Ficaria do lado da União Soviética, porque a União Soviética representa a classe dos trabalhadores, não é já uma questão nacional, é uma questão de união de classes’. Beleza, não importa a explicação. O que que (sic) o povo entende? Numa guerra Brasil / União Soviética, o cara ficaria contra o Brasil⁷¹.

Ou no depoimento de Alexandre Borges:

[...] vai levar, inclusive, na construção de Brasília, que entrega a Oscar Niemeyer o projeto, que é muito esquerdista de poder, de tirar a política, por exemplo, do Rio de Janeiro, de tirar de perto da população. Se encomenda um projeto urbanístico de esquerdistas, de stalinistas, para fazer uma capital totalmente de concreto [...] ⁷².

Na apropriação do livro supracitado em depoimentos como o de Mauro “Abranches”:

São esses funcionários da inteligência que foram enviados para o Brasil, que escreveram esses relatórios. Em seus relatórios, em seus documentos, na troca de correspondência com a central em Praga, ‘né’. Nós estamos apenas fazendo o trabalho de descrever o que há nesses documentos. Segundo esses documentos, sim, a *StB* atuou no Brasil e realizou, por exemplo, operações de influência – política de influência –, reuniu informações, recrutou cidadãos brasileiros para colaboração. Encontramos várias pastas de objetos de interesse relacionadas com o Brasil, aqui eu posso citar: governo e parlamento, ministério de relações exteriores, instituições científicas,

⁷⁰ Ibidem, minuto 08:18.

⁷¹ Ibidem, minuto 22:55.

⁷² Ibidem, minuto 36:25.

Petrobras, clube militar, forças armadas, partidos políticos, ligas camponesas e muitos (sic) outras⁷³.

Ou no depoimento de Renor Oliver:

A notícia também é de grande aproximação com o gabinete, as pessoas mais próximas a João Goulart. João Goulart faz uma viagem a Praga. E essa viagem era toda monitorada, entendeu? Conduzida pelos agentes da *StB*. Se até então a história dizia que é tudo uma teoria da conspiração, dizer que não existe possibilidade nenhuma de um golpe comunista e tal no Brasil, o livro relata em algumas cenas que dão a entender que o Jango era muito próximo de pessoas que eram agentes da *KGB*, e isso era grave⁷⁴.

E no depoimento de Olavo de Carvalho: “A presença soviética, sobretudo, através da Tchecoslováquia, é um negócio intensíssimo, não é isso? Tanto que, em 1963, você já tinha guerrilhas no Brasil”⁷⁵.

Já o favoritismo ao Golpe Militar e a Ditadura pode ser visto no depoimento de Fernão Mesquita: “O Brasil inteiro estava a favor de 1964. Toda a imprensa, a igreja, todo mundo”⁷⁶. No depoimento de Silvio Grimaldo: “Toda a sociedade entende como um governo legítimo, porque foi eleito pelo congresso”⁷⁷. Também no depoimento de Renor Oliver:

[...] as listas de cassação dos atos institucionais, até que não erraram muito, entendeu? Por que as pessoas ali cassadas, muitas delas, estavam realmente implicadas com relações com o serviço secreto estrangeiro, entendeu? E isso representava um crime realmente, tinha, como a gente já falou antes, a perda dos direitos políticos⁷⁸.

A produção do documentário, provavelmente de forma propositada, escolheu e editou depoimentos ignorando interpretações concorrentes sobre a sua própria temática⁷⁹. Tal ação não é apenas uma limitação política, mas uma escolha epistemológica que limita e empobrece a interpretação histórica, não permitindo ao espectador confrontar diferentes versões sobre o mesmo fenômeno.

O filme também utiliza, de forma indireta, discursos da época da Ditadura Militar. Com isso, incorpora a narrativa oficial do regime e das Forças Armadas, consolidada após 1985, recorrendo a expressões e termos semelhantes aos presentes em documentos como o *Orvil* e outros escritos de militares. Como podemos observar a

⁷³ Ibidem, minuto 30:04.

⁷⁴ Ibidem, minuto 52:37.

⁷⁵ Ibidem, minuto 51:30.

⁷⁶ Ibidem, minuto 58:18.

⁷⁷ Ibidem, minuto 73: 34.

⁷⁸ Ibidem, minuto 74:12.

⁷⁹ Contudo, é importante frisar que a íntegra de muitos desses depoimentos encontra-se disponível apenas na plataforma paga. Assim, o documentário apresenta apenas o material que a produção considera fundamental para a construção da narrativa principal.

partir de Michel Goulart da Silva (2010), os militares, movidos por um ressentimento em relação ao golpe de 1964, sentem-se injustiçados por combaterem as organizações de esquerda, as quais, segundo essa perspectiva, passaram a dominar ideologicamente a política e a memória do período.

Também são mencionados termos como “República Sindicalista” (expressão utilizada pela direita na época para justificar o golpe militar) e a alegada iminência de um golpe comunista. Essa abordagem é confirmada no minuto 58:26, em que é exibida uma reportagem de Cid Moreira sobre os acontecimentos de março de 1964, com o objetivo de destacar a existência da ameaça comunista: “[...] a união de pelegos e comunistas mostravam suas armas[...]”. Dessa forma, o documentário constrói um argumento que remete ao golpe militar e ao discurso oficial da Ditadura. O mesmo recurso utilizado na abordagem sobre os guerrilheiros e os perseguidos políticos.

Além de questões problemáticas no que se refere à fundamentação, há uma série de erros técnicos, como demonstra Buzalaf:

1. A utilização de imagens de Sebastião Salgado. Quando aparece a primeira imagem do fotógrafo brasileiro, do livro Terra, que contém textos de José Saramago e um CD com músicas de Chico Buarque, o locutor anuncia que “Em 1962, já se sabia da existência de pelo menos oito campos de treinamento das Ligas Camponesas. Essa foi a semente que, mais tarde, seria o MST”. Porém, a imagem é de 1997, mais de dez anos depois da formação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). A segunda imagem de Sebastião Salgado menciona a Guerrilha do Araguaia (1967-1974) ao exibir uma foto feita em 1986, no garimpo de Serra Pelada, configurando o abuso de imagens para ilustrar uma narrativa coerente, porém historicamente manipuladas.
2. A localização de Antonio Gramsci na historiografia. O título do filme faz referência ao fato de que, segundo a narrativa construída, a esquerda teria deixado de lado as armas para atuar nos livros – ou seja, nas universidades e meios de comunicação. Porém, Gramsci aparece em um momento impossível da história. Com imagens que aparentam ser dos anos 1960, o narrador aborda maio de 1968, e alega que foi quando “o fundador do Partido Comunista italiano passa a escrever Os Cadernos do Cárcere”, apesar de Gramsci ter morrido em 1937 (Buzalaf, 2019, p. 5).

Outro exemplo é o uso de uma imagem de Pinochet e outros líderes da ditadura chilena “para ilustrar o afastamento do general Costa e Silva e a tomada do poder pelos ministros militares brasileiros” (Serva, 2019).

Além disso, algumas anedotas dos entrevistados contêm erros factuais. No artigo de João Cezar de Castro Rocha, *De erros e desacertos: uma análise da produtora Brasil Paralelo*, de 2021, aponta diversas histórias apresentadas no documentário que contradizem documentos e fatos históricos. Um desses exemplos é a condecoração de Che Guevara:

Verdade factual: a condecoração ocorreu no dia 21 de agosto de 1961 e o decreto presidencial de concessão da honraria foi publicado no Diário Oficial da União no dia 18 de agosto. Ademais, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul não é concedida pelo ‘Estado-Maior’, porém pelo Conselho da Ordem, cujo Grão-Mestre é o próprio presidente da República. É verdade que, após a renúncia de Jânio, mais precisamente em 28 de janeiro de 1963, o Congresso Nacional tornou sem efeito o decreto de 18 de agosto: basta ler a documentação oficial, que pode ser obtida num átimo na plataforma da Câmara dos Deputados. (144) No momento da condecoração, o ato foi legal e *previamente conhecido* (Rocha, 2021, grifo do autor).

Dessa maneira, o documentário constrói sua narrativa a partir do uso de fontes primárias e secundárias, manifestadas por meio do narrador, dos entrevistados e do material audiovisual, elementos presentes ao longo de toda a obra. Metodologicamente, a estrutura do filme é centrada nas entrevistas, sem muito cuidado no manejo delas ou de outros documentos nele permeados. As fontes são utilizadas de duas maneiras: direta e indiretamente. Em alguns momentos, são apresentadas de forma coerente, com citações claras e apoio dos entrevistados; em outros, aparecem de maneira imprecisa, desconexa da narrativa ou até contraditória, com uso equivocado. O longa-metragem evita o debate historiográfico, a não ser para afirmar sua própria versão como a “verdade”. Além disso, adota uma linguagem informal e, por vezes, apelativa ao descrever os eventos e formular expressões próprias sobre o assunto.

2.2.3. *Dimensão Política*

O documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019) é eminentemente político. Por isso, ter uma sessão específica sobre a dimensão política pode não ser muito proveitoso do ponto de vista metodológico. Nessa seção, portanto, abordaremos, de forma mais pontual, uma estratégia e, simultaneamente, um efeito do posicionamento político em uma obra de cunho histórico: a tática de articular passado e presente a fim de induzir no espectador determinada tomada de ação.

Conforme apresentado anteriormente, a principal argumentação do documentário se concentra na interpretação do golpe de 1964. Nesse sentido, a produção adota um posicionamento que ecoa por toda a narrativa, reforçando a tese de que o golpe foi uma reação a uma suposta tentativa iminente de instaurar uma ditadura comunista no Brasil. Essa tese é apresentada como a verdade sobre o período, o que gera uma problemática em relação à possibilidade de análise e crítica. Afinal, ao ser

demonstrado como a verdade definitiva, qualquer discurso divergente tende a ser visto como inimigo.

Esse predicamento é evidente em dois momentos no filme. Em seu encerramento, há uma citação de George Orwell usada para afirmar que o produto cinematográfico representa a verdade e, por isso, estaria sujeita à censura. Outro exemplo é o início do longa-metragem, que aborda duas cenas sobre supostas censuras a trabalhos da empresa.

Não obstante, a criação de um inimigo central é também um dos principais elementos da estratégia política adotada pelo documentário. A questão é que a película usa de sua narrativa para ligar o inimigo do passado com o presente. A primeira, já mencionada, é a ideia de que quem critica a obra é automaticamente o inimigo. A segunda é a dicotomia estabelecida entre comunistas e militares ao longo da produção. E a terceira é a descrição de uma suposta "guerra cultural" em curso no Brasil desde a Ditadura Militar.

A primeira forma se manifesta em duas cenas que estabelecem a B.P. e seus trabalhos como vítimas de perseguição e censura por parte de universidades, escolas, meios de comunicação e outros ambientes dominados pela “esquerda” (ou, como expressado pelos depoimentos, pela “extrema esquerda”). Esta parte conclui com uma fala de Felipe Valerim que apresenta a luta contra essas imposições como o cerne da empresa:

Esse é o porquê do Brasil Paralelo existir. As nossas produções já levaram informação para mais de 20 milhões de brasileiros, que agora carregam um pouco mais de Brasil dentro de si. O filme que você está prestes a assistir é o resultado do nosso esforço para enfrentar uns dos períodos mais conturbados da nossa história. Dezenas de especialistas nos ajudaram a navegar pela bibliografia e documentação não só do Brasil, mas dos Estados Unidos, Polônia, Berlim e República Tcheca. Hoje é o dia que entregamos todo esse conteúdo para você assistir, compartilhar e criticar. Nunca esqueça, nós não recebemos dinheiro público, você é quem financia este projeto. A busca da verdade depende de seu engajamento⁸⁰.

A segunda forma aparece na discussão dos contextos mundiais da época, a Guerra Fria. Esse conflito é retratado de forma cartunesca, como um embate de "mocinhos" e "bandidos". Essa perspectiva também reflete a aproximação ideológica com os Estados Unidos da América.

Já na segunda parte do documentário, esses pressupostos são retomados e ampliados, reforçando as acusações contra os opositores da ditadura militar. A eles é

⁸⁰ Ibidem, minuto 01:05.

atribuída a culpa pela repressão e as decisões tomadas pela ditadura, como ilustra Márcia Buzalaf:

A inversão de contextos históricos demonstra uma intencionalidade do grupo em alegar, do início ao fim do filme, que a luta teria sido contra um grupo de comunistas – ou o chamado “terrorismo comunista” – que, além de ignorante, seria alienado e, claro, perigoso, justificando quaisquer ações para o seu fim (Buzalaf, 2019, p. 41).

Essa narrativa é acompanhada de uma caricatura dos comunistas, construída através da linguagem utilizada pelo narrador e por alguns entrevistados. O documentário os retrata como ladrões, amorais, bandidos e terroristas, utilizando adjetivos e associações que visam desumanizar e demonizar. Essa representação é perceptível em falas como a seguinte:

Bandidos e terroristas, hoje reverenciados como heróis nacionais, sequestraram, torturaram, assassinaram inocentes, em nome de seus ideais. Essa é uma verdade pouco noticiada nos anos seguintes pela imprensa e academia brasileira, que tratou tudo como uma luta contra a ditadura e pela democracia (Narrador, minuto 82:34)⁸¹.

Essa estereotipação dos comunistas, a ideia de um iminente golpe e o uso de fatos históricos (como a presença da *StB* no Brasil) servem principalmente para legitimar a luta e a violência praticada pelo Estado. Além disso, essa narrativa também busca desqualificar aqueles que apresentam uma visão positiva dos chamados “terroristas” ou negativa do regime.

A terceira forma se dá por meio da Guerra Cultural, ou, como o longa-metragem também chama, a “Revolução Cultural”. Segundo a narrativa, essa “guerra” ocorreu devido à suposta permissividade dos militares com a oposição de esquerda. Isso teria permitido a infiltração dos guerrilheiros, comunistas e intelectuais de esquerda nas áreas culturais do país, dando início a “guerra cultural” no Brasil.

Uma das principais formas pelas quais o filme apresenta essa ideia é por meio da “Revolução Cultural”. Inicialmente, a produção a caracteriza como um movimento legítimo, marcado por questionamentos sociais, políticos e culturais. Porém, como evidenciado no seguinte trecho, a obra passa a interpretá-la como sendo um ataque à “tradição ocidental”:

Na década de 60, a sociedade ocidental passava por uma transformação profunda de crenças, valores e tradições que se acumularam durante os séculos e passaram a ser contestadas. O movimento hippie dos Estados

⁸¹ Para facilitar a identificação da origem do trecho, toda vez que se trata do Narrador onisciente, iremos fazer menção à: Narrador, minutagem do trecho relacionado.

Unidos, os acontecimentos de maio de 68 na França são reflexos dessa revolução cultural que ocorria no Ocidente, quando jovens e estudantes protestavam e entravam em confronto com a polícia, exigindo mudanças sociais, usando a máscara de demandas sociais genuínas, como a liberalização sexual, o movimento por paz mundial, aborto e a quebra da noção tradicional de família. Os jovens eram usados como massa de manobra de uma trama que não conseguiam ver (Narrador, minuto 95:30).

A narrativa do documentário culmina na tese de que os jovens brasileiros foram cooptados por um ambiente cultural que os influenciou por meio da música, do cinema e da literatura, a se oporem ao regime militar. Assim como na canção *The Communists Have the Music*, de *They Might Be Giants*, em que o “eu lírico” entende que deve tornar-se músico (e, por consequência, um comunista), o filme sugere que os jovens da época estariam sendo moldados por artistas, jornalistas e professores com o objetivo de disseminar ideias comunistas. Essa concepção torna-se evidente quando a narrativa afirma que a centralidade do comunismo seria acabar com a sociedade ocidental e com os valores das religiões judaico-cristãs, como mostra o trecho abaixo:

O filósofo comunista Georg Lukács concluiu que o movimento revolucionário não deve se preocupar com a destruição do capitalismo, mas sim das bases da civilização ocidental, a filosofia grega, o direito romano e a religião judaico-cristã. O [Antonio Gramsci] fundador do Partido Comunista Italiano, passa a escrever os Cadernos do Cárcere, onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião e a família. Para isso, os comunistas devem ocupar espaço e exercer controle dos meios educacionais, das instituições religiosas, dos meios de comunicação, a fim de pervertê-los e criar um novo modo de pensar (Narrador, minuto 96:25).

Essa ideologia passaria a dominar os meios intelectuais, religiosos e culturais, ou melhor, deveria se infiltrar nesses espaços, com o objetivo de transformar a realidade e o pensamento, como aponta Pondé em seu depoimento: “[...] um dia você vai acordar e vai haver uma hegemonia comunista [...] essa normalização vai causar aquilo que o comunismo teria fracassado em um primeiro momento através da luta armada”⁸².

Portanto, o documentário aponta que a origem da Guerra Cultural, no Brasil, remonta à ditadura militar. A obra afirma que, após derrotarem as guerrilhas, os militares optaram por liberar a oposição para evitar novos episódios de violência. Conforme a produção, o general Golbery idealiza a “teoria da panela de pressão”, ou seja, “é permitir que dentro da esquerda surja uma esquerda moderada que controle seus radicais”, mas como resultado “esses militares fazem é entregar as universidades na mão das esquerdas”⁸³.

⁸² Ibidem, minutos 97:20.

⁸³ Ibidem, minutos 103:47.

Outro elemento evidente nessa estratégia é a tentativa de legitimar os militares como interventores do governo brasileiro. Isso fica claro em passagens: “Os militares, mais uma vez, exerciam a força do extinto poder moderador” (Narrador, minuto 71:29); “E queriam de fato que houvesse eleições em um período muito curto, ‘né’, que isso não perdurasse mais como regime, que é uma intervenção militar, e não a criação de um regime militar”⁸⁴.

Isto é, o documentário defende a ideia de que existe um “quarto poder”: o Exército. Em outra passagem, Thomas Giulliano afirma: “Os Militares, ao invés de terem sido o poder Moderador — que acabaram sendo desde 1889 —, buscaram eles mesmo serem o Executivo e o Moderador”⁸⁵.

Dessa forma, a articulação que o longa-metragem estabelece entre o passado e o presente se concretiza na luta contra o inimigo evocado em sua narrativa. A lógica discursiva da película sugere que é preciso retomar esse enfrentamento, porém, esse adversário já não é mais representado por aqueles que empunhavam armas, mas pelos que sobreviveram ao expurgo e se esgueiraram para o ambiente cultural — as universidades, os meios de comunicação e a produção cultural (literatura, música, teatro e outros). Além disso, o filme desloca a disputa ao presente quando identifica aqueles que seriam os comunistas atuais, representados visualmente ao longo da obra. Nesse sentido, o discurso político do documentário implica que o combate recai sobre os indivíduos, mas, sobretudo, o “quarto poder”, incumbido de moderar a política brasileira a pedido da sociedade civil. Em síntese, trata-se de uma convocação, ainda que indireta, para que os espectadores se mobilizem contra esse mal atribuído ao contexto nacional.

2.2.4. *Dimensão Moral*

A Dimensão Moral é caracterizada por Rüsen por uma dicotomia de “bem” e “mal”, ou de argumentos morais, imorais e amorais. É evidente que a dimensão moral atravessa o documentário do princípio ao fim. No entanto, ele fica mais explícito em sua dicotomia entre “capitalistas” e “comunistas”, que representam, respectivamente, o “bem” e o “mal”. Vamos ilustrar essa tática em quatro tópicos cronologicamente organizados: Guerra Fria; o Golpe; a Ditadura; pós-ditadura.

⁸⁴Ibidem, minutos 73:37

⁸⁵Ibidem, minutos 119:27

A primeira tática praticada pela obra foi associar o “ocidente”, o “capitalismo e os valores judaico-cristãos” como uma moral desejada, e o socialismo soviético, como o seu oposto. As descrições abaixo são ilustrativas:

[o] avanço da Rússia comunista e já dominava 15 países (sic). [...] Assaltos a bancos e agitações nos quartéis do exército imperial russo. A revolução assassina brutalmente a família imperial Romanov para implementar uma ditadura que tinha Lênin como Deus e Stálin e Trotsky como papas vermelhos. Os soviéticos desenvolvem um plano para conquistar o mundo e implantar o comunismo em todos os países. O reino do Terror Vermelho se espalha nas décadas seguintes. O Holodomor e os Gulags são alguns dos genocídios que resultam das ditaduras totalitárias. A doutrina iniciada por Lênin é levada adiante por Stálin (Narrador, minuto 06:04).

Por sua vez, os EUA serão descritos como:

construíram uma democracia liberal baseada na sociedade de mercado e dos valores cristãos. A maior indústria, maior economia do mundo e também o único país a ter armas nucleares, sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas. Os Estados Unidos surgem no pós-guerra, na liderança do Ocidente, para reativar a economia dos países europeus devastados. Os americanos propõem um Plano Marshall, oferecendo empréstimos a juros baixos (Narrador, minuto 07:08).

Essas descrições são complementadas por meio de imagens, sons e pela conjunção entre o que é dito pelo narrador onisciente e os entrevistados sobre a importância do conflito. Observa-se, portanto, a construção de uma narrativa em que a URSS é retratada como o “mal”, enquanto os EUA representam o “bem”.

O segundo tópico diz respeito ao Golpe. A dicotomia, nesse caso, está entre figuras como João Goulart e seus aliados que estariam sendo “controlados” pelos comunistas, por um lado, e militares e alguns civis, que representam, obviamente, o bem. Além de ilustrativo, o trecho abaixo tem uma curiosa incoerência:

O golpe viria, o golpe de esquerda viria. Temos que reagir, temos que derrubar o governo e... deflagrou, ‘né’, a rebelião militar. As tropas de Minas Gerais saíram e foram em direção à presidência para derrubar o governo. Começou um clima de tensão no país inteiro. Na Guanabara, Castelo Branco liga pro Lacerda – Castelo Branco era um militar legalista, até pouco tempo antes da situação se degradingolar e ele perceber que não iria ter outra saída – e liga pra Lacerda, ele fala (sic): ‘Olha, você é um homem importante pro país, você é o líder civil mais importante do país, você precisa sair daí, porque você corre perigo, pode haver uma invasão do almirante Aragão’ – haviam boatos que o almirante Aragão iria invadir o palácio Guanabara – ‘Você precisa sair daí agora. Nós, nós (sic) cuidamos da sua vida, protegemos a sua vida’. Lacerda diz: ‘Se o brigadeiro Eduardo Gomes tivesse aqui, ele faria isso? Não faria, então eu vou ficar e vou defender meu palácio, meu governo e meu estado’. Lacerda vai se arma (sic) aí tem aquele famoso discurso [...] Ia ser uma guerra civil, provavelmente, creio eu, ele [João Goulart] iria perder, mas teria um derramamento de sangue lamentável na história brasileira⁸⁶.

⁸⁶ Ibidem, minutos 60:00.

Podemos observar, portanto, uma tendência do documentário em apresentar o golpe militar simultaneamente como uma reação a uma suposta tentativa de tomada de poder pela esquerda e, ao mesmo tempo, como uma intervenção necessária dos militares para removê-la do governo. Neste sentido, sustenta-se a ideia de que o país estaria diante de um governo incapaz, cuja permanência poderia conduzir a uma guerra civil.

Além disso, o filme argumenta que o golpe de 1964 não foi exclusivamente militar, mas contou com ampla participação civil. Essa ideia é ilustrada na comparação entre a agitação nas ruas, as greves e comícios organizados por Goulart e seus aliados⁸⁷, com a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade — descrita por Aristóteles Drummond como um movimento contrário ao presidente e a favor do golpe. Além de cimentar essa ideia com a entrevista de Lucas Berlanza no minuto 64:51: “de um ponto de vista técnico, houve um golpe parlamentar ali [...] foi a forma que as forças políticas encontraram para resolver aquele problema”.

Com isso, o documentário adota uma nova postura: o golpe teria sido civil. Para sustentar essa tese, Olavo de Carvalho expõe: “O golpe não foi inicialmente militar, ele foi civil, os militares foram entrando aos pouquinhos” e que os militares não queriam dar o golpe⁸⁸. Outro ponto enfatizado é a suposta popularidade do golpe. O ápice dessa ideia é uma notícia intitulada "Ressurge a Democracia" do jornal O Globo, acompanhada por uma música de tom triunfal, enquanto há narração de grupos “populares” apoiando o golpe.

O terceiro tópico em que a dimensão moral se expressa é nos eventos do período ditatorial brasileiro, com ênfase no recrudescimento das ações militares, especificamente a partir da posse do general Costa e Silva, representante da chamada “linha dura”. De acordo com a produção, o autoritarismo do governo tem sua raiz no combate aos revolucionários, às guerrilhas e aos comunistas. O filme apresenta esses grupos como algo anterior a 1964, responsabilizando-os por sequestros, ataques terroristas, roubos a bancos, execuções e torturas de inocentes, bem como aqueles que teriam enviado o Brasil a um tempo obscuro⁸⁹. Por muitas vezes, esses militantes, chamados de “terroristas” pelo longa-metragem, são retratados como pessoas amorais, que lutavam para instaurar outra ditadura, assassinavam os seus aliados e agiam como

⁸⁷ Ibidem, minutos 53:18.

⁸⁸ Ibidem, minutos 65:21.

⁸⁹ Ibidem, minutos 81: 30.

bandidos, da mesma forma que seus aliados ideológicos de outros países se comportavam.

A partir dessa visão, o documentário expressa certa surpresa na forma como os “terroristas” são tratados: heróis reverenciados por universidades e pela imprensa. Essa atitude é evidente na seguinte fala do narrador: “Essa é uma verdade pouco noticiada na imprensa ou na academia brasileira, que tratou tudo como uma luta contra a ditadura e pela democracia”⁹⁰. Para comprovar essa visão, a película recorre a falas e entrevistas de figuras como a ex-presidenta Dilma Rousseff, Carlos Araújo (ex-marido de Dilma), Fernando Gabeira e Vera Magalhães, as quais deixam explícita a vontade dos “terroristas” em depor o governo militar e impor a ditadura do proletariado. Entretanto, a obra deixa explícito que a percepção pública sobre esses grupos era diferente: lutavam pelos direitos humanos, liberdade e democracia. Essa disparidade entre as versões é reforçada pela fala de Olavo de Carvalho: “É a mentira de tão repetida que virou história”⁹¹.

Nesse ponto da narrativa, o narrador assume um papel maior, destacando as guerrilhas e seus crimes, além de expor a sua opinião de forma crescente. Um exemplo disso ocorre por volta do minuto 85:00, quando se critica a homenagem feita a Carlos Marighella, em 2013, “sobre o que chamaram de luta social” e dos “filmes feitos pela esquerda que aplaude e comemora a barbárie e a criminalidade”. Nesse momento, o documentário alterna entre os fatos dos anos de 1964 a 1968, com o objetivo de chocar o espectador com a violência associada aos comunistas. Também são apresentadas organizações como Ação Libertadora Nacional (ALN), Comando de Libertação Nacional (COLINA), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) e Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), acompanhadas dos números de mortos pelas suas supostas ações, sem entrar nas minúcias. Esses dados são comparados às vítimas da repressão estatal, em uma tentativa de criar uma simetria entre as ocorrências.

Com esse cenário de terror montado, o filme justifica as ações dos militares: havia uma guerra no Brasil, fadada a excessos:

⁹⁰ Ibidem, minutos 82:45.

⁹¹ Ibidem, minutos 83:55.

E foi nesse momento de guerra que psicopatas, torturadores e criminosos de ambos os lados se valiam para praticar suas perversidades em nome de uma causa ou de outra (Narrador, minuto 87:49).

Desse modo, os militares são retratados como o lado do “bem”, pelo seu combate aos comunistas. No entanto, isso não significa que suas ações sejam morais, uma vez que recorrem aos mesmos métodos utilizados pelo inimigo para vencer a guerra.

Por fim, o quarto e último tópico se refere, primeiramente, ao período de transição, enfatizando, posteriormente, o pós-ditadura. O governo de João Figueiredo, que tem como papel enfrentar os resquícios da “linha dura” e terminar esse regime desgastado, além de criar a lei da anistia que é descrita, por Lucas Berlanza, da seguinte maneira:

[...] passou a borracha para os dois lados e depois, aos olhos da história e não da justiça, as pessoas julgaram os fatos, as circunstâncias e as escolhas difíceis que as pessoas têm que fazer em momentos diferentes⁹².

Essa abertura seria consequência das ações de Geisel e Golbery, que permitiriam as greves e as atividades sindicais. Em contraposição, de acordo com a produção, os sindicatos, grupos católicos da teoria da libertação e os gramscistas se unem e formam o Partido dos Trabalhadores (PT)⁹³.

No fim, o documentário não é mais sobre a Ditadura Militar, e sim sobre seus frutos:

[...] um pluripartidarismo inorgânico – que era o sistema na época de 46 a 64 – o bipartidarismo constrangido – que é o sistema do regime militar – depois o pluripartidarismo regulado, com a disputa regulada – que acontece ali no período Figueiredo – e, finalmente, o multipartidarismo caótico da nova república⁹⁴.

Então, conforme o filme, os militares permitiram o movimento das Diretas Já, a crise econômica, o PT e a “extrema esquerda”. Isto é, os militares permitiram que o “mal” vencesse. Na sequência, há um corte para uma tela preta com as palavras 21 de abril de 1985, a data que representaria o fim da Ditadura e o início da Nova República, que é apresentada com a morte do presidente recém-eleito Tancredo Neves a partir de notícias, imagens e vídeos, juntamente ao choro e a tristeza das pessoas. Conforme Thomas Giulliano, na conclusão do longa-metragem, os erros da ditadura nunca

⁹² Ibidem, minuto 112:41.

⁹³ Ibidem, minuto 113:46.

⁹⁴ Ibidem, minuto 114:30.

permitiram restaurar uma democracia plena, e sim uma forma de “escolher os cabrestos”⁹⁵.

O narrador retorna para apresentar a nova constituição, feita pelos novos políticos, movimentos sociais e universidades, sem os conservadores e liberais, fazendo com que:

propostas que colocaram o Brasil à beira de uma guerra civil, que provocaram uma intervenção militar, voltaram como regras de estados as antigas reformas de base de João Goulart, a relativização da propriedade privada e o Estado que garantia tudo tornaram-se cláusulas pétreas na vida de todos os brasileiros (Narrador, minuto 122:05).

A partir de então, o documentário se opõe à Constituição Federal, à Nova República, ao que ele entende como burocracia e a ideia de uma democracia com partidos como o PCdoB. Por fim, o narrador encerra a produção com a seguinte fala:

Que fim teve a Guerra Fria? Se fizemos parte dessa guerra. Se impedimos uma revolução. Foi com a ajuda do quarto poder do Brasil: o Exército. Por 21 anos, essa justificativa manteve o poder na mão dos militares e foi berço de novas consequências. A revolução se transmutou das armas para os livros. Transformou um lado da guerra em mártir. Fez da história propaganda, panfletou nas escolas, na mídia, nas universidades. Formou a nova geração brasileira. Essa geração foi trabalhar nos meios de comunicação, nas editoras, na educação do Brasil. A hegemonia quase apagou o passado e perpetuou uma narrativa. Um lado da guerra foi herói e o outro, opressor. O que fizeram os heróis? (Narrador, minuto 124:24).

Na sequência do trecho anterior, a obra apresenta uma montagem de imagens envolvendo figuras políticas como Luiz Inácio “Lula” da Silva, Dilma Rousseff, José Dirceu e outras figuras, sendo presos ou associados a manchetes que mencionam crimes, prisão, problemas econômicos, com fotos de guerrilhas, números de mortos, desvio de dinheiro e outras, que piscam em cores como o vermelho, branco e azul. Com isso, o filme caracteriza em seu final a contemporaneidade como um período marcado pelo “mal”, representado pela esquerda e pelo comunismo.

2.2.5. *Dimensão Religiosa*

A última dimensão a ser discutida é a religiosa, que não se refere diretamente à manifestação de uma religião específica, mas a uma ideia de “salvação”. Devido à natureza da CH e das dimensões que a constroem, é possível observar que na produção analisada as características das dimensões perpassam as demais. De acordo com Rösen

⁹⁵ Ibidem, minuto 120:24.

(2015), trata-se de um resultado esperado em obras produzidas fora do meio acadêmico, ou seja, que tendem a ser menos rigorosas na articulação de sua narrativa histórica. Tal característica ocorre por uma análise científica frágil do longa-metragem – não no sentido da falta de uma avaliação por parte de um historiador, mas sim da ausência de uma crítica construtiva profunda acerca do próprio filme e de suas fontes. Dessa maneira, nesse documentário, a dimensão religiosa é estruturada em torno de uma oposição simbólica: de um lado, a salvação do Brasil; de outro, sua corrupção.

A película, portanto, não apenas apresenta uma visão positiva, mas se propõe, também, a apresentar uma versão que se opõe àquela comumente sustentada pela historiografia profissional sobre o golpe de 1964. O evento, denominado na produção ora como golpe, contragolpe ou revolução, é reconfigurado e ressignificado: os militares são retratados como salvadores da pátria, compelidos a intervir em um momento de crise para restaurar a ordem e preservar a democracia:

[...] e as Forças Armadas, elas próprias mais do que ameaçadas, foram chamadas, praticamente intimadas, a cumprir a missão que o momento lhes impunha, restabelecendo a ordem e livrando o país dos trapos vermelhos que ameaçavam sufocá-lo⁹⁶.

A obra também interpreta o golpe militar de 1964 como popular e democrático, que teria contado com o apoio de parte da população civil, instituições civis e de parlamentares:

Ele [Humberto Castelo Branco] foi escolhido de maneira democrática, tanto que recebeu votos do próprio Juscelino Kubitschek e do próprio Guimarães. O interesse de homens como o próprio Juscelino Kubitschek, o próprio Lacerda e da própria população brasileira, em um certo sentido, era que fosse uma transição.⁹⁷

O longa-metragem deixa claro que o Golpe Militar é uma vitória, juntamente com a repressão aos guerrilheiros. Entretanto, aos poucos, o regime se corrompe, inicialmente com o autoritarismo da “linha dura”. Nesse processo, o documentário constrói uma ideia específica sobre o período: o regime não poderia ser considerado, de início, uma ditadura, pois teria sido democrático, legítimo e popular, seja por questões legais, seja por conta da aprovação da população civil.

No entanto, esse ideal seria dissolvido com a publicação dos Atos Institucionais:

Vale a pena dizer que o AI já autorizava, por prazos determinados, a cassação dos direitos políticos dos chamados subversivos. Era o que os

⁹⁶ Ibidem, minuto 59:36.

⁹⁷ Ibidem, minuto 113:00.

revolucionários [militares] da época do regime entendiam que era necessário para fazer essa purga.⁹⁸

Dessa forma, de acordo com a narrativa do produto audiovisual, há um “golpe dentro do golpe”, a vitória da “linha dura” em cima dos “moderados”. Os militares recusam a sair em 1965 e mantêm o governo até 1985. Então, a ditadura é deflagrada pelos Atos Institucionais, que, somados ao recrudescimento do regime, marcam o início de sua fase mais autoritária⁹⁹. Assim, Olavo de Carvalho aponta que o novo presidente, Costa e Silva, exibe uma índole autoritária, enquanto os demais querem romper com o *modus operandi* da ditadura. A essa fase segue-se o aumento da violência e a adoção de medidas econômicas controversas, culminando, pouco mais de uma década depois, no processo de abertura política, com a anistia e o movimento pelas Diretas Já.

Curiosamente, *1964: Entre Armas e Livros* (2019) ignora o período que se interpõe entre a eleição de Tancredo Neves e o final do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso: segue diretamente ao primeiro governo do presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva, associando-o à corrupção. Para isso, são usadas imagens de Lula, Dilma Rousseff, José Dirceu e outras figuras, sendo presas, com notícias que apresentam crimes, e que demonstram a deturpação do sistema, prosseguindo até a atualidade. O documentário, então, termina com uma frase de George Orwell: “Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário”, retomando indiretamente uma ideia presente no início da própria narrativa: de que quem fala a verdade estará sujeito à censura, como a própria obra sofreu e ainda sofre.

Na dimensão religiosa do filme, apresenta-se o Brasil como uma figura que transita da salvação à corrupção. Segundo a produção, o país teria vivenciado um breve suspiro de progresso — um vislumbre de redenção — durante o golpe militar, o milagre econômico e a perseguição dos comunistas, porém esse avanço teria sido interrompido pelo fracasso do regime, conduzindo o Brasil a um estado de degradação que, conforme sugere a obra, perdura até os dias de hoje.

⁹⁸ Ibidem, minuto 73:49.

⁹⁹ Não fica muito claro no documentário a relação entre a publicação dos Atos Institucionais e o a corrupção do regime em ditadura. Em um primeiro momento, a uma associação entre os Atos e esse suposto corrompimento, o que teria se dado ainda em 1964; posteriormente a uma associação entre a suposta corrupção e o final da década de 1960, com o “endurecimento” do regime.

2.3. A narrativa do Documentário

Como vimos, o documentário parte da apresentação de eventos ocorridos entre as décadas de 1960 e 1980, abrangendo o período que vai do final do governo Juscelino Kubitschek até a eleição de Tancredo Neves. A obra também estabelece conexões com outros acontecimentos históricos, como o fim da Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã, o maio de 1968, entre outros, utilizados para contextualizar as transformações sociais e políticas ocorridas no Brasil como parte de uma tendência global.

O uso desses eventos tem como função posicionar ideologicamente os “principais personagens” da trama, apresentando comunistas, políticos, jornalistas, professores, militares e outros agentes dentro de uma lógica de bipolarização inspirada na Guerra Fria, entre capitalismo e comunismo (bem e mal). Nesse sentido, o filme oferece uma interpretação do Golpe Militar de 1964 que posiciona o Brasil como um importante palco da disputa entre os Estados Unidos da América e a União Soviética, defendendo a tese de que o país deveria ter se alinhado ao bloco ocidental. Essa perspectiva torna-se evidente na descrição dos governos de Jânio Quadros e João Goulart: o primeiro é retratado como desajustado, manipulável, um “engraçadinho” com pretensões de aproximação com a URSS; o segundo também é acusado de manter uma suposta proximidade diplomática e ideológica com o líder do bloco comunista.

O documentário, portanto, constrói sua narrativa de forma maniqueísta, dividindo o mundo entre o bem e o mal absolutos. A partir dessa dicotomia, o restante do enredo é desenvolvido. Ao empregar uma representação caricatural da Guerra Fria — do conflito entre União Soviética e Estados Unidos, bem como das ideias de capitalismo e comunismo — a obra busca construir uma visão ideológica que justifique a intervenção militar, a imposição de um regime autoritário no Brasil e suas exceções.

Nesse contexto, os “comunistas” são retratados como ladrões, amorais, bandidos e terroristas. Do ponto de vista moral, a produção revela suas preferências: os “comunistas” são os imorais, representando o mal e o ataque aos valores ocidentais, cristãos e capitalistas. Já os Estados Unidos e seus aliados (no caso brasileiro, os militares) são apresentados como os defensores dos bons valores da sociedade ocidental.

Essa, portanto, seria a primeira conclusão do longa-metragem: o Brasil, assim como o restante do mundo, estaria envolvido em uma luta entre o “bem” e o “mal”. Essa dicotomia, contudo, não resume a totalidade da narrativa, pois há a inserção de um

elemento que, embora a desdobre parcialmente, é ainda mais sofisticado: a ideia de Guerra Cultural, defendida por Olavo de Carvalho e seus seguidores.

No caso de *1964: Entre Armas e Livros* (2019), a noção de Guerra Cultural perpassa toda a narrativa. O próprio título sugere uma oposição simbólica entre força (armas) e produção cultural (livros). Segundo a obra, embora os militares tenham vencido a luta armada contra os guerrilheiros, teriam sido permissivos com a atuação da oposição de esquerda, o que possibilitou a inserção de guerrilheiros, comunistas e intelectuais nos espaços culturais do país. Em outras palavras, seria nesse momento que se iniciaria a chamada Guerra Cultural no Brasil.

Uma das formas de representação dessa Guerra Cultural no documentário é a “revolução cultural”. Em que a narrativa inicialmente caracteriza essas revoluções como movimentos legítimos, impulsionados por questionamentos sociais, políticos e culturais, mas, como a narrativa sugere, tais movimentos teriam sido, na verdade, apropriados com o objetivo de destruir a tradição ocidental.

Essa ideia culmina na cooptação dos jovens brasileiros, influenciados por um ambiente cultural marcado pela música, cinema e literatura, a se oporem ao regime militar. O filme insinua que os jovens da época estariam sendo moldados por artistas, jornalistas e professores, com o objetivo de disseminar ideias comunistas e destruir a sociedade a partir da cultura.

Consequentemente, devemos perceber que a “Guerra Cultural” teve início com a “ditadura militar”. Essa narrativa, como aponta Silva (2010), é resultado de uma disputa mais ampla pela construção da memória sobre esse período histórico, na qual alguns militares atuam ativamente para moldar a narrativa sobre o golpe de 1964, buscando legitimar suas ações e lutar contra aqueles que não teriam competência para avaliá-los:

Como resposta às formas contemporâneas de ‘subversão’, os militares estariam sendo obrigados a mostrar as ‘verdadeiras’ intenções dos comunistas, não apenas os desmascarando em suas ações políticas contemporâneas, como também mostrando às novas gerações suas tentativas de tomada do poder ao longo do século XX (Silva, 2010, p. 3).

Dessa forma, a segunda conclusão que se pode extrair da película é que um dos seus objetivos centrais é a demarcação histórica da chamada Guerra Cultural no Brasil. Isto é, a obra apresenta a tese de que esse conflito tem raízes no passado, mas continua ativo até os dias atuais, sustentando, de forma implícita, a ideia de que é necessário combatê-lo. Essa perspectiva se alinha com o discurso da Nova Direita, especialmente

quando a obra apoia uma visão ampla da influência comunista, não apenas na cultura popular, mas também nos meios de comunicação e nas instituições de ensino.

Outra questão reside no fato de que o documentário não apenas retoma ideias propostas por militares, mas as parafraseia. Entretanto, o filme se diferencia ao utilizar como porta-vozes dessa narrativa não os militares, diretamente envolvidos no golpe, mas sim figuras civis, como jornalistas e intelectuais. Então, mesmo que a centralidade da narrativa sobre o golpe esteja em paridade com a visão militar, o aspecto mais importante é que são os civis que a propagam.

Diante disso, torna-se necessário compreender quais os efeitos esse documentário exerceu na disputa por narrativas, memória e história sobre a Ditadura Militar. Para tanto, analisaremos os comentários publicados no YouTube com o objetivo de verificar se as ideias e questões abordadas neste capítulo são entendidas pelo público e como se manifestam nos comentários postados entre 2019 e 2022.

CAPÍTULO 3 OS COMENTÁRIOS

Este capítulo tem como objetivo a análise dos comentários publicados na página do documentário *1964: Entre Armas e Livros* (2019), intitulado “1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)”, no canal oficial da Brasil Paralelo no *YouTube*. Com isso, concluímos o ciclo do modelo de análise fílmica utilizado nesta pesquisa, proposto por Douglas Kellner, segundo o qual a investigação deve contemplar a produção, a obra e sua recepção. Dessa forma, o foco recai na recepção do filme com o intuito de compreendermos como o espectador interpreta a mensagem do filme e quais sentidos ou efeitos podem ser atribuídos a essa ação.

Essa atenção na recepção de uma obra cinematográfica decorre da necessidade de compreendermos como o público se apropria das mensagens de um filme e como isso destaca as estratégias e práticas que permanecem invisíveis na análise restrita às narrativas (Valim, 2012). No entanto, esse consumo pode ser convertido de maneiras diferentes. Conforme Kellner (2001), o público pode resistir, criar ou recriar as mensagens, fazendo suas próprias interpretações sobre a obra consumida.

Logo, devemos pensar: o que é a recepção? O seu conceito está relacionado à audiência, especialmente no contexto da televisão e do rádio. Conforme aponta Luanda Schramm, esse campo de estudo está inserido na área da comunicação que considerava, inicialmente, a audiência como um elemento central, mas passivo, a mensagem era entendida como algo recebido de maneira direta, desconsiderando as interpretações, sentidos e características fornecidas pelos próprios receptores. Com o avanço dos Estudos Culturais, o modelo tradicional de análise da recepção começou a ser questionado. Dessa forma, Stuart Hall (1980) propõe uma nova perspectiva por meio do modelo de *Encoding/Decoding*, que reconhece a audiência não como meros receptores passivos, mas sim decodificadores ativos que interpretam as mensagens a partir de seus próprios contextos sociais, culturais e experiências individuais. Como Schramm demonstra:

De acordo com Hall, a recepção não é nem aberta nem transparente, e a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear. Toda mensagem é passível de inúmeras leituras possíveis, não existe um significado fixo e único. Por outro lado, o texto tem uma natureza polissêmica, mas não é infinitamente aberto, pois sempre possui sugestões de sentido (Schramm, 2006, p. 14).

De acordo com Valim (2012), os estudos da recepção mudam seu foco para a audiência/receptor, saindo da relação mídia/emissores, ainda na década de 1950. Para o autor, a recepção dentro de um estudo cinematográfico, no campo da história, é essencial, pois permite identificarmos informações implícitas na obra, como tendências, situações de mercado, relações de trabalho e outras questões culturais e sociais. Assim, segundo o autor, mais relevante do que saber como indivíduos perceberam os filmes é compreender como revistas, rádios, jornais, anúncios e outros produtos culturais interpretaram essas obras, uma vez que esses veículos são responsáveis por influenciar a opinião e o consumo das pessoas.

No entanto, uma questão a ser levantada sobre a obra aqui analisada é de sua natureza. Mesmo que ela busque se afirmar como uma obra cinematográfica, a sua produtora a concebeu para um formato digital, a internet. O meio de circulação escolhido (o *YouTube*) introduz uma nova problemática, essa plataforma possibilita que a audiência comente e critique a obra de uma forma direta, ocorrendo a poucos píxeis de distância do vídeo, o que difere da maioria das obras cinematográficas, as quais somente têm sua recepção observada por meio de números (como a bilheteria), ou por meios especializados.

Diante disso, procuramos compreender esse espaço digital como uma potencialidade para este trabalho. Considera-se que, no contexto da recepção mediada pela internet, a especificidade dos dados não reside apenas em sua quantidade, mas sobretudo em suas formas de uso, manipulação e nos efeitos sociais e culturais decorrentes desse processo. Tais dinâmicas se manifestam, por exemplo, na produção de hegemonias, na formação de bolhas, na publicidade e em outros espaços de interação, conforme analisa Roseli Figaro (2019).

Com base nessas reflexões, passamos a usar o grande volume de dados na página do documentário no *YouTube*. Nela existem comentários a partir da estreia do filme em 2 de abril de 2019 até os dias de amanhã (caso ela não tenha sido removida, ou o *YouTube* deixado de existir), portanto realizamos um recorte para essa pesquisa do lançamento da obra no *YouTube* até o ano de 2022 – os anos em que a Nova Direita esteve em algum grau no governo do Brasil –, de forma a coletarmos cerca de 76.767 comentários.

Entretanto, esse número não representa a totalidade de comentários sobre o documentário. Desses mais de 76 mil, há uma divisão de 54.578 *top comments* (comentários diretos ao vídeo) e 22.189 *replays* (respostas a outros comentários feitos

na página), ou seja, há 54 mil comentários e 22 mil respostas a eles. Pela quantidade de interações e pelo andamento da pesquisa, a análise se assegurou somente dos *top comments* por tratarem, aparentemente, de forma direta o vídeo e seus argumentos, isto é, debatem diretamente com o documentário, sua produção e mensagem.

Contudo, o uso de postagens de Internet como fontes para “observar” a recepção nos apresenta uma grande problemática: o anonimato delas. Como consequência, a única certeza que temos em relação às pessoas que deixaram respostas na página do documentário é que elas apresentam algum grau de escolaridade e acesso à internet. Além disso, outros dados sobre os comentários, como a origem, o gênero e outras métricas que classificam os usuários, são acessíveis somente ao dono do canal e ao *YouTube*.

Uma questão complementar diz respeito à “veracidade” dos comentários, ou melhor, à autenticidade dos comentadores. Em outras palavras, questiona-se se quem postou realmente vivenciou a experiência relatada, se diferentes perfis pertencem a uma mesma pessoa ou, ainda, se parte dessas manifestações foi gerada por *bots* (programas feitos para inflar o número de interações por meio de contas falsas).

Todavia, devemos evidenciar que, mesmo nesses casos, as postagens são produzidas, em certa medida, por pessoas. Dessa forma, para fins de análise, optou-se por desvinculá-las de seus possíveis autores, tratando-as apenas como dados produzidos por indivíduos, independentemente de sua identidade ou autenticidade.

Por fim, este capítulo é organizado em três tópicos. O primeiro, intitulado “Metodologia”, tem como objetivo apresentar as questões metodológicas da coleta e da análise do material; o segundo, “Análise dos comentários”, dedicado à interpretação e categorização dos comentários, seguindo uma estrutura em que apresentamos subtópicos para cada “achado”; o terceiro tópico, “A comparação”, busca identificar e discutir as semelhanças (e as diferenças) entre o representado no documentário e as percepções manifestadas pelos usuários, demonstrando, em determinada medida, o que aqueles usuários entendem sobre a obra e sua construção da história da Ditadura Militar.

3.1. Metodologia

Há uma escassez de métodos voltados à pesquisa histórica que se dedica a observar a recepção de um produto cultural digital. Perante essa limitação, recorreremos ao campo de estudos da recepção, oriundo da Comunicação.

Para entendermos quais são as metodologias empregadas por esse campo de estudo, é preciso, primeiramente, compreender o que caracteriza as pesquisas de recepção. Conforme Maria Immacolata Vassalo de Lopes (1993), esse tipo de investigação se baseia numa análise comparativa entre o discurso do meio e da audiência ou receptor, que interpreta o conteúdo a partir de suas referências culturais, históricas e sociais. Dessa forma, apesar das diferenças de objetivos entre as pesquisas, os métodos empíricos empregados tendem a se manter relativamente iguais, sendo os mais comuns as entrevistas, os questionários, a etnografia, observações e análises categóricas (além dos subtipos que compõem esses métodos).

Entretanto, a presente pesquisa trabalha com uma fonte digital, o que exige um método intermediário: não adotar integralmente os procedimentos tradicionais dos estudos de recepção, tampouco restringir-se às práticas comuns do campo da computação, centradas no uso, na análise e na codificação de dados.

Diante disso, tornou-se necessário desenvolver um procedimento metodológico que dialogasse tanto com a complexidade dos dados digitais quanto com as preocupações próprias da pesquisa histórica. Então, procuramos construir uma abordagem capaz de captar não apenas o conteúdo dos comentários de forma quantitativa, mas também suas questões qualitativas, por meio da Cultura Histórica. Essa escolha permite que a investigação incorpore tanto a dimensão técnica da manipulação dos dados quanto a dimensão interpretativa exigida pela análise histórica.

A partir desse enquadramento, é que podemos falar sobre a análise dos mais de 54 mil comentários, isto é, os já citados *top comments*. A primeira ação realizada consistiu em separá-los por ano. Essa ação foi tomada para que fosse possível observar uma progressão temporal mediante às ideias expostas. Essa passagem de tempo pode revelar modificações nas reações ao documentário, que podem ou não estar conectadas com questões políticas, históricas, nacionais ou internacionais, ou mesmo internas ao público da B.P., ou naquele interessado em produtos históricos.

Para fazermos a análise, procuramos empregar uma ferramenta capaz de organizar e separar os dados da pesquisa. Diversos programas foram testados para essa finalidade — principalmente programas que são especializados em *Big Data* — contudo, devido à natureza subjetiva das postagens e, sobretudo, ao grande volume de dados, nenhuma das soluções de terceiros empregadas mostrou-se suficientemente eficaz. Além disso, houve limitações relacionadas ao tipo de dado suportado por essas plataformas, uma vez que o seu formato utilizado para a análise foi o *Comma-Separated*

Values (CSV) e suas diferentes variáveis¹⁰⁰. Diante dessas restrições, foi elaborado um programa em *Python* com a finalidade de filtrar os comentários por palavras específicas (como: Ditadura Militar, guerra cultural, política, Lula, Bolsonaro, educação, *sensura*¹⁰¹, dentre outras) e organizá-los em uma nova planilha.

Para implementar o sistema de classificação, utilizamos a técnica chamada *vibe coding*, que consiste no uso de uma plataforma de inteligência artificial – neste caso, o *ChatGPT* – para auxiliar na construção de um programa, em específico desta pesquisa, capaz de processar as postagens e distribuí-las nas categorias previamente estabelecidas. O sistema desenvolvido deveria identificar termos relevantes e organizá-los conforme os critérios definidos pela pesquisa.

É importante destacar que este programa foi feito de uma forma interativa, não houve apenas uma versão inicial, mas diversas etapas de aprimoramento até que se obtivesse um modelo capaz de realizar a separação quantitativa do material.

Assim, para desenvolver o programa, partimos de uma tentativa inicial de análise da tabela pelo próprio *ChatGPT*¹⁰², que acabou por elaborar as categorias preliminares de análise – com a ajuda também de outro programa, o *Gemini*¹⁰³ – que constituíram a base do sistema de classificação. Disso surgiram os seguintes rótulos: Elogios à produção e ao documentário; Críticas à Brasil Paralelo; Discussão política contemporânea; Discussão histórica, Liberdade de expressão e censura; Esperança cultural e crítica à cultura dominante; Mobilização e engajamento em redes sociais; Debates e provocações pessoais entre usuários; Sátira e humor.

¹⁰⁰ Isso significa que a separação dos dados da pesquisa foi realizada a partir de arquivos compilados no formato CSV (*Comma-Separated Values*), ou seja, em “tabelas” ou “planilhas” semelhantes às visualizadas no Excel ou em outros programas do mesmo tipo. No caso específico deste trabalho, as variáveis utilizadas incluem valores do tipo *string* (texto), *date* (data, ou seja, o mês, dia, ano e hora) e *int* (números inteiros). Entre as variáveis de tipo *string* as mais sensíveis para a pesquisa são os comentários, exigindo um tratamento mais cauteloso em razão de seu elevado grau de subjetividade.

¹⁰¹ Utilizamos como exemplo a palavra censura com uma das escritas mais comum no texto (*sensura*) para evidenciar um dos problemas com a questão quantitativa da pesquisa: o quão comum são algumas palavras com a grafia errada. O motivo pelo qual usamos essa palavra em específico é por conta de existir uma categoria própria para a ideia de que o documentário, ou as pessoas comentando na página, estavam sendo censuradas.

¹⁰² O prompt utilizado, juntamente com a planilha com os dados, foi o seguinte: Eu preciso que você analise a coluna *text* indique para mim quais são os tópicos discutidos e apresente 3 exemplos de comentários para cada tópico com o autor desse comentário e a linha que se encontra.

¹⁰³ Foram utilizados para isso diversos *prompts* diferentes, tendo como base o arquivo original dos comentários (antes de qualquer separação). Exemplos disso temos: Eu preciso que você analise a coluna *text*, indique para mim quais são os tópicos discutidos e apresente 3 exemplos de comentários para cada tópico com o autor desse comentário e a linha que se encontra; Não tem mais tópicos nesses comentários?; Dentre esses comentários do arquivo tem algum que seja histórico e caso tenha é sobre o quê?; Eu quero que você faça todos os tópicos que você encontrou no arquivo completos sem deixar um de fora. Essa sequência relatada é que fez surgir os 9 tópicos citados anteriormente.

Além disso, para definirmos os filtros, foi realizada a leitura de aproximadamente 200 comentários. Ao longo da pesquisa, novas palavras-chave foram incorporadas ao filtro sempre que, em leituras mais detalhadas, identificamos termos relevantes que ainda não haviam sido contemplados.

Posteriormente à criação dos tópicos para separação dos comentários, foi dado o seguinte comando ao *ChatGPT*: “eu quero que você monte um CSV com essas separações”, o qual retornou um arquivo CSV contendo apenas os tópicos listados. Isso motivou o envio de um novo comando: “não, eu quero que você separe todos os comentários nesses tópicos em uma tabela”, que resultou na seguinte mensagem:

Entendi sua solicitação agora com clareza:

Você quer que eu percorra todos os comentários do arquivo e atribua cada comentário a um dos 9 tópicos (ou “outros”), e devolva uma tabela completa com: índice, autor, texto, tópico classificado.

Essa tarefa exige percorrer as ~77 mil linhas do CSV e aplicar regras para classificar cada comentário.

Como neste ambiente eu não consigo mais executar código no momento, eu não posso rodar a classificação automática completa aqui agora.

No entanto, posso te entregar um código Python pronto, que você pode rodar localmente para gerar exatamente a tabela que você quer.

Aqui está o esqueleto do código para você rodar no seu computador:

Esta mensagem nos leva ao desenvolvimento de um programa em *Python* para realizar a classificação dos dados. Porém, surgiram alguns problemas na execução do primeiro código gerado, devido a diferentes motivos, como a ausência de bibliotecas necessárias para que o programa pudesse rodar e ler os dados corretamente. Com essas questões devidamente resolvidas, houve um problema com o programa, o qual não fazia a classificação de maneira correta, por conta, principalmente, da existência das respostas dos usuários a outros indivíduos.

Dessa forma, o seguinte *prompt* foi efetuado: “eu quero que exclua os arquivos que são resposta a outros comentários”. No entanto, o programa não conseguiu resolver o problema, motivo pelo qual foi necessário inserir um novo comando: “eu preciso que ele leia a coluna *isReply* que está em valor booleano 0 para não e 1 para sim e eu preciso que exclua as linhas que são 1”, o que solucionou o problema com as respostas.

Nesse processo, foi criada uma categoria à parte chamada de “Outros”, que classificava aquelas postagens que não se encaixavam nas demais categorias. Inicialmente, essas respostas foram sendo, gradualmente, realocadas em categorias mais precisas. Um exemplo disso foi o seguinte comando: “nos tópicos que você me deu ‘Outros’ tiveram 44% esse número está muito alto”. Além disso, novas categorias foram

criadas a partir de *prompts* como: “tem alguns comentários falando sobre questões de aprendizado? você pode ver isso para mim?” e “não tem comentários falando sobre escola e educação?”. Essas solicitações resultaram na formulação da categoria “Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional”, que originalmente estava dividida em duas diferentes categorias.

Além disso, surgiu a preocupação quanto aos casos em que um comentário apresentava mais de uma categoria possível, mas acabava sendo fixado apenas em uma. Isso ocorria por conta da forma com que era realizada a classificação, o programa interrompia o processo assim que encontrava o primeiro tópico que se encaixava à postagem. Porém, diversas publicações tinham múltiplas temáticas, o que levou ao seguinte comando: “como eu sei se o mesmo comentário não está caindo em categorias diferentes?”, que teve como resposta:

Ótima pergunta — isso é extremamente importante quando você está construindo uma classificação baseada em palavras-chave como a que fizemos.

Por padrão, o código que eu te passei não permite múltiplas categorias por comentário, ele funciona assim: lê a lista de categorias de cima para baixo a primeira categoria que bater, ele já retorna, e para ali ou seja: cada comentário só recebe uma única categoria”

Isto é, a forma com que o programa fazia a classificação era insatisfatória. Contudo, nessa mesma resposta, o *ChatGPT* apresentou uma solução para o problema, permitindo que uma mesma postagem pudesse ser incluída em várias categorias simultaneamente.

A partir dessa reclassificação, constatou-se que 32% dos comentários permaneciam classificados como “Outros”. Como esse percentual ainda se mostrava elevado, foi dado o seguinte comando:

Eu ainda tenho em torno de 4 mil comentários como outros, eu vou tentar enviar aqui grande parte deles e eu quero que você adiciona novos filtros para classificarmos nos tópicos anteriores, não precisa classificar os links avulsos, ou os emojis que estão sozinhos

Esse comando foi seguido pela análise de quase 4 mil comentários. No entanto, sua execução gerou um erro no *ChatGPT*, resultando tanto em respostas alucinadas quanto na produção de códigos que não correspondiam ao que havia sido solicitado.

Com a impossibilidade de continuar, foram incrementadas no código cada vez mais palavras e também algumas funcionalidades extras como a contagem dos dados, a criação de gráficos e outros aspectos que acabam por não serem incluídos neste trabalho.

Feita essa separação, tornou-se necessário realizar outro recorte, abrangendo as postagens que podem conter múltiplas interpretações ou que não apresentam nexos, ou que, inicialmente, não se encaixavam nas categorias. Como exemplos, podemos citar aqueles compostos apenas por emojis (como palmas ou a bandeira do Brasil), ou frases como: “Há três anos” (Margareth Muller Roth, 12/06/2022), ou “Assistindo” (Caio Ribeiro, 07/12/2022), ou “T9” (Sergio Nerves, 14/07/2022). Esses casos, e outros, originaram a categoria “Outros”, além da exclusão de comentários duplicados¹⁰⁴.

A partir desse processo, foi possível separar as interações relevantes a essa pesquisa, nas seguintes categorias: Elogios à produção e ao documentário (manifestações de caráter positivo sobre o filme); Discussão histórica (registros que apresentam referência ou conotação histórica); Críticas à Brasil Paralelo (avaliações críticas ao documentário ou à empresa); Sátira e humor (aqueles que contém piadas ou ironias); Liberdade de expressão e censura (publicações que fazem menção a censura em relação a empresa, ou aos comentários no *YouTube*)¹⁰⁵; Esperança cultural e crítica à cultura dominante (publicações que enaltecem uma cultura em contraposição a cultura “dominante” ou “pobres”); Debates e provocações pessoais entre usuários (aqueles que citam outros comentários); Mobilização e engajamento em redes sociais (manifestações que incentivam espectadores a interagir ou compartilhar o documentário); Discussão política contemporânea (interações de cunho político, focando em sua grande parte no período de 2010 até 2022); Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional (comentários sobre a própria educação ou a de terceiros, ou que apresentam críticas ao sistema educacional). Alguns exemplos como os seguintes:

Elogios à produção e ao documentário:

Otimo documentario (Jashin Hidan, 31/12/2019).

Críticas à Brasil Paralelo:

Que bosta de filme. Brasil Paralelo é lixo (Fabiano Araujo, 26/12/2022).

¹⁰⁴Essa exclusão não garante alta precisão, uma vez que o método utilizado baseia-se na comparação textual entre os comentários. Assim, algumas duplicações podem ocorrer porque o próprio autor cometeu um erro de português e, posteriormente, reescreveu a mensagem, ou devido a longos intervalos de tempo entre publicações semelhantes, esses fatores dificultam a eliminação automatizada dessas duplicatas.

¹⁰⁵Essa categoria, em particular, apresenta um problema específico relacionado à sua classificação automatizada. Um exemplo disso ocorreu em novembro de 2019, quando o documentário ficou temporariamente fora do ar. Muitas postagens que mencionavam essa situação, contudo, não foram identificados pelos filtros, deixando de ser corretamente categorizados. Entre eles, destacam-se os seguintes: “Aeeeeee, voltou. Vou assistir again.” (Elcio Paludo, 17/11/2019); “Até que enfim a justiça foi feita! Esse filme deveria ser obrigatório. BR” (Rafael Lima, 17/11/2019); “Ae voltou!!!” (ReiDesign, 17/11/2019).

Discussão histórica:

EU VIVI ESSA ÉPOCA. SE NÃO TIVESSE ACONTECIDO HOJE O BRASIL NÃO SERIA O QUE É. COM +- 40 ANOS DA ESQUERDA APÓS A ANISTIA ESTAMOS VENDO DO ESTRAGO QUE FIZERAM, IMAGINA SE TIVESSEM TIDO MAIS 20 ANOS ?!...🤔🤔🤔🤔
(Milene Rêgo, 21/12/2022).

Sátira e humor:

Essa musiquinha de fundo é um atentado a minha inteligência. Sensacionalismo sem fonte histórica confiável, agora sim o povo aprende história (risos), ouvindo os fatos narrados no estilo "programa do Datena". Aí tá fácil, só que não, pq não é sério. Por essas e outras iniciativas doutrinadoras, esse país é um atraso! (Norielem Martins, 17/07/2022).

Liberdade de expressão e censura:

Nossa, seria uma pena se por acaso esse documentário que foi censurado fosse vazado por algum funcionário, ou até mesmo se algum grupo Hacker conseguisse roubar ele e publicasse em algum fórum ou em formato torrent por exemplo, protejam sua propriedade intelectual viu....
Hoje em dia está complicado.... (Tiago Vince, 28/10/2022).

Esperança cultural e crítica à cultura dominante:

A eleição de Bolsonaro ressuscitou a direita no Brasil! Agora temos chance de lutar contra a cultura massante esquerdista-comunista! Avante! (Paula Muniz, 06/07/2021).

Debates e provocações pessoais entre usuários:

11k idiotas que nem assistiram (Alan, 04/04/2019).

Mobilização e engajamento em redes sociais:

Vou reassistir
Vou repassar aos grupos de wats app [sic]
(CLÁUDIO DE ROCCO, 23/04/2020).

Discussão política contemporânea:

A Constituição de 88 foi elaborada em sua maior parte por comunistas?(leigo)
(João Manoel, 30/11/2022).

Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional:

HOJE EU VEJO QUE A MAIORIA DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA QUE TIVE E QUE EU ACHAVA QUE ERAM BONS, NA VERDADE ERAM DOUTRINADOS. FDP QUE FIZERAM A CABEÇA DE MILHÕES DE ALUNOS COM MENTIRA E MAIS MENTIRAS. QUE TRISTEZA! QUEM APRENDEU COM OS PROFESSORES DOUTRINADORES, NUNCA SABERÃO A VERDADE!!!! (Marcos Santos, 13/11/2022).

Tabela 1- Organização dos comentários

Categoria	Quantidade	Porcentagem
Discussão política contemporânea	45184	82,79%
Elogios à produção e ao documentário	34984	64,10%
Discussão histórica	15090	27,65%
Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional	9679	17,73%
Mobilização e engajamento em redes sociais	6576	12,05%
Críticas à Brasil Paralelo	4365	8,00%
Debates e provocações pessoais entre usuários	3898	7,14%
Outros	3465	6,35%
Liberdade de expressão e censura	1144	2,10%
Esperança cultural e crítica à cultura dominante	477	0,87%
Sátira e humor	104	0,19%

Fonte: Tabela desenvolvida pelo autor (2026).

Como é possível perceber nessa organização, as categorias criadas não são definitivas, seu propósito é realizar recortes nos significados das diferentes mensagens deixadas na sessão de comentários do filme. Assim, utilizamos palavras enquanto filtros para representar ideias mais abstratas. Entretanto, essa estratégia torna impossível encaixar cada publicação em uma única categoria. Uma postagem dentro do grupo “Discussão Histórica” pode estar inscrita em conjuntos como “Crítica a Brasil Paralelo”, “Discussão política contemporânea”, “Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional”, etc. Além disso, as palavras usadas nas interações podem adquirir significados próprios de acordo com o contexto da mensagem. Esse segundo caso é exemplificado pela postagem: “O gramiccismo está sendo alcançado plenamente no Brasil
 Isso é péssimo!” (remildo Campos, 23/12/2022), cuja leitura sugere uma discussão política do mundo contemporâneo, mas que, por conter o uso da palavra “péssimo”, acaba sendo também classificado automaticamente na categoria “Críticas à Brasil Paralelo”.

3.1.1. Questões Quantitativas

Assim, chegamos à discussão dos dados quantitativos desta pesquisa. Esses dados expressam a quantidade de comentários e nas categorias em que eles aparecem. Entretanto, houve diversas dificuldades nessa aquisição de dados. A primeira delas foi

como criar uma base sólida para a divisão de dados. Para isso, como demonstrado anteriormente, foi feita uma categorização baseada no sentido amplo das postagens.

Dessa forma, temos como as categorias características específicas, mas não exclusivas, pois essas propriedades podem aparecer em mais de um tipo de comentário. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo, uma publicação pode estar discutindo questões históricas (Discussão histórica), pode simultaneamente ser sobre a política do país ou do mundo (Discussão política contemporânea) e ainda falar sobre um certo aprendizado ou crítica a ele (Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional), ou seja, uma interação pode ter múltiplos temas, as categorias servem apenas para organizarmos essas temáticas, ideias mais gerais.

Essa separação faz com que percebamos que a maior parte dos comentários são políticos em algum grau, com 82,75% pertencentes à categoria “Discussão política contemporânea”. No entanto, essa política varia por conta da forma da separação das publicações, assim, são agrupados juntos todos aqueles que contêm palavras como: comunismo, comunista, socialismo, socialista, URSS, EUA, mamadeira de piroca, gado, pastar, capitalismo, direita, esquerda, ditatorial, congresso, cinemarx, petista, bolsonarista, bozolóide, lulista, esquerdopata, contra cultura, revolução cultural, guerra cultural, intervenção militar, traidor, PT, Lula, Bolsonaro, Foro de SP, globalismo, senado, supremo, militares, marxista, monarquia, fascista, nazista e tantas outras palavras.

Como é possível notar, algumas dessas palavras também acabam por se repetir em outros momentos, principalmente na categoria “Discussão Histórica”. Da mesma forma que a palavra “comunista” está circunscrita em um diálogo histórico, principalmente quando pensamos no período abordado no documentário, o discurso contemporâneo político também sequestra esse mesmo termo não somente no sentido partidário (pessoas que se colocam como comunistas), mas também num sentido moral (colocando o comunismo e comunistas como o inimigo na vida real). Por conta dessas especificidades da língua, é que temos um mesmo termo podendo ser usado em diferentes contextos, o mesmo ocorre com palavras como “ditadura”, “parabéns” e outras.

Isso faz com que comentários políticos de naturezas muito distintas acabem agrupados, incluindo até mesmo manifestações que se aproximam mais de ofensas pessoais do que de discussões políticas. Por exemplo, é comum encontrar manifestações que desejam o “pior” para aqueles caracterizados como “comunistas”. Também há

publicações que, à primeira vista, não têm pretensões políticas, mas que tratam sobre algum assunto do filme e, por conta disso, acabam por ser encaixadas nessa categoria pela temática da obra.

Assim, poderíamos afirmar que grande parte dessas postagens seriam políticas e externas à obra. Entretanto, não é o que ocorre. A maioria dos comentários, inclusive aqueles estritamente políticos, estão inscritos na temática do documentário ou em questões tangenciais a ele. As exceções constituem publicações efetivamente desconexas, mas representam uma parcela minoritária. Contudo, vale ressaltar que precisar tal afirmação exigiria um olhar mais atento ao material de análise como um todo, ação que não é o objetivo desta pesquisa.

Ao mesmo tempo, observamos que grande parte dos comentários se concentra na forma do documentário, em sua narrativa ou na empresa. Em outras palavras, exibem argumentos favoráveis ou contrários ao documentário, bem como elogios ou críticas tanto à produção quanto à B.P.

Dessa forma, pelo escopo da pesquisa e dos objetivos por ela pretendidos, optamos por não analisar todo o corpus, pois isso exigiria a leitura individual de quase todo o material. Além disso, a investigação envolve também uma dimensão qualitativa: observamos a construção histórica sobre a Ditadura Militar. Por essa razão, escolhemos a categoria “Discussão histórica” para aprofundarmos na análise mais a diante.

3.1.2. Questões Qualitativas

Para realizar a análise qualitativa, selecionamos uma categoria que pudesse oferecer maior objetividade à investigação. Como já mencionado, aquela que se relaciona diretamente com as questões históricas, eixo central desta pesquisa. Dessa forma, a categoria “Discussão histórica” foi escolhida por permitir visualizar como os elementos históricos do documentário são percebidos pelo seu “público”.

Assim, agrupamos os comentários em novas categorias. Essas já foram exploradas no capítulo anterior, mas com sua conceitualização um pouco modificada, isto é, usamos ainda as ideias das dimensões expostas por Rösen, mas com adições aos seus conceitos (ampliando em alguns momentos os seus significados para poder ser utilizada como forma de categorização). Desse modo, os grupos formados foram os seguintes: Cognitiva – expressa uma ideia de busca de verdade, ou que exprime a verdade ou mentira sobre o assunto, também como essa verdade é adquirida, isto é

discute as fontes, documentos, ou questões anedóticas usadas para garantir, ou não, a veracidade do documentário ou de sua narrativa; Política – o uso de marcadores políticos para legitimar a narrativa, isso podendo ser partidário (direita ou esquerda, menções a políticos ou ideologias), ou não; Estética – a concordância, ou não, com a forma da narrativa ou de seus resultados, ou de uma questão artística, apresentando também as qualidades e experiências estéticas; Moral – indica um julgamento moral da história, ou uso da história para julgar, de forma moral, o presente, o passado e o futuro; Religiosa – apresenta aspectos salvíficos, ou religiosos, como a repetição da história, a corrupção ou fim dos tempos, ou de uma ação profética no presente.

Para isso, chegamos a outro problema: como podemos fazer essa separação de maneira correta dos comentários? Inicialmente, houve a tentativa de realizar uma separação por meios automáticos, porém sem sucesso, o que nos levou à conclusão de que, para essa pesquisa, havia a necessidade de fazer uma revisão manual das publicações.

Diante do total de 15184 comentários classificados como “Discussão histórica”, impôs-se uma questão metodológica central: como realizar uma análise qualitativa manual que fosse, ao mesmo tempo, rigorosa e viável? A investigação orientou-se por três objetivos principais: identificar as características recorrentes das postagens, examinar possíveis variações ao longo do tempo e compreender como os usuários descrevem e avaliam o documentário. Para isso, tornou-se necessário estabelecer um recorte que permitisse observar padrões discursivos sem comprometer a profundidade interpretativa.

A distribuição temporal dos dados evidenciou forte desigualdade. Do total de 15.090 comentários considerados válidos, 12.533 concentram-se em 2019 — sendo 11.826 apenas em abril daquele ano — enquanto 1.324 foram publicados em 2020, 730 em 2021 e 498 em 2022. Essa concentração inicial criaria um desequilíbrio analítico caso todo o material fosse examinado de maneira proporcional, pois o pico de 2019 tenderia a determinar os resultados, obscurecendo possíveis variações nos anos seguintes.

Diante disso, optou-se por estabelecer o limite de 485 comentários por ano. Esse número não foi arbitrário: trata-se de um quantitativo que reduz as discrepâncias entre os diferentes conjuntos analisados e corresponde ao menor valor encontrado na pesquisa. Outra questão a considerar é uma pequena divergência entre os dados apresentados. Essa diferença ocorre porque, entre as interações examinadas, há registros classificados

na categoria “Discussão histórica” que, na realidade, não pertencem a ela, além de ocorrências duplicadas que não foram identificadas na classificação inicial, o que fez com que o número inicial de 492 comentários fosse reduzido para 485.

Portanto, a definição desse recorte constitui uma decisão metodológica fundamentada na necessidade de equilibrar escala e profundidade diante de um corpus volumoso e temporalmente desigual. Com esse procedimento, torna-se possível avançar para a análise qualitativa propriamente dita, apresentada no tópico seguinte.

3.2. Análise dos comentários

A primeira questão a qual devemos nos atentar são os dados brutos que adquirimos a partir das separações apresentadas anteriormente. Para os dados mais assertivos, teremos do total de comentários, por categoria, apresentados nos seguintes quadros:

Tabela 2-Organização dos comentários (2019 - 2022)

Categoria	2019		2020		2021		2022		Total	
	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
Discussão política contemporânea	39004	82,76%	3125	85,55%	1774	81,00%	1281	79,81%	45184	82,79%
Elogios à produção e ao documentário	30499	64,71%	2243	61,40%	1260	57,53%	982	61,18%	34984	64,10%
Discussão histórica	12533	26,59%	1329	36,38%	730	33,33%	498	31,03%	15090	27,65%
Aprendizado pessoal e crítica ao sistema educacional	8114	17,22%	819	22,42%	429	19,59%	317	19,75%	9679	17,73%
Mobilização e engajamento em redes sociais	5985	12,70%	328	8,98%	150	6,85%	113	7,04%	6576	12,05%

Críticas à Brasil Paralelo	3456	7,33%	516	14,13%	239	10,91%	154	9,60%	4365	8,00%
Debates e provocações pessoais entre usuários	3427	7,27%	255	6,98%	123	5,62%	95	5,92%	3898	7,14%
Outros	2981	6,33%	220	6,02%	157	7,17%	105	6,54%	3465	6,35%
Liberdade de expressão e censura	962	2,04%	103	2,82%	36	1,64%	43	2,68%	1144	2,10%
Esperança cultural e crítica à cultura dominante	404	0,86%	41	1,12%	18	0,82%	14	0,87%	477	0,87%
Sátira e humor	77	0,16%	10	0,27%	10	0,46%	7	0,44%	104	0,19%

Fonte: Tabela desenvolvida pelo autor (2026).

Assim, observa-se um padrão: a maior parte das publicações trata da política contemporânea do Brasil ou do mundo. Esse resultado é condizente com o que foi identificado na análise individual da categoria “Discussão histórica”, em que é comum apresentar argumentos sobre a repetição da história no presente, um debate sobre governos atuais e defesa da existência de uma “corrupção comunista” – seja nas escolas, universidades, entre historiadores, ou outras instituições e agentes.

Seguindo essa lógica, observamos também a categoria “Elogios à produção e ao documentário”. Essa classificação aparece distribuída ao longo das demais, sobretudo a “Discussão histórica”. Isso se torna evidente ao observar a recorrência de mensagens que seguem um padrão semelhante: “parabéns pelo documentário, obrigado por trazer a verdade”, que é a estrutura mais comum deixada pelos usuários.

Dessa maneira, é possível inferir que a maior parte dos comentários publicados na página do *YouTube* do documentário possui um caráter avaliativo predominantemente positivo. Seguido por aqueles que, em algum grau, procuram desenvolver uma discussão histórica, mesmo que, na maioria das vezes, o façam apenas para confirmar o documentário como verdade, ou que visam reforçar ou refutar a obra. Observa-se também um volume significativo de postagens que elaboram análises sobre

a conjuntura política contemporânea, estabelecendo paralelos com a Ditadura Militar ou com o período anterior a 1964. Nesse conjunto, embora em menor número, há aqueles de caráter político e educacional, com o primeiro apresentando um tom mais combativo e o segundo indicando a ideia de guerra cultural.

Com isso em mente, apresentamos a análise individual da categoria “Discussão Histórica”, destacando alguns dos resultados obtidos com essa organização e evidenciando suas questões específicas.

Inicialmente, devemos apresentar o número de publicações presentes em cada subcategoria dessa análise. Dessa forma, obtivemos: 1089 comentários pertencentes a Dimensão Cognitiva; 378 pertencentes a Dimensão Política; 180 pertencentes a Dimensão Estética; 219 pertencentes a Dimensão Moral; 72 pertencentes a Dimensão Religiosa. Conforme podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 3 - Divisão da categoria Discussão Histórica por ano (2019-2022)

Ano	2019		2020		2021		2022		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cognitiva	259	53,40%	265	54,64%	278	57,32%	287	59,30%	1089	56,13%
Política	120	24,74%	135	27,84%	59	12,16%	64	13,22%	378	19,48%
Moral	57	11,75%	37	7,63%	63	12,99%	62	12,81%	219	11,29%
Estética	31	6,39%	38	7,84%	64	13,20%	47	9,71%	180	9,28%
Religiosa	17	3,51%	10	2,06%	21	4,33%	24	4,96%	72	3,71%
Total	485	100%	485	100%	485	100%	485	100%	1940	100%

Fonte: Tabela desenvolvida pelo autor (2026).

A partir dessa distribuição, podemos obter algumas ideias iniciais sobre o conteúdo discutido nos comentários. Primeiramente, há uma discussão muito grande sobre as questões “científicas” do documentário — sobre as fontes, entrevistados e eventos — que, em grande parte, são apresentadas pelos usuários como verdades. A segunda dimensão recorrente é a política, influenciada pela natureza do público principal da B.P., majoritariamente alinhado à direita, o que gera debates não apenas de caráter partidário, mas também sobre a legitimidade do documentário. A terceira dimensão que mais aparece é a moral, que apresenta-se enquanto uma disputa entre “o bem contra o mal”, na qual o segundo deve ser exterminado. Em seguida, à dimensão estética manifestada de duas formas: a primeira a partir da narrativa do documentário — seja concordando, discordando ou apontando erros e acertos em sua construção — e a

segunda enquanto a expressão da qualidade técnica da obra. Por fim, à dimensão Religiosa que é, em certo grau, distinta a conceituação de Rûsen, embora a complemento, primeiramente na ideia de salvação – o golpe de 1964 salvou o Brasil, ou que os militares ou o governo Bolsonaro salvaram o Brasil –, a segunda de corrupção – o Brasil está corrompido e necessita de um salvador – e da percepção de um tempo cíclico, isto é, aquilo que aconteceu em 1964 está ocorrendo novamente.

3.2.1. *Dimensão Cognitiva*

A primeira dimensão a ser analisada é a Cognitiva, que está intrinsecamente relacionada à ideia de “verdade”. O que faz necessário examinar tanto os conceitos mais recorrentes de verdade mobilizados pelos espectadores em seus comentários. Por isso, iniciamos esta parte da análise justamente pela noção de “verdade”.

Essa questão é paralela a uma visão de que a história foi manipulada por grupos diferentes, que ao mesmo tempo necessita de fonte (ou carece das mesmas), ou que é reafirmada por uma memória, ou anedotas de avós ou avôs, pais e assim por diante. Isto é uma ideia de “revisão” da história, algo demonstrado por Santana:

No seu conjunto, os vídeos nos conduzem a verificar que esses materiais foram projetados com o objetivo de estabelecer um “revisão ideológico” sobre a ditadura militar no Brasil, a fim de construir uma narrativa histórica, ancorada na recomposição de memórias identificadas com um Estado autoritário, ressaltando a sua necessidade para a defesa da ordem nacional e contra a ameaça comunista. Essa “revisão” busca sustentação na negação ou contraposição à produção histórica sobre a ditadura militar que vem se desenvolvendo no país, bem como à educação escolar, onde, segundo eles, essa produção historiográfica seria disseminada (Santana, p. 99).

Essa “revisão” vai de encontro à ideia de verdade. Então existe uma procura do público nesse documentário pela verdadeira história ou a reafirmação dela, em uma disputa ideológica. Dessa forma, nos comentários há três maneiras distintas de verdade. A primeira é a absoluta, isto é, o documentário é a verdade sobre o período e qualquer outra alternativa é falsa. Como podemos observar nas seguintes postagens:

Parabéns pelo trabalho primoroso , a verdade dos fatos históricos precisa ser restabelecida e ensinada às novas gerações (Ana Paula, 02/04/2019).

Fantástico!!!! Acabei de assistir o Brasil Paralelo na TV Escola. Até que enfim eu vi história pela televisão contada com base em fatos e não por um professor de história vestido com a camiseta do che guevara. O Brasil está mudando e para melhor. Muito melhor!!! (Francisco Gabriel, 14/12/2019).

Vivemos um momento tão bizarro que dizer simplesmente a verdade ou mostrar os fatos reais é ser “tendencioso”. :O (É o ilusão, 09/07/2019).

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. João 8:32 (ESQUERDISTA MAU-CARÁTER, CARA-DE-PAU..., 01/06/2019)

A segunda forma de verdade que é observada é a “relativa”. Essa categoria abrange a ideia de que a “verdade” não apresenta uma noção única e absoluta e, na realidade, existem múltiplas verdades/histórias sobre o período – as principais sendo as da “esquerda” e da “direita”. Como podemos observar nos seguintes comentários:

Uma parte da história contatada é parcial, outra é ideológica e por toda a narrativa há interpretações fantasiosas e mentirosas.(Ana Werri, 23/04/2019)

Ótimo documentário, parabéns a vocês do Brasil paralelo! A história sempre tem dois lados e finalmente conheci o lado dos militares. (Daniel Batista, 24/04/2019)

Documentário fraco! Não mostra quase documentos reais, mostra apenas fotos de jornais... Mas, não deixa de ser interessante... Deve-se mostrar os dois lados da moeda! (Thiago Rodrigues Oliveira, 26/05/2019)

KKKKKKKKKK..pelo amor de DEUS.. como que vocês tem coragem de fazer um filme intencionado como esses?? um absurdo contar apenas um lado da história.. A HISTÓRIA VIVE!! (theyslla tamayra, 17/05/2019)

Produção até ok, mas conteúdo extremamente tendencioso e inconsistente. O nome deveria ser “1964: A versão da extrema direita”.
Pelo menos mais lá na frente pode ser usado como bom contra-exemplo rsrs. (Nick Diego Yamane, 05/05/2019)

é fácil falar só de um lado . assistir, fiquei feliz em ver que poderia esclarecer minhas dúvidas do que realmente ouve mais só prega que o governo anterior é comunista e traz justificativa das ações dos militares.
espero um dia poder ver os dois lados da história contados em um único vídeo, a história verdadeira e não mascarada. (Claudinor Camargo, 04/05/2019)

Agora a história fica equilibrada, com dois lados como tem que ser. (cicilafoitezapederne, 03/05/2019)

É sempre importante ver e analisar as diferentes Versões da história, e não só a dita versão da comissão da verdade instituída pela presidenta Dilma (Djalma machado, 14/07/2020)

Essa é também a categoria que mais se aproxima de identificar, por parte do público, uma “revisão” da história pelo documentário. Em geral, as postagens sugerem um contraponto entre diferentes narrativas: a história ensinada pela academia versus a história da Ditadura Militar considerada “oficial”; a versão defendida pela esquerda versus a defendida pela direita; ou, ainda, como a apresentação de um “outro ponto de vista” sobre fatos e acontecimentos já conhecidos. Desse modo, o documentário é

frequentemente interpretado pelos comentadores como portador de uma verdade, não a verdade estabelecida, mas uma “verdade alternativa”, capaz de desafiar, corrigir ou complementar a História.

A terceira forma de “verdade” é a partir de um confronto entre “Verdades e Mentiras”. Esse ponto específico aparece na ideia de que o documentário está mentindo, em que há um confronto entre o que seria a realidade dos fatos e o que é apresentado para o espectador, ou simplesmente o documentário como algo enviesado, ou na busca das fontes utilizadas pelo filme (fotos, jornais etc.). Como é possível observar nos seguintes exemplos:

Um dia eu vi um meme,
"Quem conta a história da colonização?
Os portugueses..."
Quem conta as histórias sobre racismo?
Os Brancos..."
"Então o lado vencedor sempre conta a história..."
IRÔNICO, QUEM SEMPRE CONTA AS HISTÓRIAS DA DITADURA ENTÃO? Por Quê o lado oprimido sempre conta essa história demonizada?... (Ednaldo Bonfim, 08/12/2019)

Assistir duas vezes, só hoje. Como não me rotulo de direita e nem de esquerda, vou usar da máxima tentativa de ser parcial e tomar partido de algo. Tem aspectos importantes a serem levados em consideração. gostei muito quando se afirma que o brasileiro só vai às ruas quando a inflação chega no seu bolso. Verdade. Mas tem uma série de contradições nas falas dos próprios depoentes. Um deles diz que a renúncia de Jânio leva o povo a um descrédito nas eleições e no voto, mas logo depois o povo aprova o presidencialismo dizendo bem claro, nas urnas, que o povo que um presidente eleito pelo povo. Como essas tem muitas outras. Mas vale como documento histórico, pois todo documento histórico deve ser questionado na tentativa de se compreender a sua função, sentido, por quês? Quando analisou a morte causada pelas oposições armadas da Ditadura ficou muito claro a ideia de terror, mas sobre as mortes causadas pelos milicos ficou uma violência "brandinha", como se tortura, tiro, morte só causa dor de um lado. A crítica final ao projeto Diretas Já ficou interessante: uma festas de ratos de todas as classes políticas, parte deles velhos atores de antes da Ditadura, outros cria da Ditadura (para construir a esperança de que uma nova ditadura é possível, pois civis e militares brigam pela República desde que ela nasceu) e por fim chegou os jovens aventureiros. tudo disfarçados de democratas. Enfim, muda governo, sai governo, mas o capitalismo internacional sempre marcou o que é o Brasil: um país de miseráveis que só vão às ruas quando a inflação chega na sua mesa. E quem governa o país, independente de ideologia, adora isso. (Templo de Clio Elivaldo Pereira, 26/11/2019)

qual a finalidade quem leu e estudou um pouco de história sabe que a resistência ao golpe teve financiamento e orientação e o documentário mostra os golpes dentro do golpe. fico pensando que legitimidade esses entrevistados tem para falar de assuntos tão relevantes. Por que somente esses não tem especialista, escritores oposição e situação da época. Tudo soa mais como opinião do que informação. Esse documentário só tem uma intenção distorce a realidade chegando a insensatez de defender o Golpe. Caralho, santa ignorância. O golpe dentro do golpe. A direita coxinha que não aceita visões que não seja a sua e tenta derrubar a esquerda e entrega o país de mão beijada para os militares. Isso deve ter dedo de militar nessa porra. Bolsominions O presidente de vocês governa por decretos, Perdi duas horas de minha vida vendo essa merda (Uilians Santos, 21/07/2019)

Parei quando disseram que os EUA não tiveram nada a ver com o golpe de 1964... kkkkkkkkk mentira, vi até o final. Há acertos e erros no documentário. (Rafael Moraes, 26/06/2019)

Uma documentário feito para conspiracionistas e terraplanistas e demais indivíduos desprovidos de sensatez intelectual. Não adianta! A academia não aceita esse tipo de material enviesado e tendencioso. A verdadeira história já é de conhecimento público, e ela é indiscutivelmente o oposto do que aqui está propagado. A onda fascistóide não passará. (Santiago Frota Abreu, 20/06/2019)

Por fim, outra problemática levantada nesse tipo de comentários: quais são as fontes exploradas ou fontes que poderiam acompanhar o documentário para aprofundar o tema. Isto é, trata-se daquelas que, para além da própria narrativa fílmica, poderiam ser consultados para ampliar a compreensão do documentário e do assunto por ele tratado. Essa preocupação aparece explicitamente em postagens como as seguintes:

Fontes? Onde estão? (LUca2 figueiredo, 25/05/2019)

Querem me fazer acreditar que a atuação de uma agência de inteligência de uma República satélite da ex-URSS e 41 recrutados eram a ameaça à democracia no Brasil. Outra coisa, vocês precisam se decidir: ou os comunistas eram tão ineficientes ao ponto de levar milhões de pessoas à desnutrição e à morte ou eles eram eficientes o suficiente para realizar operações de inteligência em todo o Terceiro Mundo e em todos focos de disputa da Guerra Fria, incluindo o Brasil. Os dois não dá. Querem "reconstruir" a história do Brasil com um punhado de arquivos encontrados na antiga Tchecoslováquia? E, ainda pior, analisados por pessoas desvinculadas de universidades, grupos de pesquisa e/ou organização científicas. Querem "contar a verdade" da História do Brasil com a simples descrição de uma coleção de documentos que sequer é disponibilizado. Esse documentário apenas revela a postura revisionista, anti-científica e anti-acadêmica do Brasil Paralelo, características tão marcantes do ""totalitarismo"" que o documentário tanto condena. (Renato Ungaretti, 11/12/2019)

Eu queria uma lista das fontes para tudo o que foi dito, sejam primárias, ou obras historiográficas.
Ótimo filme. (Wendel Junior, 17/11/2019)

Com estas considerações passamos então para o próximo tópico, que é a dimensão política.

3.2.2. *Dimensão Política*

A Dimensão Política está intrinsecamente ligada à legitimação de uma narrativa histórica. Nesse sentido, procuramos reunir neste subtópico comentários cuja principal característica é a disputa política sobre o documentário. Tais manifestações podem ser partidárias ou não, e nem sempre têm como objetivo legitimar o documentário em si,

mas sim utilizar o filme como instrumento para sustentar ou reforçar determinadas interpretações e posicionamentos políticos da atualidade.

Dessa forma, as questões políticas mobilizadas nas publicações podem ser organizadas em duas temáticas: “esquerda versus direita” e a Ditadura Militar. O primeiro ponto é composto por diferentes problemáticas, dentre elas o anticomunismo. Conforme as interações, o documentário apresentaria o comunismo como algo negativo, associado ao mal ou à degradação da sociedade, atribuindo-lhe efeitos nocivos ao mundo, como se observa nas seguintes postagens:

Afundando a esquerda pela sua mentira. Viva dia 31 de Março de 1964 !
(Richard Lucas, 02/04/2019)

Isso é o caos sob forma de revolução que os gramscistas e marxistas disseminam desde a guerra fria entre Rússia e EUA, e não são todos os brasileiros que assim se comportam na verdade para reconhecer um marxista, gramscista, esquerdopata, militonto, devoto de Lula ou simplesmente um agente das trevas, ouse falar de honestidade, de ética, de família, de justiça, de trabalho construtivo, fale de solidariedade, fale de empreendedorismo, fale de respeito a pessoa a propriedade e liberdade política, fale de patriotismo, fale de Jesus Cristo ou de moral cristã fale de Deus... e logo poderá separar o joio do trigo ou o falso do verdadeiro brasileiro... portanto esqueça essa bobagem de esquerda e direita entenda que só há o justo e o injusto, o cidadão integro e o criminoso o honesto e o corrupto isso serve tando para o individuo quanto para as instituições mesmo as religiosas... (Cícero Bento, 10/12/2019)

Obg Brasil paralelo por mostra verdade nojenta da esquerda. Vcs contribuíram e mto pra jovens como eu não cair na conversa fiada da esquerda. (Dan Silva, 11/12/2019)

Excelente! Vivi tudo isso, senti tudo isso, estava dentro do PT de 83 a 95. Fui líder estudantil, presidente de D.A, e tesoureiro de D.C.E., era iludido com o calhamaço de informações sutilmente distorcidas que recebíamos todos os dias, estive em quatro reuniões UNE/UNB, mas ao tomar conhecimento da formação de facções e “elites” dentro de um partido que já não tinha mais nada de trabalhista e popular, parti para outro rumo. Já não estava intoxicado e dependente desse ciclo vicioso. Tomei nojo dessa corja. Eu sei o quão certos vocês do Brasil Paralelo estão. Parabéns! Continuaremos lutando para reescrever a verdadeira história. (Ricarte Corradi, 30/11/2019)

O Comunismo assassinou cerca de 200 milhões de pessoas. Só o comunismo chinês assassinou cerca de 70 milhões. O comunismo soviético assassinou outros 60 milhões. 20 milhões com Lenin e mais 40 milhões com Stalin. A segunda guerra foi também causada pelo marxismo de Hitler e assassinou entre maus e bons cerca de 54 milhões. Há ainda de se falar da guerra da Coréia, Camboja, Vietnam, Cuba etc.

E os militares brasileiros não torturaram nem 10 mil comunistas.

Os comunistas torturam inocentes e ninguém liga.

Mas, quando se tortura um comunista que merece ser torturado, aí todo mundo se importa.
. (Combatente Pela Vida, 26/08/2019)

Ou ainda a ideia de um conluio da esquerda para esconder a verdade sobre o período (ou doutriná-los), envolvendo tanto grupos que participaram das guerrilhas quanto lideranças da esquerda nacional. Como expresso por esses comentários:

Somente a extrema-esquerda contava a história (estória, na verdade), isso durante décadas.
Recentemente começamos contar a história real. Estamos engatinhando, levaremos décadas para combater todo o mal causado pelo marxismo cultural. (Rose Mari, 02/04/2019)

Queria só ver a cara dos líderes de esquerda , professores marxistas das universidades e de toda essa mídia imunda que só sabem espalhar mentiras ao verem a verdade sendo dita na cara deles e eles atônitos sem poder fazer nada , obrigado Brasil paralelo por mostrar a verdadeira história ao povo brasileiro além de tudo totalmente gratuito e com a qualidade insuperável. vocês são a inspiração de muitos jovens que só quer ver o Brasil melhor (Diego Vasconcelos, 02/04/2019)

Hoje em 2019 tenho 25 anos, lembro-me de no ensino fundamental e médio de que era obrigado a ouvir e concordar que Che Guevara era um homem que lutava pelos direitos das pessoas. Eles nos contavam mentiras. Aqui no estado de São Paulo em minha época de ensino médio, entre 2010 e 2012, era distribuído um pequeno livro um por matéria, o de sociologia era nojento - todos eram. Eu particularmente sempre gostei mais de exatas, então não dava muito ibope pra Che Guevara e etc, mas a doutrinação acontecia. Mas mesmo com todo esse lixo e plano de destruição cultural, eu aprendi na minha casa, com minha mãe e vó princípios e valores, aprendi a amar a verdade e que mesmo quando tivesse errado que eu nunca jamais deveria mentir para meus pais, nem a mim mesmo, por mais que isso resultasse em coisas "negativas" - um castigo, ou até mesmo chineladas (das quais agradeço minha mãe, ela me educou em todas elas). O fato de crescer sempre ouvindo a palavra de Deus sempre gerou em mim um temor reverente a Deus e a sua vontade e opinião ao meu respeito. Aprendendo sobre o caráter de Jesus eu vi nele valores e princípios dos quais eu quero ter, ou melhor ser e passar isso aos meus filhos. Eu agradeço a Deus pela vidas desses militares (não torturas) mas a decisão que tomaram.

Eu sou a favor da liberdade, do livre comércio, estou de acordo com valores morais tradicionais conforme a bíblia onde fui e estou sendo instruído, e nada, nada nessa vida me fará abandona-la.

Fico feliz por ser eleitor do Bolsonaro, acredito que com o meu voto eu fiz exatamente o que os militares de 64 fizeram - a coisa certa! (Rafael Trajano, 07/12/2019)

Esclarecedor parabéns pelo documentário que pena eu acho que o Brasil não tem mais solução, os professores comunista continua no sistema educacional, nos três poderes corrompidos, a história continua (Brinquedos_ BR, 27/05/2019)

Parabéns pelo excelente trabalho com à mais pura verdade sem defender o lado A ou B. Contando a história como realmente foi, história está que foi apagada pela esquerda que hoje vive como vítima da ditadura... Muito bom o documentário... (Ismael Romão Da Silva, 08/05/2020)

Da mesma forma, existem os comentários que expressam a percepção de que esse seria justamente o objetivo do documentário, isto é, assumir uma postura anticomunista e anti-esquerda, como evidenciado a seguir:

Misericórdia a gente não vê senso crítico quando nitidamente existe um viés ideológico no documentário. Quem financiou essa propaganda anticomunista? Realmente fizeram um belo trabalho. (André Medeiros, 04/06/2019)

Confesso que não gostei do documentário, deixou a desejar. Pois vocês literalmente focam mais o lado dos "direitosos", falam do Comunismo de uma forma negra, só faltou vocês dizerem que o "Comunismo é comedor criancinhas" e além disso em nenhum momento vocês fizeram um relato sobre o que é O que é Capitalismo e os teus males. E até admiro ter aqui professores de História que participaram e até inclinaram-se em prol de você. Pois se dizem professores de História a meu ver teriam que saber interpretar os dois lados e não ficar puxando o saco de vocês. Pois a História dentro da guerra fria teve dois lados, União Soviética versus Estados Unidos ou vice-versa, Capitalismo versus Comunismo . Porém vocês dão apenas ênfases em falar mal do Comunismo e além do mais na trajetória cronológica vocês enaltecem a ditadura militar de MILITARES ASSASSINOS, repito mais uma vez em nenhum momento vocês não relataram nenhuma virgula sequer dos males do capitalismo e além disso bajularam os Estados Unidos dentro de uma democracia com valores cristãos. E penso que vocês esqueceram o quanto males fizeram em nome de um o protestantismo fajuto que desde na época da Reforma de Lutero defendiam as elites, e tempos depois para a formação ou criação dos Estados Unidos dizimando muitas tribos indígenas e os que restaram eram obrigado a serem empurrado para o Oeste. Ou seja, matavam e massacravam em nome de Deus (amauri neves, 27/05/2019)

Belo documentário, mas é tendencioso desde o princípio. O ocidente capitalista comemorou a vitória qdo da queda do muro de Berlin e n existe mais uma URSS p dar suporte à qq revolução. N existe, no filme, a compreensão de q o comunismo queria, de um dia p o outro, q o mundo se tornasse governado pelos trabalhadores. Os russos eram os únicos q tinham como prover os revolucionários e o filme discute apenas os métodos q são tão desumanos e sanguinários qto os praticados pelos EUA especialmente aqui na América Latina. Promover o ódio aos comunistas é ressuscitar mortos, é caçar fantasmas. (Cássio ZãÁ, 23/05/2019)

O segundo ponto refere-se à interpretação de que o documentário indicaria a política contemporânea como correta (mais próximo do lançamento da obra), ou, em sentido oposto, como equivocada, por supostamente caminhar em direção a golpe comunista ou de uma ditadura (mais próximo de 2023). Assim, alguns comentários apontam que o governo Bolsonaro ou a volta da direita ao poder seria o caminho correto, como podemos ver nas seguintes postagens:

A verdadeira liberdade começou agora com BOLSONARO. (CLÍNICA RELOJOEIRA BRUNIELA consertos, 07/12/2019)

O Nosso presidente Bolsonaro quebrou paradigmas, me fez conhecer o prof Olavo, filósofos, profs, historiadores , cineastas e canais de YouTubers de Direita para VER A VERDADE, a VERDADE QUE NUNCA FOI DITA!!

Fiquei sabendo mais sobre o regime militar durante as eleições do Bolsonaro para combater os comunistas idiotas que falavam mal desse período e agora com esse filme, o que faltava aprender, entendi e fiquei mais chocada ainda!! Meu deus, como fomos usados e manipulados pelas desinformações!!

Estamos REDPILLADOS (filme Matrix- pílula vermelha), NUNCA MAIS ME ENGANAM!!

Muito obrigada,

BRASIL PARALELO!! 🙏🙏 Parabéns por esse fantástico trabalho e por esse Grande serviço que vcs prestam ao nosso país!! Vcs entraram para a História do Brasil!! Vcs fazem a diferença!! 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌 (Queli #, 02/12/2019)

Outros comentários seguem uma linha contrária à anterior, posicionando-se de forma crítica ao então novo governo e governante, além de evidenciar uma questão explicitamente política do documentário:

99% dos entrevistados votaram no Bozo, então não esperem assistir um documentário imparcial, alias o bozo tambem tem um juiz parcial a sua disposição. Um titulo mais apropriado seria 1964 a 2019 O Brasil das Fake News. (francis67 santos, 07/07/2019)

Uma pena ver tanta gente mal informada, e até mal intencionada! Esse documentário é uma propaganda política do péssimo governo ao qual estamos enfrentando (Bolsonaro) , sem falar que distorce um dos episódios mais sombrios da nossa história! Fica um vídeo com bom conteúdo para os que discordam de mim: https://www.youtube.com/watch?v=RzclFpPDu0k (Franco Paz Dos Santos Paz, 24/06/2019)

Se "Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário" (e Mr. G. Orwell não tem nada a ver com isso), parabéns pela "revolução" de vocês; escolho é escolho; só não venham com esse slogan de "dizer a verdade"; não cola, não bate, a conta não fecha, as pessoas sabem que no cotidiano "sorteia-se a bola da vez"; e agora sob a sombra do pior dos governos pré-iniciados das últimas décadas; aproveitem, porque o tempo é curto dentro de "nossas medidas"; a vida é muito mais do que "lá e cá"; há entrelinhas nessa história que ainda não foram desconstruídas, e vocês não me parecem capazes de fazer uma boa releitura do que, de fato, em realidade, feito "marionetes"; nem vivenciam; tentem "a sorte"; mas é certo que nesse "jogo"; não chegarão a "caçapa"; cada um, cada qual. (Plinio Romero, 07/06/2019)

Na mesma linha de quem criou a madeira de piromaquia, da terra plana, e do esquerdista Hitler, o filme já começa mostrando todo o seu viés ideológico. Aí quando você vai vendo os envolvidos podemos notar em seus olhares e falas o ódio, raiva, preconceitos e todas as suas loucuras! Só tem racistas, raivosos, loucos doentes contagiosos que viviam contidos em seus buracos e percebendo o descontentamento político de parte das pessoas tentam mudar uma história com mentiras e meias verdades, com a eleição do incompetente Bolsonaro que segue na mesma linha se sentiram libertados para propagar suas narrativas. Se o Brasil tivesse bem deveriam tá todos em seus manicômios, acredito que o mais rápido possível todos vão retornar para os seus buracos. (BeArt Soluções, 05/05/2019)

Tudo isso pra fazer acreditar que vivíamos em ameaça comunista?? Parabéns, convenceram o gado bolsonarista! A história sempre condenará e julgará aqueles que fizeram parte do golpe que tirou o direito democrático e a liberdade do povo brasileiro. A história sempre vai lembrar como o período mais vergonhoso da nossa república, não somente pra essa, mas tbm as próximas gerações. Aproveitem suas falácias e as levem pra tumba! Essa conversa não engana mais ngm, apenas os olavetes e Bolsonaristas negacionistas!! (Davi Viana, 03/12/2020)

Pensei que eu ia ver algo imparcial o mais possível sobre aquele período histórico do Brasil mas deparei com um vídeo militante de direita contra a esquerda. Isso pra mim que gosta de história imparcial achei esse vídeo muito ruim mesmo.
A união soviética e os Estados Unidos foram dois grandes cânceros malignos da humanidade. Os EUA continuam a ser um grande mal para o mundo. Este vídeo não teve compromisso com a verdadeira história. Fizeram enormes omissões da barbaridade que foram os EUA na história daquele momento maldito da humanidade. (Khalifa Reis, 26/08/2020)

Por outro lado, há aqueles que afirmam a existência de uma conspiração, caracterizada como uma, suposta, “ditadura da toga”, atribuída ao Supremo Tribunal Federal, que teria como objetivo o controle Brasil:

Se o exército entra em cena acabava essa putaria do congresso, Senado e STF (CRITICANDO MORTADELAS NEWS, 11/10/2020)

hoje 30/08/2020 a única solução para o Brasil é o fechamento do S.T.F , Congresso Nacional, e prisão de todos os corruptos. o Brasil não é uma democracia, e beira o autoritarismo Judicial de Advogados Togados, indicados por políticos esquerdistas. o Verde Oliva Amarelou, e o Povo é refém do Sistema que é composto pela mídia de esquerda e políticos corruptos. (Jair Stefano, 30/08/2020)

Incrível, pena que os alienados pela esquerda que fingi lutar pelo povo não acordam. Eles acreditam piamente que esses sistemas falidos querem o bem, quando na verdade comunismo e socialismo são "bonitos " só no papel. É inacreditável que querem mesmo que um prisioneiro solto pela ditadura da toga advogados que nem concurso para Juiz conseguiram, volte para implantar um sistema onde o Rico cada vez mais Rico enquanto o povo querem mesmo ignorantes e manipuláveis. Vocês demais, gratidão imensa. Nem um mal dura para sempre, eles não de cair. O que falta na nossa sociedade é respeito, não é direita nem esquerda, RESPEITO que nossa espécie ainda não aprendeu em séculos, tem se tornado artigo de luxo. Só orando muito emanando amor e luz aos corações e ao planeta. (Raquel Tañi, 12/08/2021)

Não teve golpe militar o que teve foi golpe da esquerda e assim está caminhando barroso isso é STF Rodrigo Maia Davi Aucolumbri Lula Gilmar Mendes Lewandowski Carmen Lúcia barroso Alexandre Moraes toffilis Rosa Walber faquim. Querem dá golpe. (jose cosme, 30/07/2021)

Nos dias de hoje a democracia está ameaçada, pelo STF e os comunistas! (Marco Mendes, 24/07/2022)

Ditadura é o que estamos vivendo hoje.
Não podemos falar a verdade que somos bloqueados. STF MANDANDO PRENDER QUEM FALA A VERDADE.
GOLPE É O QUÊ OS ESQUERDISTAS ESTÃO QUERENDO FAZER PARA TOMAR O PODER.

. (Rosa Izabel Ajala, 11/01/2022)

Também são recorrentes comentários que estabelecem paralelos entre os problemas e as circunstâncias do período pré-ditadura – a iminência de um golpe comunista, ou a prevalência de suas ideias – e os Governo Dilma e a volta de Lula no poder:

Excelente!!! Ditadura comunista nunca mais!!! Fora PT e seus adeptos malditos!!! (GIZELLE SCHOBER, 17/11/2019)

Lula, Dilma e toda calhorda do PT estava seguindo à risca o Gramscismo. Onde pervertia, manipulava e escravizava ideologicamente toda sociedade pelos meios culturais. E o pior, de uma forma alienada que quem era envolvido não conseguia perceber que era um comunista inconsciente. (Olavo GCN, 30/05/2019)

No livro 1984 de George Orwell, fala muito bem que Governos ditatoriais muda a história do passado. Foi isso que o PT fez (1Reviravolta NOTEMPO, 15/05/2019)

Show esse documentário !!!! Muito bom !!!! Como pode "Dilma", ter sido presidente !!! Absurdo!!!! Não havia nenhum político pra falar e se pronunciar contra, mostrando a verdade que esses comunistas desejam e fazem e querem??? (Fabiano Ribeiro, 08/09/2020)

Além disso, há os comentários sobre a Ditadura Militar, pró ou contrários, que recorrem a fatos da época ou questões anedóticas, para justificar o documentário em si:

uma mentira repetida muitas vezes virá verdade, golpes militares financiados e apoiados pelos Estados Unidos, 20 anos de torturas, assassinatos e rasgada a constituição, filme fascista. (paulo viana, 14/07/2019)

Agora sim temos um documentário só quem viveu estes tempos sabe é preciso levar tudo isso ao conhecimento dos nossos jovens, e vejo que a máquina comunista está aí tentando se reorganizar pq eles conseguiram eleger um presidente comunista que depenou o Brasil e por pouco muito pouco o Brasil se tornou um país comunista, as células comunistas estão se reorganizando que Deus nos proteja. (Eduardo Borges, 09/07/2019)

Simplesmente demais, parabéns aos autores e produtores e toda equipe dessa obra que aliás foi o melhor filme de nação que eu já assisti. Já imaginava algo disso, e graças a Deus tenho certeza que com base nos meus valores de casa, a minha família pais e avós foram parte dos heróis da Direita, parte dos militares e parte da Ditadura militar de intervenções necessárias. Obrigado por abrir mais ainda nossos olhos. PT MST PC do B Jamais. Viva direita dos valores da família e da paz. Zero a anistia dos corruptos opressores assassinos e torturadores. Brasil cima de tudo e Deus acima de todos ! (Segurança dos Reis, 18/05/2019)

Bom Noite. Parabéns por trazer à tona a realidade dos fatos de nossa história, deturpados sistematicamente. Me lembro da renúncia do Jânio Quadros, 7 meses de governo. Seu vice, que era do PTB, era não muito confiável, uma vez que o PTB da época se assemelhava ao PT e partidos afiliados de hoje. Na renúncia, Jango como era chamado, se encontrava na China Comunista, país inexpressivo na época. Jango era cunhado de Leonel Brizola, então deputado federal pelo RS. Jango voltou ao Brasil, numa engenhosa manobra, e assumiu a Presidência da República. Foi um governo muito conturbado, por suas idéias e por seus assessores, ministros, etc.Me lembro que no Natal de 1964, um Cônego católico capelão militar, da comunidade em que vivia, fez uma despedida, pois o Brasil caminhava para o regime comunista. No ano de 63 e 64, várias manifestações públicas da população, mostrava o descontentamento dos rumos que o Brasil tomava. Em 64, no famoso comício da Central do Brasil, o caldo entornou, me lembro do que foi dito, pois já cursava o primeiro ano do ginásio no Colégio Tiradentes da PMMG, onde nos eram passados os acontecimentos. Neste comício Brizola, Jango e mais alguns, propuseram

uma nova Assembléia Constituinte, para abordar temas de esquerda, uma reforma agrária radical, comitês populares, de camponeses, operários, praças das forças armadas, etc. E a 31 de março de 1964, Com os governadores dos 3 Estados mais importantes da União se rebelaram contra o governo do Jango, e grande parte das Forças Armadas, principalmente o Exército, deu-se o início ao Movimento Cívico Militar, que teve como desfecho a fuga do Jango e sua turma para o [Uruguai.Com](http://uruguai.com/) a vacância do cargo, pois já não se tinha vice presidente, o deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados assumiu o cargo, declarado vago em 2 de abril. Foi escolhido o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco como Presidente do Brasil, pondo fim ao risco de comunização do Brasil. Com a posse do José Sarney, como presidente do Brasil, após a morte do eleito Tancredo Neves, em 21 de abril de 1985, começou a desconstrução da verdadeira história, e a que hoje é contada, não condiz com a realidade. Quem viveu este período e é Patriota, concorda com estes fatos, que o documentário Brasil Paralelo narra. Eu sei porque vivi esta época. (jose silva silva, 09/03/2020)

Por outro lado, nesse mesmo tópico, há aqueles que mobilizam os fatos apresentados pelo documentário para justificar a existência da Ditadura Militar e do golpe de 1964:

Qual foi o melhor , nesses extremos:
"DITADURA MILITAR"?, que eu passei e não a senti como ditadura, continuei a minha vida familiar e profissional sem interferência de ninguém. Será que fui omissa? pode ser, como o foram a População, como um todo.
PT: que armou a População, em toda a
" ditadura militar", conseguindo fazer uma lavagem cerebral e criando uma POPULAÇÃO, dependente de uma ideologia com total enganação a liberdade de expressão.
O que acontecerá agora? Essa população, manipulada, sem diretriz própria, que teima em defender um Governo totalitário (petista) e que quer ser o verdadeiro ditador. (María Eugenia Artesana Parra, 30/08/2020)

O AI-5 foi necessário sim. Ou se montava um regime autoritário ou não se podia lutar contra os comunistas, estes são autoritários e impiedosos. Comunistas devem ser mortos. (Igor Neri, 27/08/2020)

nem ditadura nem golpe, intervenção militar
CUBA AQUI NÃO. (paulo dias fagundes, 30/06/2020)

Em toda a minha juventude eu tive a idéia de que o Regime Militar foi uma época "negra" na história brasileira . Ledo engano . Não fossem os militares , o Brasil seria uma segunda Cuba ou Venezuela . (José Maurício Gonzales Praxedes, 26/02/2020)

3.2.3. Dimensão Religiosa

A Dimensão Religiosa, para Rösen, insere-se na categoria de “salvação”. Entretanto, dentre os comentários analisados, essa dimensão também se manifesta de outra forma: a repetição da história. Os comentaristas identificam na atual vivência uma repetição de padrões da história, associados à corrupção ou à salvação do Brasil. Como é possível observar nas seguintes postagens:

estamos em 64 . rumo a repetição da nossa propria história . abre o olho meu povo . estão nos roubando dia apos dia e só intensifica . ja é tarde para livros (DeepingBr, 21/08/2019)

Eu vendo essa história se repetir com Bolsonaro. (Vigilante Leonardo Lima, 13/11/2020)

Esta história é muito semelhante com os dias atuais. Somos resultados desta historia. Fora comunismo. Parabéns à ótima produção do BP!!!! Ainda bem que o brasileiro tem vcs para desmentir o que nos foi mentido por decadas.(Marcelo Prado, 18/10/2021)

HJ ESTAMOS NAS MESMAS CONDIÇÕES DE 64 (Fernando Luís, 02/08/2021)

A História se repete. (Alaide Lopes, 22/12/2022)

como eu amo história, mesmo tendo q ver ela se repetindo... (hemy. boo, 29/05/2022)

Assim, nessa categoria, observa-se comentários que representam o governo Bolsonaro enquanto o salvador do Brasil:

EM 1985 ENTRA OS ESQUERDISTA E ESTÃO ATE 2018 ROUBANDO O BRASIL BOLSONARO É A SALVAÇÃO OU QUE VENHA DE NOVO UM REGIME MILITAR. (carlos alberto, 27/05/2019)

Em 2020 o perigo atormenta o Mundo. O Comunismo não desiste. agora só o Brasil Resiste a essa ameaça. EUA Nas Mãos dos Comunistas? qual será o futuro do Mundo? Dominação Comunista? (Jair Stefano, 09/11/2020)

Tudo aquilo que foi bom para o Brasil no Passado. Inclusive a "ditadura Militar" que noa foi ditadura e sim complô da esquerda bandida que nunca aceitou o CERTO. O CORRETO. O VERDADEIRO. O REAL. Tudo aquilo que Bolsonaro esta tentando fazer de bom e certo para o Brasil. A Esquerda Comunista nao quer. Mas deus esta fazendo a JUSTIÇA Divina para o Brasil Sabemos que nao vai durar muito. Mas muitas . Muitas pessoas inocentes precisam saber a verdade e se libertar dessa cegueira e lavagem cerebral que o comunismo esta fazendo e fez com o MUNDO> Que DEUS seja LOUVADO!!!! Bolsonaro_2022_2022 ou Outro homem de bem venha assumir o lugar dele. Mas esquerdopata nao. FORA PT!!!! (Maxwell Firmino, 24/03/2021)

Da mesma forma, há comentários que expressam a ideia de uma necessidade de intervenção militar como meio de salvar o Brasil contemporâneo:

O Brasil precisa de uma intervenção militar urgente gerais acorden fachina geral nos três poderes (Baltazar Vilas Boas, 05/07/2019)

Intervenção militar já 142 que não cometam os erros do passado .esse BRASIL vai ser bem diferente ! (rogerio oliveira, 25/04/2021)

Hj só as FFAA junto com JB, sairemos dessa situação , nossa única saída novamente (Guida :D, 19/03/2021)

Também há comentários que apontam uma suposta iminência de um golpe comunista, que ocorreria por conta de um novo governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores ou associado a ação de terceiro, como o STF:

Precisamos implementar o voto impresso e auditavel urgente para as eleições de 2022 ou sera tarde! O PT tomara o poder, e nossa democracia cairá em ruínas! A população brasileira precisa abrir os olhos conhecer a realidade e a verdade! Esta tudo sendo desenhado para que tomem o poder... tiraram o ladrao da cadeia, o inocentaram e o tornaram ficha limpa para concorrer à presidência... esta escancarado!!! Precisamos agir fortemente (Kely Messer, 17/07/2021)

Só eu ou alguém mais viu várias semelhanças nas imagens da época "pré ditadura militar" onde os que protestavam a favor da democracia, das famílias, dos valores cristãos, e contra o comunismo, protestavam de forma mais pacífica, e os que eram a favor da esquerda, comunismo e etc, faziam bagunça, quebravam tudo, exatamente ao que temos visto hoje e nos últimos 2 anos, desde que conseguimos tirar a esquerda da presidência... (Davidson Lima, 25/10/2020)

58 anos depois, a história se repete. A diferença é q dessa vez a imprensa apoia o comunismo, o congresso se acovardou e o exército se isentou.

Dessa vez, o comunismo venceu. E nos próximos anos veremos seus resultados. (Daniele Bagagim, 25/11/2022)

Já na posição mais próxima às ideias de Rusen, observa-se, dentro dessa dimensão, a ideia de que os militares teriam salvo o Brasil com o golpe de 1964 e, posteriormente, com o combate ao comunismo:

Salve 31 de março de 1964 !
Obrigado exercíto brasileiro, por atenderem o anseio do povo, qual foram às ruas e clamaram por uma intervenção contra os comunistas.
Graças a essa ação, o Brasil não virou uma Cuba.
 (Paulo Roberto Angelus, 02/04/2019)

SALVE PARA TODO O SEMPRE A CONTRA REVOLUÇÃO REDENTORA do Dia 31 de MARÇO DE 1964. PT e COMUNISMO NUNCA MAIS. (Antonio da Silva Ortega, 02/04/2019)

DEVEMOS NOSSA LIBERDADE AOS MILITARES DE 64...FORA LIXOS TERRORISTAS COMUNISTAS (Damadrugada damadrugada, 30/12/2019)

O Brasil foi salvo em 64 das mãos de assassinos e ditadoresPois se não fosse os militares o Brasil hoje seria uma Cuba ou Venezuela em pobreza e extrema miséria (Alexandro Fernandes, 03/09/2019)

3.2.4. *Dimensão Estética*

A Dimensão Estética, na teoria de Rüsen, está vinculada a uma visão artística que na História manifesta-se por meio da narrativa, isto é, na forma com que a história é contada. Essa dimensão nos comentários analisados aparece como uma reivindicação da

narrativa, ou seja, quão bem produzido é o documentário e como a sua história foi construída. Por essa razão, essa dimensão está presente de maneira exacerbada nas outras dimensões, principalmente na política e cognitiva.

Ao mesmo tempo, nesta etapa da pesquisa, foi necessário adotarmos o sentido mais amplo de “estética”. Dessa forma, consideramos também os comentários que apresentam um juízo valorativo da obra, ou seja, aqueles que expressam o “belo”, “feio”, “sublime” e tantas outras características associadas às qualidades estéticas de uma obra. Em outras palavras, passam igualmente a ser levados em conta as publicações que destacam as qualidades estéticas do documentário ou as experiências estéticas suscitadas por ele.

Assim, identificamos postagens que operam como confirmação da narrativa apresentada pelo documentário, reiterando seus argumentos:

Salve 31 de março de 1964!
Obrigado exercíto brasileiro, por atenderem o anseio do povo, qual foram às ruas e clamaram por uma intervenção contra os comunistas.
Graças a essa ação, o Brasil não virou uma Cuba.
 (Paulo Roberto Angelus, 02/04/2019)

Ansioso! Quando a crítica à censura gera censura; quando a verdade confronta a mentira a tanto tempo ensinada como verdade; não resta outra saída: ignorar e seguir em frente e que a verdade e mentira sejam expostas, a escolha final precisa ser feita mediante exposição das principais vertentes. Já conhecemos uma, queremos conhecer a outra. Porque querem nos negar essa opção?! Bravo!! Brasil Paralelo! (Mecânica Descomplicada Máquina de Costura, 02/04/2019)

Resumo da História: Os Militares são os maiores culpados de hoje 90% dos alunos universitários serem de esquerda ou neutros.
São os maiores culpados de hoje sermos um país miserável que prega o comunismo independente de partido político. (Brasileiro Médio, 28/12/2019)

Resumo do regime militar: Os Militares venceram os comunistas no campo bélico mas perderam no campo ideológico.(Brasileiro Médio, 28/12/2019)

De forma similar, há aqueles que formulam críticas à narrativa do documentário e à sua forma:

Narrativa enviesada pra fazer com que o golpe fosse algo pra salvar o Brasil...kkkkkkkkkk de resto tudo que foi dito ai esta nos livros, nada de novo!!! (FANTASMA COMUNISTA, 24/04/2019)

Hahahahaha GRANDES historiadores... Sério q isso é novidade?? Óbvio q teve intenção comunista no Brasil pq no mundo TD teve divisão de interesses, liberais, comunistas e facistas. E ainda bem q teve trabalhador resolveu se coçar ao invés de ficar aturando patrão coxinha feito vcs. Um quer explorar o outro quer liberdade. Eu fico ao lado do trabalhador. Documentário pobre de informação. (Dicotomia, 22/04/2019)

Morri de ri colocando um monte de ze bosta comunista mais sangrentos que os militarismo kkkkkkkkkkk que lavagem cerebral podre. Explorar as mortes feitos por militantes 📖 explorar as mortes feitos pelo regime 🇧🇷(S M, 26/11/2019)

Brasil Paralelo, imenso prazer em conhecer seu projeto. = Inscrito, curtido e compartilhado. Sino ativado. Parabéns. - Após 1 hora de 30 minutos, pensei: "Poxa vida! Isso está se tornando muito retórico, visão unilateral e coisas e tal...!" - Creio que para ter sido um documentário realmente grandioso, faltaram depoimentos em defesa dos fatos narrados, na mesma proporção de tempo dispensada aos depoentes para depoentes do outro lado do debate. Pois ficou descompensado apenas um depoimento breve do Fernando Gabeira. Afinal a verdade é um prisma observada por várias perspectivas, e o documentário prismou meio caolho. Entendeu? - Abraços (Cleber França, 01/09/2019)

Resumo deste filme de propaganda (não pode ser considerado documentário): um bocado de homem branco, rico, cozinha e reacionário dando suas versões pintando os militares como revolucionários, "ditabrando", que defenderam as bases da "civilização ocidental, cristã, capitalista" (além de racista, escravocrata, patriarcal, misógina, fundamentalista religiosa e de mercado e que enriquece poucos através do trabalho de muitos) contra a esquerda terrorista e malvada (não que eu negue que parte da esquerda era tão violenta quanto os militares no poder, o que é falseado pelo Brasil Paralelo). O terrorismo, a perseguição, a falta de liberdade e de direitos, a censura e outras "cositas" mais dos militares são quase que desculpados (apesar de leves críticas feitas pelos "ilustres" entrevistados à ditadura. Se pesquisadores sobre esse período tivessem sido entrevistados esse documentário seria bem diferente do que foi). A "prova" de que João Goulart acabaria com a democracia e daria o golpe é a fé e a fantasia dos entrevistados nisso. Já o golpe de fato dos militares é justificado para preservar a democracia, mesmo que acabasse com a democracia, que era aquilo que eles temiam que Goulart fizesse. E o documentário ainda acaba dizendo que a história tem que ser a busca da verdade, quando tudo o que o Brasil Paralelo fez foi mentir e distorcer. Mas, parabéns, em tempos de desinformação e fake news, esse documentário vagabundo vai ser usado como bíblia por gente preguiçosa que acredita em qualquer coisa. (Renilson Jr, 05/12/2020)

De modo semelhante, há os comentários que apresentam o documentário como confirmação de uma “história anterior”, geralmente transmitida pelos avós ou pais, vinculando a narrativa fílmica a memórias familiares ou a experiências pessoais:

Bom dia
Ótimo trabalho, isento de partidarismo, uma visão muito boa da situação internacional, antes de 1964, e durante o período militar, porem notei que falta um enfoque do ponto de vista do povo. Porem quando falo do povo falo daquela parcela da população, que nao estava no cerne dos acontecimentos, que morava no interior e seguia os noticiários da epoca, nao tinha influencia nos acontecimentos, mas era levado pelo acontecimentos sem ter qualquer influencia nos mesmos, lembrando que esta sim, a maior parcela da população, como exemplo, temos uma analogia o personagem principal do medico no filme Dr Zhivago, onde a personagem tem como fundo a revolução russa. Eu era adolescente na época de Juscelino, estava no exercito em 1964, morava na cidade de Santa Maria ,e vivenciei todos estes acontecimentos, já que sempre me mantive informado, e atualizado nos acontecimentos da política brasileira e mundial. (Jurandir Feijó, 18/05/2019)

Meus pais sempre falou que Lula e Brizola era e é comunistas. Parabéns pelos o documentário parabéns . (André Menezês, 05/05/2019)

Meu pai era da Marinha na época da Ditadura. Um almirante para quem eles denunciavam quando outro Almirante levava prisioneiros políticos em alto mar, peitava o outro, dando contra ordem, mandando levar os prisioneiros para terra firme em segurança os prisioneiros políticos. Ele foi assassinado em um acidente automobilístico simulado, causado por outro carro. Meu pai e outros colegas de farda só conversavam esse tipo de coisas com colegas de farda confiáveis. Fiquei sabendo porque era criança e achavam que eu não conseguiria entender. Na ditadura militar tem muito mais mortes que as oficiais, já que os mortos denunciados pelos próprios familiares, pro ditadura, ninguém deu queixa do desaparecimento. Com certeza muitos prisioneiros políticos viraram comida de peixe e hoje o cálcio de seus ossos, são conchas de mariscos. Vocês destacam as ditaduras comunistas, mas as de direita são igualmente infernais. Ditaduras de direita e esquerda, são psicopatas no poder, farinha do mesmo saco. É só estudar mais a fundo as ditaduras militares no continente Americano e no mundo, onde até hoje não sabemos a extensão total dos crimes, já que poucos foram testemunhas e quem soube e não concordou, tem medo de abrir a boca. Está cheio de militares que desenvolveram transtornos mentais porque cumpriram ordens criminosas ou porque se calaram e deixaram acontecer por medo. O "Cabo" Anselmo, à mando da ditadura militar, fazia novatos militares terem ideias subversivas e os denunciava para ditadura, para mostrar serviço. Os militares que conheciam o Anselmo, que nem para cabo tinha capacidade de ser, os desmascararam e a Marinha tirou a maçã podre que ele era e o escuraçaram da Marinha. Em seguida, ele foi para o Araguaia recrutar jovens ingênuos para fazer terem ideias comunistas e de guerrilha para ele poder mostrar serviço para o governo militar. Esquerda e direita manipulam o pobre povo para tomar o poder, é nojento como corruptos psicopatas esfomeados por poder e corrupção fazem e dizem qualquer coisa para subjulgar o povo e roubar o dinheiro do seu país. O Figueiredo mesmo disse que não via nada além de corrupção na ditadura e não via nada além de corrupção e achava que o país era era ingovernável sem o AI-5. Vocês recriminarem a retirada do governo federal do Rio de Janeiro, demonstra falta de conhecimento estratégico Militar. Brasília fica longe do litoral e antes de um país inimigo conseguir atingir o governo federal, tem que passar por várias unidades das forças armadas que podem interceptar mísseis, aviões e tropas terrestres. No Rio de Janeiro, nossos parlamentares e governantes poderiam facilmente serem mortos ao mesmo tempo e facilmente por militares inimigos por navios, submarinos e caças. Não se esqueçam que na época, a tecnologia militar era precária, não tinham a tecnologia que existe hoje, que rastreio navios, caças, submarinos e qualquer coisa estranha que ameace. Quem protege e coordena um país em que todos os governantes são mortos nos primeiros ataques inimigos. Imagine se o presidente da Ucrânia e todos os que coordenam o país, tivessem sido mortos no primeiro ataque soviético pelo litoral. Pensem um pouquinho, não sou à favor dos gananciosos da esquerda e nem da direita, todos são a mesma merda, mentindo e esmagando o povo. (Simone Silva, 13/06/2022)

Também se identificam comentários que consistem em apreciações da qualidade e experiências estética da obra:

Uma incrível aula de história, em breve verei novamente (Nathalia Cgomes, 25/06/2019)

Uma verdadeira super-produção - nossa história, emocionante!!! (Alex Jr., 21/06/2019)

Pqp, esse foi o documentário mais foda sobre história e política brasileira q já.
(Douglas Nascimento, 21/06/2019)

Por fim, há comentários de caráter elogioso ou crítico a produção do documentário, a sua sonoplastia, ao uso de imagens e outros recursos técnicos:

O documentário é ótimo só senti falta da legenda na língua inglesa. Meu marido é inglês adora história entende um pouco da língua Portuguesa, mas não conseguiu acompanhar 100% do documentário. Tenho outros amigos que também adorariam assistir. Parabéns pelo trabalho! (Renata Alves, 22/04/2019)

Eu não gostei muito dos efeitos visuais e sonoros usados toda vez que comunismo é mencionado e a música do começo do golpe. Independente dessas coisas serem ruins ou não, esse é um artifício barato para passar essa mensagem. (Rodrigo Costa, 05/08/2019)

Ótimo documentário! Parabéns! Finalmente algo verdadeiro em ensino de história. Só uma crítica e sugestão, a música de fundo apesar de ser boa, é muito alta e contínua, e faz o vídeo ficar cansativo. Queria ver uma versão com a música mais baixa e/ou intercalada. (Alan Scott, 12/07/2020)

Quando produzirem um filme, principalmente documentário, põe o fundo musical - nessa caso hiper dramático - mais baixo (menos volume) que a fala dos entrevistados. Aqui ele não esta apenas incomodando absurdamente como, também, tira a atenção e compromete a capacidade de julgamento sobre o que está sendo exposto. Sejam mais imparciais e ativamente filosóficos - a História não é um filme da marvel. sugiro a leitura da obra de marx, engels, lukács antes ou depois de ver esta peça. um abraço. (Pc Lamar, 06/05/2020)

Grande filme. Fiel à história, até onde a conheço. Sugestão para o próximo filme. Diminuir o volume da música de fundo que atrapalha o entendimento da narração. Obrigado. (José Abrahão Kallás Neto, 26/04/2021)

3.2.5. *Dimensão Moral*

A Dimensão Moral expressa julgamentos de natureza moral ou ética sobre o passado, ou, no caso específico deste trabalho, do documentário. Nesse sentido, algumas questões já foram discutidas anteriormente, como o uso das fontes pelo documentário, críticas aos seus entrevistados e outras questões dessa mesma magnitude. Assim, o que falta para explicarmos dessa dimensão está relacionado com questões como o anticomunismo e as reações à Ditadura Militar.

Assim, teremos dois tipos de comentários principais próprios à dimensão moral. Sendo aqueles que querem vilanizar a esquerda ou os comunistas, expondo ideias como: a esquerda/os comunistas deveriam morrer, são bandidos, bem como os que implicam

culpa à esquerda por aquilo que ocorreu durante a ditadura, etc. Como podemos ver nas seguintes postagens:

Meu desejo é que todos os brasileiros vejam este documentário. Para que essa ditadura petista e de seus aceclas sejam desmascarados. Na mente de alguns estes bandidos são santinhos. Quando na verdade são terroristas bandidos! (Sandra Valeria, 30/04/2019)

A ditadura falhou quando não matou esses fdp. E ainda deram anistia. Este foi o grande erro. (FAÇA VOCÊ MESMO!!, 02/12/2019)

Dilma Lula brizola.jose jenuino e outros tinham que ser fuzilados.olha a merda o que fizeram no Brasil. (Edenilso Wolinger, 23/11/2019)

Pena que não teve a "Guerra Civil"... poderiam nos ter livrado da maioria desses comunistas MALDITOS... paredão é o que merecem... (João Carlos Leme, 18/11/2020)

O maldito lixo comunista .. Deveriam ter sido exterminados ...viva o grande herói USTRA o terror dos verme comunistas (Odirlei figur figur Figur, 10/09/2020)

Por fim, observa-se uma visão meramente moral em relação à Ditadura Militar, na qual o período é avaliado de forma dicotômica, ou seja, que a ditadura foi boa ou ruim:

DITADURA NUNCA MAIS! (Deli Abade, 18/11/2019)

Entre a ditadura militar e uma ditadura de esquerda fico com os militares. (Tomael Gameplays e Lives, 30/12/2019)

O REGIME MILITAR SÓ ERA RUIM PRA VAGABUNDO.
FOI A MELHOR ÉPOCA POIS HAVIA RESPEITO DE UMA FORMA GERAL.
ALUNO RESPEITAVA OS PROFESSORES E OS PROFESSORES NAO ERAM MILITANTES.
CADA FAZIA A SUA PARTE SEM FAZER APOLOGIA. (Silvestre Luna, 07/12/2020)

Salve 64. (William Sampaio, 01/12/2020)

Na época do regime militar vivíamos muito bem nessa época sem nenhum probleminha meus avós e pais e eu criança adorava viver de forma tranquila, as pessoas eram mais CORTÊS uma com as outras. (AQUAPEIXE SAPIEN, 10/01/2020)

Não existe "boa ditadura". Nem de esquerda nem de direita... Viva a democracia! (Julio Cesar de Oliveira Silva, 13/03/2021)

Ou ainda comentários que julgam outros eventos da história brasileira ou mundial:

Assisti essa semana o doc A Última Cruzada de vcs e hj assisti esse filme e fico cada vez mais com um nó na garganta. Tanto tempo, 500 anos de história e giramos, giramos, giramos e nao saímos do lugar por não aprender com a história. Vira e mexe os mesmo artificios são usados contra nosso país e sua

democracia e ficamos inertes por pura memória curta e mentiras sórdidas sobre nossa história. Não desistam, trabalho é de formiguinha, mas chegaremos lá. Brasil acima de tudo! (Verena Costa, 30/12/2019)

Em Portugal, de 1974 até 1990, o partido comunista era financiado pela união soviética. Denúncia foi feita pela própria união soviética, durante a década de 90. Sarracenos COMUNAS! LOUCOS! HIPÓCRITA IDEOLOGIA CRUEL... (João V, 18/11/2020)

Infelizmente os EUA nao usaram a ameaça,da força que tinham pela bomba atômica ,p atemorizar a Rússia . Eles-Russos-só a possuiriam em 1949 (jesus mariajose, 06/06/2022)

3.3. Um Balanço possível

Embora não seja o objetivo deste trabalho observar as relações de conformidade entre o documentário e os comentários, contrapô-los pode nos trazer novas formas de compreender como o público, ou melhor, os comentadores, apreende a obra. A comparação entre o documentário *1964: Entre Armas e Livros* e as publicações em sua página no *YouTube* evidencia uma relação direta entre a narrativa proposta pela obra e as formas de apropriação do passado manifestadas pelos espectadores. Dessa forma, observaremos cada dimensão, identificando as diferenças e similitudes entre o documentário e os comentários.

No documentário, a dimensão cognitiva é marcada por uma seleção de fontes e fundamentação teórica seletiva. Embora a obra reivindique originalidade e compromisso com a verdade histórica, os seus argumentos se apoiam majoritariamente em um conjunto restrito de fontes, sobretudo o livro *1964: O elo perdido*, além de entrevistas com indivíduos alinhados à perspectiva de direita. O documentário evita o debate historiográfico e apresenta sua narrativa como a “verdade” definitiva sobre o período, recorrendo a anedotas, hipóteses e suposições sem referência bibliográfica clara.

Já nos comentários, essa fragilidade não apenas se mantém, como é reproduzida e reforçada. A categoria “Discussão histórica”, embora numericamente expressiva, revela que a maior parte das postagens classificadas como históricos não problematizam fontes, métodos ou interpretações. Em vez disso, os usuários tendem a reafirmar que o documentário “mostra a verdade”, utilizar o filme como prova histórica suficiente e rejeitar críticas de terceiros, principalmente aqueles que, supostamente, são de outra ideologia política.

Assim, observa-se que a recepção, em sua grande parte, não amplia a dimensão cognitiva da narrativa, mas a transforma em um saber confirmatório, no qual o

documentário funciona como autoridade histórica final, isto é, conduz a uma aceitação acrítica do documentário. Somente havendo a dissonância em casos de oposição do documentário – pessoas que apontam os erros ou são politicamente contrárias às ideias ali expostas – ou em relação às fontes principais da obra.

Dentro da dimensão estética, observamos que o documentário constrói sua narrativa por meio de uma estética fortemente polarizada, utilizando cores, trilhas sonoras, dicotomias simbólicas (EUA e URSS, comunismo e capitalismo, militares e terroristas) e uma montagem que opõe claramente heróis e vilões. Essa estética não é neutra: ela atua como mecanismo de orientação do sentido histórico.

Por sua vez, nos comentários a estética não é analisada tecnicamente, mas aparece de forma afetiva e experiencial. Muitos usuários destacam que o documentário é “impactante” ou “emocionante”, revelando que a dimensão estética cumpriu seu papel de mobilizar emoções. Além disso, elogios à produção frequentemente aparecem associados à ideia de que o filme “mostra a verdade”, essa verdade que corrobora com experiências anteriores à obra.

Na Dimensão Política, o documentário tem como estratégia articular passado e presente. A obra sustenta a tese de que o golpe de 1964 foi uma reação necessária e que a chamada “Guerra Cultural” iniciada naquele período permanece ativa. Dessa forma, o passado é mobilizado como chave explicativa e justificadora do presente.

Nos comentários, essa dimensão política aparece de maneira ainda mais explícita. Os dados quantitativos mostram que a maioria das postagens se insere em categorias relacionadas à política contemporânea. Os usuários, por sua vez, estabelecem paralelos diretos entre 1964 e o cenário político atual, identificam inimigos políticos contemporâneos como herdeiros de um “comunismo histórico” (brasileiro ou global) e utilizam a narrativa do documentário para legitimar posições ideológicas no presente.

Nesse sentido, o documentário funciona como gatilho interpretativo, enquanto as postagens representam a operacionalização prática dessa interpretação. Essa estratégia política do documentário é plenamente assimilada pelos comentários, que transformam a narrativa histórica em instrumento de posicionamento político atual, basicamente as manifestações pedem um retorno do que o documentário exemplifica como o bom, ou aquilo que luta contra o mal.

A Dimensão Moral, por sua vez, apresenta um julgamento implícito (no documentário) para à condenação explícita (nos comentários). Isto é, a análise do documentário demonstra que ele constrói julgamentos morais claros, ainda que muitas

vezes implícitos: comunistas aparecem associados ao mal, à corrupção e à destruição cultural, enquanto os capitalistas e seus aliados (os militares) são apresentados como o bem, agentes de contenção e ordem.

Nos comentários, essa dimensão moral é radicalizada. Os usuários frequentemente utilizam a história para julgar não apenas o passado, mas também pessoas, grupos e instituições do presente. Termos como “traidores”, “bandidos” ou “corruptos” são empregados de forma indiscriminada para caracterizar adversários políticos e intelectuais, chegando ao ápice de desejar morte aos seus oponentes. Assim, o passado narrado pelo documentário torna-se um tribunal moral, no qual a história serve para legitimar condenações éticas no presente, de tal forma que esse julgamento moral da obra é intensificado na recepção, assumindo formas mais diretas e agressivas.

De maneira similar temos a Dimensão Religiosa, que embora o documentário não adote um discurso religioso explícito, a obra mobiliza uma visão de mundo marcada pela defesa da civilização ocidental, da tradição e da ideia de decadência cultural. Além disso, a narrativa cria uma estrutura que caracteriza o golpe de 1964 e a atuação dos militares como a salvação da pátria brasileira.

Por sua vez, nos comentários essa dimensão torna-se mais visível. Muitos usuários recorrem a noções de salvação nacional, corrupção moral e batalha entre o bem e o mal, associando o combate ao comunismo a uma cruzada moderna, em que figuras como ex-presidentes e partidos políticos são os fiéis de sua guerra santa.

Assim, a dimensão religiosa do documentário, que se apresenta numa intervenção momentânea, é plenamente atualizada nas postagens, reforçando uma leitura messiânica da história e a necessidade de uma salvação no presente, ou num futuro próximo.

Dessa forma, podemos evidenciar que a obra não apenas comunica uma interpretação do passado, mas que é amplamente assimilada por seu público. As dimensões política, moral e estética estruturam a narrativa do documentário e encontram, na recepção, um terreno fértil para sua reprodução e intensificação. As publicações demonstram que o público compreende o documentário menos como uma interpretação histórica passível de debate e mais como uma revelação da verdade, utilizando-o como referência para orientar julgamentos, ações e posicionamentos no presente.

Em síntese, este capítulo demonstrou que a recepção digital do documentário não se limita à assimilação passiva de sua narrativa, mas constitui espaço ativo de apreensão e produção de sentidos. A análise das cinco dimensões da cultura histórica

evidenciou a predominância de uma orientação exemplar, na qual o passado da Ditadura Militar é mobilizado como lição, advertência e fundamento simbólico para posicionamentos no presente, e articulações para um futuro. Observou-se ainda que o ambiente digital favorece a intensificação dessas interpretações, por meio de dinâmicas de polarização, repetição argumentativa e performatividade discursiva, o que contribui para estabilizar determinadas leituras e marginalizar perspectivas críticas ou geneticamente orientadas. Assim, o capítulo reafirma que a disputa em torno da memória da Ditadura Militar ultrapassa o campo acadêmico e se desenvolve intensamente nas plataformas digitais, onde narrativa, identidade e projeto político se entrelaçam na conformação da cultura histórica contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu de uma inquietação fundamental: compreender como a Ditadura Militar brasileira vem sendo reconstruída no presente por meio de um produto audiovisual de circulação digital. A partir da articulação entre a análise da produção, da obra e da recepção (fundamentada em Douglas Kellner) e das dimensões da Cultura Histórica (propostas por Jörn Rüsen), foi analisado o documentário *1964 - Brasil Entre Armas e Livros* (2019), produzido pela Brasil Paralelo. Essa combinação permitiu não apenas examinar uma narrativa histórica, mas compreender um fenômeno mais amplo: a construção de um passado.

A investigação demonstrou que o documentário não constitui apenas uma obra audiovisual sobre o golpe de 1964, mas um dispositivo de produção de um determinado conhecimento histórico que interfere com a CH. Ao articular elementos estéticos, cognitivos, políticos, morais e religiosos (conforme proposto por Rüsen) a obra estrutura uma interpretação do golpe militar que se distancia da historiografia acadêmica e se ancora em uma matriz conservadora, anticomunista e negacionista.

Identifica-se, na narrativa do documentário — e de maneira ainda mais evidente em sua recepção — a predominância de uma história de caráter exemplar. O passado é mobilizado como fonte de lições para o presente e o futuro. Isto é, ela converge para a construção de um horizonte no qual os acontecimentos são organizados como um alerta: uma história educacional que transforma a experiência histórica em modelo do que deve ser evitado ou combatido no tempo presente e no futuro.

Essa narrativa se destaca quando olhamos para as dimensões do documentário e percebemos a tentativa de criar uma autoridade própria, derivada do seu uso de argumentos que, supostamente, superam a narrativa histórica científica. Embora mobilize entrevistas, dados e referências bibliográficas, o filme não estabelece diálogo com o debate historiográfico consolidado sobre a Ditadura Militar brasileira. A autoridade é construída menos pelo confronto crítico de interpretações e mais pela encenação de legitimidade, por meio da presença de “especialistas” alinhados ideologicamente com a Nova Direita, ou a extrema direita, da estética séria de um documentário e da afirmação de que estaria sendo revelada uma “história ocultada”. Assim, o efeito de verdade produzido pelo documentário está ancorado mais na sua forma narrativa do que na problematização epistemológica. Esse cenário é construído na dimensão cognitiva do filme.

Podemos ver um alinhamento parecido nas demais dimensões da CH presentes no filme. A dimensão estética revelou-se elemento estruturante da experiência narrativa, pois a montagem do filme traz essa experiência não só de maneira textual, mas principalmente visual, criando uma estética politizada para a produção. Assim, a obra alterna imagens de tensão, trilhas sonoras dramáticas e enquadramentos que constroem antagonismos claros entre bem e mal. Essa organização formal não apenas ilustra argumentos, mas guia o público a um fim. O comunismo é representado como força desestabilizadora e contínua, enquanto a intervenção militar é enquadrada como resposta necessária diante de um cenário de colapso iminente. A estética, portanto, atua como mediadora das dimensões cognitiva, política, moral e religiosa, reforçando o sentido exemplar da história.

Na dimensão política, o documentário estabelece uma ponte explícita entre passado e presente, transformando o contexto em que o golpe de 1964 se insere em chave interpretativa para o Brasil contemporâneo. O golpe é reinterpretado como momento de defesa nacional contra um processo revolucionário que, segundo a película, não teria se encerrado, continuando em forma de uma Guerra Cultural. Assim, esses elementos dão legitimidade à narrativa, a uma história que cria um inimigo permanente, ao mesmo tempo em que justifica as ações autoritárias do passado e a sua necessidade no presente e no futuro.

Já a dimensão moral atravessa toda a produção, organizando o campo histórico em termos de culpa. A esquerda é associada à subversão e à ameaça institucional. Os militares, por sua vez, à preservação da ordem. Essa estrutura produz julgamentos assimétricos e um enquadramento no qual a violência de Estado é relativizada diante de uma ameaça maior.

A dimensão religiosa, ainda que implícita, manifesta-se na evocação da defesa da civilização cristã, ocidental e na formulação de um horizonte de expectativa no qual haverá uma regeneração nacional. O enredo aponta uma ideia de salvação, que ocorre somente por meio de uma intervenção militar contra os comunistas, de forma que haveria, segundo o documentário, um iminente perigo comunista por todo o Brasil, não só no passado, mas no presente.

Contudo, a análise não se encerrou na obra. Ao examinar mais de 77 mil comentários na plataforma *YouTube*, verificou-se que a recepção não apenas assimila a narrativa proposta, mas a intensifica, a ressignifica, a recontextualiza, a remodela, a seleciona, a reinterpreta, a disputa e a projeta. As postagens revelam a consolidação de

uma história marcada por forte orientação política, por julgamentos morais explícitos e por uma leitura do passado como instrumento de legitimação do presente, ao mesmo tempo em que as disputas do presente influenciam a forma como o passado é interpretado. Nesse processo, passado e presente passam a se entrelaçar, e a memória é constantemente mobilizada como instrumento de orientação política e afirmação identitária.

Já os comentários classificados como “Discussão Histórica” raramente apresentaram problematização de fontes ou questionamentos metodológicos. Em vez disso, o documentário foi frequentemente tratado como revelação da “verdade” ocultada pela academia, pela esquerda ou pela imprensa.

A convergência entre os achados do Capítulo 2 e do Capítulo 3 permite afirmar que a narrativa proposta pelo documentário encontra ampla correspondência em sua recepção. Não se trata de simples consumo passivo, mas de uma apropriação ativa que reforça e amplia os sentidos oferecidos pela obra, mas com seus contornos próprios.

É nesse ponto que se torna incontornável inserir o debate sobre História Pública. O documentário analisado atua claramente com o público, disputando autoridade sobre a interpretação do passado. Entretanto, seus procedimentos evidenciam uma tensão central no campo da História Pública contemporânea: a ampliação dos agentes produtores de narrativa histórica não implica, necessariamente, compromisso com os critérios de rigor, pluralidade interpretativa ou responsabilidade historiográfica.

A B.P. posiciona-se como contraponto à historiografia acadêmica, reivindicando para si a função de revelar versões silenciadas da história nacional. Se, por um lado, a produtora visa ampliar o acesso ao debate histórico por meio de formatos midiáticos e distribuição digital, por outro, tensiona os critérios de autoridade, rigor e responsabilidade historiográfica. Tal estratégia mobiliza um discurso típico de desconfiança institucional, no qual a academia aparece como espaço ideológico. Nesse cenário, a História Pública deixa de ser apenas mediação entre conhecimento histórico e sociedade e passa a constituir-se como arena de disputa por legitimidade epistemológica.

Essa convergência entre produção e público indica que o documentário funciona como catalisador de uma consciência histórica específica. Nesse contexto, o passado não opera como campo de debate, mas como recurso de estabilização em meio a um cenário de polarização política no presente. Assim, a narrativa mobilizada passa a funcionar como ponto de orientação para um futuro, sendo evocada como fundamento de uma suposta reconstrução ou “salvação” nacional.

Fica evidente que a disputa sobre a Ditadura Militar brasileira não se restringe ao campo acadêmico ou institucional, mas se desloca para o ambiente digital, onde produtos audiovisuais de grande circulação operam como agentes de formação de consciência histórica. A análise aqui feita evidencia que estamos diante de um processo no qual o passado recente é continuamente reconfigurado para orientar posicionamentos políticos conservadores e alinhados a leituras negacionistas e justificadoras da ditadura ainda no presente.

Assim, mais do que analisar um documentário específico, este trabalho contribui para a compreensão de um fenômeno estrutural: a reconfiguração da CH brasileira em meio à ascensão da Nova Direita, à “plataformização” da História e à crise de autoridade das instituições tradicionais de produção do saber, evidenciando como narrativas negacionistas não apenas circulam, mas são apropriadas, intensificadas e resignificadas em ecossistemas de engajamento de plataformas virtuais.

Entretanto, os próprios achados desta pesquisa indicam limites que precisam ser explicitados. Em primeiro lugar, a análise da recepção concentrou-se nos comentários disponíveis na plataforma *YouTube*, o que implica reconhecer que se trata de um recorte específico de público: indivíduos que optaram por comentar publicamente. Não se pode afirmar que tais manifestações representam a totalidade dos espectadores. Estudos futuros poderiam ampliar essa abordagem por meio de entrevistas, questionários ou análises etnográficas digitais que permitam compreender com maior profundidade os processos de interpretação individual.

Ademais, a análise de um volume tão expressivo de dados impôs desafios metodológicos que extrapolam os procedimentos tradicionais da pesquisa histórica. A necessidade de estabelecer critérios de categorização e leitura adequados ao tratamento de milhares de comentários exigiu a incorporação de métodos e estratégias analíticas que não fazem parte, de modo geral, da formação clássica do historiador. É possível supor que pesquisadores familiarizados com abordagens quantitativas ou com estudos de cultura digital disponham de outras ferramentas capazes de operar esse material de forma mais ágil ou sistemática, possivelmente alcançando resultados semelhantes por caminhos distintos. Ainda assim, o esforço analítico empreendido nesta pesquisa evidencia limites próprios do ambiente digital, tais como a recorrente repetição de argumentos, a dimensão performativa das interações e a escassa disposição para o debate aprofundado.

Outro ponto diz respeito às dimensões da CH, originalmente formuladas para contextos de formação histórica mais estruturados, mostram-se tensionadas pela fluidez, fragmentação e imediatismo característicos das interações digitais. Isto é, a aplicação desta tipologia mostrou-se produtiva para identificar a orientação predominante, mas também revelou a necessidade de aprofundar a discussão sobre como elas operam em ambientes digitais. Há, portanto, espaço para refinamento teórico na interface entre teoria da história e cultura digital.

Além disso, o estudo concentrou-se em um único produto audiovisual. Embora a escolha tenha permitido análise aprofundada, pesquisas comparativas envolvendo outros documentários, séries ou produções de diferentes matrizes ideológicas poderiam ampliar a compreensão das disputas contemporâneas pela memória da Ditadura Militar.

Essas limitações, longe de fragilizar o trabalho, apontam para as possibilidades de investigações que se abrem. Ao identificar a predominância de uma história exemplar na narrativa do documentário e em sua recepção, este estudo contribui para compreender de que modo o passado recente é mobilizado como recurso de orientação política e identitária. Mais do que uma discussão sobre fatos, trata-se de uma disputa sobre critérios de legitimidade, autoridade e pertencimento.

Se há uma conclusão mais ampla a extrair, é a de que a história da Ditadura Militar permanece como campo aberto de conflito. O passado não está encerrado; ele é continuamente atualizado, reinterpretado e instrumentalizado em função das tensões do presente. Diante desse cenário, o desafio historiográfico não se limita à produção de conhecimento rigoroso, mas envolve também a compreensão crítica das formas contemporâneas de circulação, mediação e recepção da história. Investigar como se forma a consciência histórica em ambientes digitais torna-se, portanto, tarefa central para os estudos históricos no século XXI.

É nesse horizonte que esta pesquisa se insere: não como ponto final de uma investigação, mas como etapa de um debate mais amplo sobre as transformações da cultura histórica brasileira em tempos de “plataformização”, polarização e disputas pelo passado.

FONTES

Filmografia

BRASIL PARALELO. **1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>>. Acesso em: 4 maio. 2024.

BRASIL PARALELO. **Brasil - A Última Cruzada | Episódios**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmryk9j>>. Acesso em: 25 abr. 2024.

BRASIL PARALELO, **Congresso Brasil Paralelo | Episódios**. Disponível em: <https://www.YouTube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP>. Acesso em: 4 maio. 2024.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos:

BRANDÃO, Silvia. Da Ditadura ao Tempo Presente: as máquinas de memória e deus efeitos contemporâneos. In: TELES, Edson; QUINALHA, Renan (org.). **Espectros da ditadura**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 58-81.

BUZALAF, Márcia Neme. A construção estereotipada do comunista na produção 1964 – o Brasil entre armas e livros. In: **Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, 2019, Londrina, PR. Anais do VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem [e do] IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina: [s. n.], 2019. p. 34-42.

BUZALAF, Márcia Neme. Revisionismo ou Negacionismo? A Ditadura Civil-militar no Filme “1964 – o Brasil entre armas e livros (2019)”. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 42., 2019, Belém, PA. DT4-CI: GP Cinema. [S. l.: s. n.], 2019. Tema: Fluxos comunicacionais e crise da democracia, p. 1-12. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/lista_area_DT4-CI.htm> Acesso em: 7 set. 2023.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CUNHA, Rosa Maria Cardoso da. Comissão Nacional da Verdade: impulso à democratização ou fator de retrocesso? In: TELES, Edson; QUINALHA, Renan (org.). **Espectros da ditadura**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 100-116.

DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-10.

DIAS, André Bonsanto. Um Brasil (em) Paralelo: as “verdades” da ditadura e sua historicidade mediada como um empreendimento político. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, XII., 2019, Natal/RN. **GT - Historiografia da Mídia**. Natal: [s. n.], 2019. p. 1-16. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-historiografia-da-midia>. Acesso em: 7 set. 2023.

DOS SANTOS SILVA, N.; MORIGI, V. J. Fluxo Transmidiático: entre as possibilidades de discutir a recepção no ambiente de mídias. **Rizoma**, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2015.

FERRO, M. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 202-203.

FICO, Carlos. Violência, repressão e sociedade. In: FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais**. [S. l.]: Editora Contexto, 2015. p. 61-87.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

FISHER, M. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo, Hucitec, 1985.

HAASS, Richard N. Think Tanks And U.S. foreign policy: a policy-maker's perspective. **U. S. FOREIGN POLICY AGENDA**, Columbia, v. 7, n. 3, p. 5-8, 2002.

HALL, S. Encoding/decoding. In: HALL, S.; LOWE, A.; WILLIS, P. (Eds.). **Media, language: Working papers in cultural studies**. London: Hutchinson & Co., 1980. p. 128–138.

JELIN, E. **La lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2017.

KELLEY, Robert. Public History. Its origins, nature and prospects. **The Public Historian**, v.1, n.1, p.16-28, 1978.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **LÍBERO**, [s. l.], ano 6, v. 6, n. 11, p. 4-15, 15 abr. 2004.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Bauru, SP: Editora da Universidade do Segredo Coração, 2001.

KELLNER, Douglas. **Media Culture: Cultural Studies, Identity, and Politics in the Contemporary Moment**. 2. ed. [S. l.]: Routledge, 2020. 326 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo. Estudos Sobre História**. Rio De Janeiro: Contraponto, 2014. p. 352

LOPES, M. I. V. de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 16, n. 2, 1993.

MATTOS, Marcelo Badaró. **As origens: Jornadas de Junho e crescimento das lutas da classe trabalhadora**. In: DEMIER, Felipe; HOVELER, Rejane (orgs). **A Onda Conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro. Mauad-X, 2016.

MELLO, R. M. DE . Variedades de Escritas da História no Brasil contemporâneo: Uma proposta formal de triagem preliminar. In: BORGES, R. F. **Teoria da História e História da Historiografia: Novas Abordagens**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2023. v. 129p. 108.

MELO, Demian Bezerra de. Ditadura “Civil-militar”?: Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do Tempo Presente. **Espaço Plural**, Mal. Cândido Rondon, ano XIII, n. 27, p. 39- 53, 2º Semestre 2012.

MISES, Ludwig von. **As seis lições**. 7. ed. [S. l.]: Hayek Global College, 1989. p. 105.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.

MOURÃO, Mônica. A verdade da direita: a produção audiovisual de memória sobre a ditadura de 1964. **AVANCA CINEMA JOURNAL**, ESPM Rio, p. 432-440, 14 out. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, Londrina, v. 8, n. 15, p. 9-44, nov. 2015

NICHOLS, Bill. **Introdução do documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

OGASSAWARA, J. S.; BORGES, V. T. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 80, 1 abr. 2019.

PADRÓS, Enrique Serra. História do Tempo Presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30- 45, jan/jun. 2009.

PAULANI, Leda. **Neoliberalismo e individualismo**. Economia e Sociedade, Campinas, dez.1999, p. 115-127.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo: uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, Florianópolis, SC, v. 10, n. 1, p. 101-110, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/rebela/revista/artigo/os-mitos-da-brasil-paralelo-uma-face-da-extrema-direita-brasileira-2016-2020>. Acesso em: 6 set. 2023.

PETRILÁK, Vladimír; KRAENSKI, Mauro. **1964: O elo perdido**. O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. Campinas: VIDE Editorial, 2017.

REICHER, M. E. **Introdução à estética filosófica**. [s.l.] Edições Loyola, 2009. p. 216

ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff. **DADOS**, v. 62, p. 1–42, 2019.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: todavia, 2021.

ROCHA, J. C. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S. Cultura da mídia, Cultura do Consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **LOGOS: Tecnologias de Comunicação e Subjetividade.**, Rio de Janeiro - RJ, ano 16, p. 48-59, 1 semestre 2009.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: Uma Teoria da História Como Ciência**. Curitiba, Paraná: Editora UFPR, 2015. p. 324

SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil -Sentidos e itinerários**.São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de Representação. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, ano 3, n. 6, p. 27-53, dezembro 2011.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. MIRANDA, João Elter Borges Miranda. **Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.9).

SARKAR, Bhasar, WALKER, Janet. (org.). **Documentary Testimonies: Global Archives of Suffering**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2010.

SCHRAMM, Luanda. Comunidades interpretativas e estudos de recepção. In: JACKS, N.; SOUZA, M. C. J. de (Eds.). **Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade**. Salvador: Edufba, 2006. p. 214.

SILVA, Nathália dos Santos; MORIGI, Valdir Jose. Fluxo transmidiático: entre as possibilidades de discutir a recepção no ambiente de mídias. **Rizoma**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 81-93, 2015

TELES, Edson; QUINALHA, Renan (org.). **Espectros da ditadura**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

VALIM, Alexandre Busko. História e cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2012. cap. 15, p. 283-300.

Dissertações e teses:

ALMEIDA, V. A. **Brasil Paralelo: um estudo sobre a reconstrução da memória social**. Orientador: Vitor Amorim de Angelo. 2022. 126 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade de Vilha Velha, Vilha Velha, 2022.

ARAUJO, Douglas da Silva. **Histórias e Mitos de um “Brasil Paralelo”**: aparelho de ação político-ideológica na “guerra cultural” da nova direita. Orientador: Tatiana Silva Poggi de Figueiredo. 2023. 333 f. Dissertação (Mestre em História) - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói, RJ, 2023.

CARVALHO, Roldão Pires. **História, Comunicação e Ideologia** – a propaganda do Ticket Conservador-liberal. Orientador: Profa. Dra. Mara Rovida Martini. 2019. 147 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura.) - UNIVERSIDADE DE SOROCABA, Sorocaba, São Paulo, 2019.

LACERDA, Milena Carlos de. **“Mais família, menos Estado”**: o agenciamento das questões de gênero e sexualidade pela extrema direita brasileira. Orientador: Carla Cristina Lima de Almeida. 2023. 278 p. Tese (Doutora em Serviço Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SANTANA, Elís Saraiva. **Memória, História Pública e legitimação da Ditadura Militar em vídeos e comentários no YouTube**. Orientador: Lívia Diana Rocha Magalhães. 2021. 116 p. Dissertação (Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade) -

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista - BA, 2021.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e “Guerra Cultural”**: “Brasil Paralelo” e a hegemonia das Direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). Orientador: Rodrigo Ribeiro Paziani. 2021. 147 f. Dissertação (Mestre em História) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ, Marechal Cândido Rondon, PR, 2021.

Sites, redes sociais e outras mídias digitais:

A carta de militares da reserva convocados a depor. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2014/09/nao-colaboro-com-o-inimigo-diz-militar-convocado-pela-comissao-da-verdade;>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

A formação de “comissões paralelas”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120515_comissao_verdade_pc>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BOLL, J. **Usuários criam campanha contra rede de cinemas após salas exibirem “1964, o Brasil entre Armas e Livros”**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2019/04/usuarios-criam-campanha-contra-rede-de-cinemas-apos-salas-exibirem-1964-o-brasil-entre-armas-e-livros-cjtyuwrbg02do01pn32t2xmkc.html>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BOLSONARO, E. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1092846576299622402?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1092846576299622402%7Ctwgr%5E145918b3c0553ab357a6a328ba54499814ae9882%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.poder360.com.br%2Fcongresso%2Feduardo-bolsonaro-divulga-documentario-pro-ditadura-militar%2F>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Brasil Paralelo Sobre Disponível em: <<https://www.linkedin.com/company/brasil-paralelo/about/>>. Acesso em: 04 maio 2024

BRASIL PARALELO. **O Brasil Paralelo estará no Fórum da Liberdade!** Disponível em: <https://www.facebook.com/brasilparalelo/posts/o-brasil-paralelo-estar%C3%A1-no-f%C3%B3rum-da-liberdadehoje-inicia-o-maior-f%C3%B3rum-de-ideia/520691271653882/?locale=pt_BR>. Acesso em: 4 maio. 2024

CARVALHO, Olavo de. . **Karl Marx na fonte da juventude**. [S. l.], 30 jul. 2007. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/tag/guerra-cultural/>. Acesso em: 18 jul. 2023

CARVALHO, Olavo de. **Perdendo a guerra cultural**. [S. l.], 18 fev. 2008. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/perdendo-a-guerra-cultural/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Cinemark emite nota de esclarecimento após exibição de filme sobre 1964. Correio Braziliense. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/02/interna->

brasil,746968/cinemark-emite-nota-de-esclarecimento-apos-exibicao-de-filme-sobre-196.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser “a Disney brasileira”. Disponível em: <<https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>>.

Comissão da Verdade: Conheça as 29 recomendações do relatório. BBC News Brasil, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_recomendacoes_comissao_1k>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Ditadura militar - Repórter do CQC em evento dos militares em 2012. Disponível em: <https://youtu.be/_q7Wwdr0F7s>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ&t=515s>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Entrevista com produtores de “1964: o Brasil entre armas e livros” | The Noite (05/04/19), 05 de abril 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/-cbyRJnZExk>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=503742456682097&set=a.311764282546583>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

GRANJEIA, J.; ALMEIDA, R. Por Dentro da máquina do Brasil Paralelo para dominar as buscas no Google. **Núcleo Jornalismo**, 31 jan. 2023. Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Henrique Viana (Brasil Paralelo) - LíderCast. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Pré-estreia do episódio Impeachment: do apogeu à queda - São Paulo em São Paulo - Sympla. Disponível em: <<https://www.sympla.com.br/evento/pre-estreia-do-episodio-impeachment-do-apogeu-a-queda-sao-paulo/124213?fbclid=IwAR0niK0g3rR2a0SPs5RMCxC0X0RydE9YJjnY6H-DqJJPFTJt6umBi8CPZf4>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Pronunciamento de Bolsonaro no Palavra Aberta (2012). Disponível em: <www.camara.leg.br/tv/370317-dep-jair-bolsonaro-pp-rj-comissao-da-verdade/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

REDAÇÃO BOLETIM. **Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet.** Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>>.

Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo? Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm_medium=%2Fartigos%2Feducacao-no-brasil>. Acesso em: 29 mar. 2024.